

**ANA CIMBLERIS**

**Utilização de Plantas Medicinais no Assentamento  
*Ho Chi Minh* (MG), do MST: Pesquisa-Ação.**



*Assentamento Ho Chi Minh*

Belo Horizonte - MG  
Faculdade de Farmácia  
Universidade Federal de Minas Gerais  
2007

**ANA CIMBLERIS**

**Utilização de Plantas Medicinais no Assentamento  
*Ho Chi Minh* (MG), do MST: Pesquisa-Ação.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Farmacêuticas.

Orientador: Prof. Dr. Edson Perini

(Dep. Farmácia Social – FAFAR/UFMG)

Co-orientadora: Profa. Dra. Djenane Ramalho de Oliveira

(Dep. Farmácia Social – FAFAR/UFMG)

Belo Horizonte - MG  
Faculdade de Farmácia  
Universidade Federal de Minas Gerais  
2007

C573u Cimbleis, Ana.  
Utilização de plantas medicinais no assentamento Ho Chi Minh (MG), do MST: pesquisa-ação / Ana Cimbleis. – 2007.  
180 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Edson Perini.  
Co-Orientadora: Profa. Dra. Djenane Ramalho de Oliveira.  
Dissertação – (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Farmácia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas.

1. Ervas – Uso terapêutico – Teses. 2. Flora medicinal – Teses.  
3. Pesquisa - Metodologia– Teses. 4. Pesquisa qualitativa – Teses.  
I. Título. II. Perini, Edson. III. Oliveira, Djenane Ramalho de. IV.  
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Farmácia.

CDD: 615.537

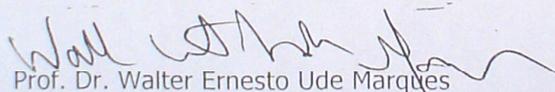
## FOLHA DE APROVAÇÃO

*"Utilização de plantas medicinais no  
assentamento Ho Chi Minh (MG), do  
MST: Pesquisa-Ação"*

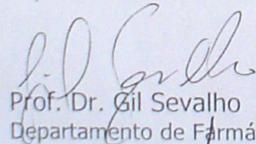
**Ana Cimblaris Alkmin**

Dissertação defendida e aprovada em 12/07/2007 pela  
Comissão Examinadora constituída pelos seguintes

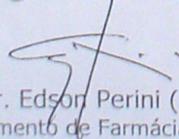
- membros:



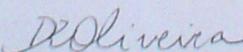
Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques  
Departamento de Ciências Aplicadas à Educação – Faculdade de Educação – UFMG



Prof. Dr. Gil Sevalho  
Departamento de Farmácia Social – Faculdade de Farmácia – UFMG



Prof. Dr. Edson Perini (Orientador)  
Departamento de Farmácia Social - Faculdade de Farmácia – UFMG



Profª Drª Djenane Ramalho de Oliveira (Co-Orientadora)  
Departamento de Farmácia Social – Faculdade de Farmácia – UFMG

## Agradecimento especial ao Coletivo TERRAS

Tantas pedras no caminho  
Curvas, espinhos  
Caminhos complicados de serem percorridos sozinhos  
Às vezes, tudo que falta é um trecho com apenas TERRAS  
Para caminhar tranqüila  
TERRAS ou SEM TERRA  
Dizem: Te catas, te enterras  
Pois apenas se morres  
Não mais erras  
Sinto-me sem chão  
São tantas as guerras  
Que me sinto SEM TERRAS  
Mas vocês me apóiam cada vez  
Obrigada, colegas!

TERRAS, construído tijolo a tijolo por cada agente que passou e passa por essa iniciativa de tanto Amor.

Bianca, pela grande amizade, confiança, pelas longas conversas sobre essa pesquisa, por me apresentar às famílias do assentamento *Ho Chi Minh...* Enfim, por possibilitar esse trabalho, acompanhando-o com tanto carinho: não teria acontecido sem você!

Mariana Gonçalves e Paulo Tarso, pela amizade e por toda a colaboração na fase inicial dessa pesquisa.

Fabrcio, pelas valiosas polemizações.

Letícia e Talitha, pelo carinho e pela contribuição na transcrição de uma parte das fitas gravadas durante a realização dessa pesquisa.

Guilherme Coda, pela paz e fé. Ah, sim, pelas transcrições também!

Bernardo Vaz, exemplo de compromisso social.

Erlly do Prado, por continuar lutando.

Na pessoa da sempre solícita Firmínia, agradeço também o Diretório Acadêmico João Ladeira de Senna (Faculdade de Farmácia). Desse mesmo D.A., também é necessário mencionar o Ênio e a Bia, que não são do TERRAS mas são farinha do mesmo saco!

Na pessoa do sempre ativo Jarbas Vieira, agradeço também o Diretório Acadêmico Marina Andrade Resende (Faculdade de Enfermagem), catalisador exemplar do diálogo entre a Universidade e os Movimentos Sociais.

Rodrigo, Igor Minhôco, Lucas, Júlio, Ramon, Laila, Sofia, Danielle, Ana Penido, Bernardo Aleixo, Alessandra, Marco Túlio e Bruno Pedralva, pessoas incríveis com as quais tive a chance de conviver ao longo da execução desse trabalho e que em muito contribuíram para a sua configuração.

Franco e Bruno Pedersoli, amigos do TERRAS.

Guilherme Barros, pela dedicação com que contribuiu no dia da defesa dessa dissertação e pelo carinho com que viabilizou que sua impressão fosse colorida. Pelo amor com que seguiremos juntos em nossa sinuosa e bela jornada de compreensão do mundo.

## AGRADECIMENTOS

Deus, por continuamente transformar minha vida de uma maneira maravilhosa.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, por existir e resistir, rumo a um novo mundo. Por ocupar, resistir e produzir!

Assentados e assentadas do *Ho Chi Minh*, que me receberam de braços abertos, em especial:

Maria de Lourdes, Elizeu, Edson e Cassiane, grandes pessoas e amigos.

Marilene e Antônio, doces e firmes na luta.

Narli e Toninho, com sua exemplar capacidade de compreensão da realidade.

Maria do Carmo, um grande exemplo da força da mulher.

Zequinha, Seu Luiz, Ronaldo e Zé Rosa, homens incríveis.

Aos técnicos de produção do MST Alexandre, Sebastião, e em especial Marcelo Corisco, cuja vontade de ver o Movimento crescer transborda, e veio por fim derramar sobre mim.

Mário, pelas contribuições no exercício de delineamento dos objetivos dessa pesquisa.

Brigada Lara Lavelberg, pelo voto de confiança.

Bruno, meu filho, por ter me permitido compreender a beleza de cuidar dos outros, cerne da motivação para a realização dessa pesquisa.

Claudia Cimbleiris e Maíra Cimbleiris, mãe e irmã, minhas referências. Uma por todas e todas por uma, sempre!

Toda a família: tios/as, tios/as-avós e primos/as. Em especial avó Teca e Joana, por todo o apoio, confiança e carinho.

Borisas, meu falecido avô, que eu gostaria de deixar orgulhoso!

Cristiano, Luisa, Ana Maria, Lucas, Sílvia e Yasmini: grandes amigos e amigas, sempre!

Professora Dra. Djenane, por ser um exemplo de profissional farmacêutica e por me apresentar para a ciência crítica, pela qual me apaixonei.

Professor Dr. Edson, pela confiança que teve em mim ao aceitar o desafio de orientar essa pesquisa-ação.

Professor Dr. Gil, pelas diversas trocas de idéias que em muito contribuíram para essa pesquisa.

Demais professores/as do Departamento de Farmácia Social da Faculdade de Farmácia da UFMG, pela dedicação em fazer dessa instituição um lugar mais humano.

Professor Dr. Walter Ude, da Faculdade de Educação da UFMG, pelas importantíssimas contribuições que trouxe à pesquisa com seu olhar crítico.

Professora Dra. Maria das Graças Lins Brandão, do Departamento de Produtos Farmacêuticos da Faculdade de Farmácia da UFMG, por ter me ensinado com propriedade o lado negativo da construção do conhecimento.

Funcionários/as da Faculdade de Farmácia da UFMG, em especial Rose (Secretaria de Pós-Graduação), Cornélio e Carmem (Biblioteca), pela atenção e carinho que sempre tiveram comigo.

Robledo Mendes e Igor Conde, membros do Grupo de Agricultura Ecológica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e da Federação Anarquista do Rio de Janeiro, pelas longas conversas e contribuições. Vocês contribuíram mais para esse trabalho do que podem imaginar!

Kiki, da Secretaria de Saúde, sempre solícita.

Carlos e Robson, do SITRAEMG, pela consciência social e pelo esforço em fomentar as trocas entre os/as trabalhadores/as sindicalizados e os Movimentos Sociais.

Tantinha e Fernando do Ervanário São Francisco de Assis, por fazer, através do amor, desse mundo um lugar melhor.

Comissão político-pedagógica, comissão organizadora, estagiários/as e agregados/as do Estágio Interdisciplinar de Vivência de Minas Gerais (EIV-MG), por vir plantando sementes de transformação social.

*Assim eu planto meu milho, assado eu como meu frango  
Trabalho em terra de outro não dá liberdade ao povo  
Assado eu quero trabalhar. Assim não dá pra ficar  
Vendendo o meu suor pro latifúndio acumular  
Assado eu não fico, assim eu vou pra mudar  
Com muita luta e força, assado eu vou transformar  
E se assado não der, assim vou recomeçar...*

Música da Brigada Ciranda Assim-Assado (III EIV, 2006)

*Os grandes dias anunciam-se. A evolução está feita, a revolução não pode tardar. Por sinal, ela não se realiza constantemente sob nossos olhos, por múltiplos abalos? Quanto mais as consciências, que são a verdadeira força, aprenderem a associar-se sem abdicar, quanto mais os trabalhadores, que são a maioria, tiverem consciência de seu valor, mais as revoluções serão fáceis e pacíficas. Enfim, toda oposição deverá ceder, e até mesmo sem luta. Virá o dia em que a Evolução e a Revolução, sucedendo-se imediatamente, do desejo ao fato, da idéia à realização, confundir-se-ão num único e mesmo fenômeno. É assim que funciona a vida num organismo sadio, seja ele o de um homem ou de um mundo.*

Élisée Reclus (2002)

# ÍNDICE

Resumo	10
Abstract	11
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 O UNIVERSO ONDE ESSA PESQUISA SE INSERE</b>	<b>19</b>
2.1 Questão agrária no Brasil	19
2.2 O MST	26
2.3 O Modelo Biomédico	29
2.4 Plantas Medicinais e Agroecologia em Minas Gerais	34
2.5 Saúde No MST	40
2.6 Pesquisa-Ação	45
<b>3 METODOLOGIA</b>	<b>52</b>
3.1 Firmando o compromisso na área	52
3.1.1 Coletivo TERRAS	52
3.1.2 I Encontro Terra Livre: Saúde Como Prática De Liberdade – O primeiro passo...	56
3.1.3 Dia De Saúde no <i>Ho Chi Minh</i>	58
3.2 Coleta de Dados	61
3.2.1 Observação militante	61
3.2.2 Reflexão	62
3.2.3 Diário de campo	63
3.2.4 Fotografias	63
3.2.5 Entrevistas	64
3.2.6 Ações	65
3.3 Sistematização e Análise dos Dados	66
3.3.1 Apresentação dos dados	67
3.4 Aspectos Éticos	68
3.4.1 Rigor	69
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>72</b>
4.1 Estar em campo	72

<b>4.1.1 Primeiro, algumas palavras sobre o ensino na área da saúde</b>	72
<b>4.1.2 Uma concisa apresentação dos/as outros/as pesquisadores/as</b>	74
<b>4.1.3 Abrigo e alimentação</b>	80
<b>4.1.4 Acesso e comunicação</b>	82
<b>4.1.5 Convivendo no <i>Ho Chi Minh</i></b>	84
<b>4.1.6 Envolvimento da comunidade</b>	86
4.1.6.1 Potencialidades	86
4.1.6.2 Obstáculos	88
<b>4.2 Ações prático-pedagógicas</b>	95
<b>4.2.1 Reuniões</b>	95
4.2.1.1 Reuniões da Coordenação, Assembléias e reuniões para estudo	95
4.2.1.2 Reuniões com o Setor de Saúde	96
4.2.1.3 Reuniões da Frente de Plantas Medicinais	97
4.2.1.4 Reuniões do Grupo de Mulheres	98
4.2.1.5 Reuniões do Grupo de Plantas Medicinais	101
4.2.1.6 Reuniões com o Setor de Produção	104
<b>4.2.2 Seminário de Plantas Medicinais</b>	105
<b>4.2.3 Assembléia do Lixo: Ecologia e Saúde</b>	107
<b>4.2.4 Arraial do <i>Ho Chi Minh</i></b>	110
<b>4.2.5 Exibição de Vídeos</b>	113
<b>4.2.6 Implantação das hortas alimentícia e medicinal</b>	115
<b>4.2.7 Caminhada para reconhecimento das plantas medicinais nativas</b>	122
<b>4.2.8 Álbum de Plantas Medicinais do <i>Ho Chi Minh</i></b>	124
<b>4.2.9 Oficina de Preparo de Fitoterápicos</b>	126
<b>4.2.10 Comercialização de plantas medicinais secas</b>	129
<b>4.3 Conhecimento e utilização das plantas medicinais no <i>Ho Chi Minh</i></b>	130
<b>4.3.1 Agroecologia: “Nós veio pra cá pra poder fazer diferente aqui dentro aqui da terra”!</b>	130
<b>4.3.2 Experiências pessoais: “A gente foi criado na roça, a gente sabe disso”.</b>	135

<b>4.3.3 Saúde antes e depois de entrar pro MST: "Aqui no movimento a gente aprende muito isso, né? Ter essa liberdade, que a gente num tem lá fora".</b>	137
<b>4.4 Reflexão sobre o uso da fitoterapia e o uso dos medicamentos "industrializados"</b>	139
<b>4.4.1 Complexo médico-hospitalar: "Toma aqui o remédio aqui, ó".</b>	139
<b>4.4.2 "Remédios do mato" x "remédios de farmácia": "Olha, nós somos seres, entendeu, complexo".</b>	144
<b>5 PERSPECTIVAS</b>	150
<b>5.1 Implantação da Sala de Preparo de Fitoterápicos</b>	151
<b>5.2 Aquisição de mais recursos</b>	154
<b>5.3 Oficina de Preparo de Fitoterápicos no <i>Ho Chi Minh</i></b>	154
<b>5.4 Caminhada para reconhecimento de outras espécies de plantas medicinais do <i>Ho Chi Minh</i></b>	155
<b>5.5 Atenção à Saúde no Campo: Contribuições da Educação Popular</b>	155
<b>5.6 Entrada da pesquisadora para a Brigada Iara Lavelberg</b>	158
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	159
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	164
<b>ANEXO 1 – relatorias do dia de saúde no <i>Ho Chi Minh</i></b>	174
<b>ANEXO 2 – trechos retirados do texto "Sem saúde não há reforma agrária", de Ademar Bogo</b>	176
<b>ANEXO 3 – roteiro de entrevista</b>	177
<b>ANEXO 4 – autorização do MST</b>	178
<b>ANEXO 5 – programação de eventos</b>	179

CIMBLERIS, Ana. **Utilização de plantas medicinais no assentamento Ho Chi Minh (MG), do MST**: pesquisa-ação. 2007. 180p. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Faculdade de Farmácia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

## Resumo

Essa pesquisa teve o propósito de contribuir na organização do conhecimento sobre as plantas medicinais no assentamento *Ho Chi Minh*, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no Município de Nova União – MG, a fim de promover educação, utilização e reflexão, que resultassem em benefícios na saúde dos/as assentados/as. Para tal, optou-se pela pesquisa-ação. Essa pesquisa foi realizada dentro do Coletivo TERRAS, um grupo interdisciplinar que trabalha no sentido de facilitar, animar e cultivar o diálogo entre o saber formal e saber popular. Recursos metodológicos da pesquisa qualitativa foram empregados: observação militante, reflexão, diário de campo, fotografias, entrevistas e ações. Foram simultaneamente trabalhados três aspectos: 1. Elaboração de meios para executar as medidas prioritárias pedagógicas e práticas determinadas pelos/as assentados/as para melhorar a situação do uso das plantas no local; 2. Descrição do conhecimento sobre plantas medicinais corrente no assentamento, registrando o panorama atual da sua utilização; 3. Geração e aprofundamento da reflexão sobre os diversos pontos positivos e negativos do uso da fitoterapia e do uso dos medicamentos “de indústria” pelos/as assentados/as. Ficou perceptível a necessidade e a importância do resgate do conhecimento popular sobre as plantas medicinais para a melhoria do nível de saúde dos/as assentados/as. Há necessidade de abdicar da ingenuidade acadêmica e perceber que a ciência tem não somente o papel de descrever, mas também aquele de transformar realidades. A ampliação da relação dos Movimentos Sociais como o MST e as universidades promove um crescimento mútuo, favorecendo a formação humana dos estudantes universitários (tornando-os profissionais sensíveis à realidade brasileira) e também a formação técnico-científica dos/as militantes dos Movimentos Sociais. O diálogo é fundamental. Essa pesquisa foi mais um pequeno passo dentre outros tantos indispensáveis à libertação de todos/as, na direção de uma sociedade mais justa, participativa e igualitária.

CIMBLERIS, Ana. **Utilization of medicinal plants in *Ho Chi Minh* settlement, from MST: an action-research project.** 180p. Dissertation (Master`s Degree in Pharmaceutical Sciences) – College of Pharmacy, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

## **Abstract**

This research was conducted to contribute to the organization of existing knowledge about medicinal plants among rural workers from the Landless Workers Movement (MST) in *Ho Chi Minh* settlement, in Nova União (Minas Gerais – Brazil), intending to promote education, utilization and reflection that could lead to workers' health improvement. The methodology used was action-research. This research was developed within *Coletivo TERRAS*, an interdisciplinary group, which works to facilitate, animate and nurture the dialogue between formal and popular knowledge. The following qualitative techniques were employed: militant observation, reflection, field journal, photographs, interviews and actions. Three aspects were simultaneously developed: 1. Elaboration of means to accomplish pedagogical and practical actions determined by the settled families to improve local utilization of medicinal plants; 2. Description of the worker's existing knowledge concerning this resource's actual use; 3. Generation and deepening of reflection about the positive and negative aspects of using medicinal plants and industrialized drugs from the perspectives of settled families. The need and importance of rescuing the popular knowledge concerning medicinal plants in order to improve health outcomes of Brazilian people has become obvious in this study. There is a need to give up naiveness and acknowledge that science has not only the role of describing the state of things, but also of transforming reality. Tightening of bonds between Social Movements such as MST and universities promotes a mutual growth that contributes to both university student's humane formation (transforming them in professionals more sensitive to the Brazilian reality) and technical-scientific formation of Social Movement's militants. Dialogue is crucial. This research was one of the many indispensable small steps towards liberation of all, in direction of a fair, participative and equalitarian society.

## 1 INTRODUÇÃO

*Vem, façamos a nossa liberdade/ Braços fortes que rasgam o chão  
Sob a sombra de nossa valentia / Desfraldemos a nossa rebeldia  
E plantemos nessa terra como irmãos.  
Vem, lutemos, punho erguido / Nossa força nos leva a edificar  
Nossa pátria livre e forte / Construída pelo poder popular.*

Ademar Bogo - Trecho do hino do MST (Fernandes, 2000)

Quando entrevistei Maria de Lourdes, após um ano e meio do início da realização dessa pesquisa na área, havia no roteiro da entrevista um item onde eu investigava se a pessoa entrevistada não tinha nada para *me* perguntar. Maria de Lourdes me fez então a seguinte pergunta:

**Por que assim que cês envolveu assim com esse negócio do Movimento? (...)**  
Tipo assim, se envolveu assim com o Movimento, por que (...) conviver, (...), chegar aqui e ficar aqui convivendo, juntamente com nós, dormir aí, (...) dormir na barraca com nós, ficar junto com nós na barraca... (...) Porque tem pessoas na Universidade, que eles... (...) Nem gosta de ouvir falar, né? De... (...) Sem Terra. (...) E assim, eu acho muito interessante vocês assim, tá na universidade... Às vezes eu pergunto pra algum de vocês, (...) por quê que cês envolveu assim, gostou disso, porque já tinha alguma coisa a ver, né?

Maria de Lourdes, 26/10/2006

Respondi que eu estava apaixonada pela proposta de construir um mundo novo que o Movimento trazia, e de como eu estava envolvida com as famílias da área. Mas acho que não expliquei pra ela de verdade o porquê de eu ter me envolvido com esse “*negócio do Movimento*”...

A minha história de vida tem como marcos as diversas lutas que já fiz, por diversas razões e emoções que me moveram (e ainda movem) rumo à transformação social. Grupos de mulheres, grupos de teatro alternativo, movimento por direitos animais, movimento punk, movimento anarquista, luta antimanicomial, luta anti-homofobia, movimento anti-racismo, ocupações urbanas, discussões sobre pedagogia libertária e tantas, tantas outras.

Após graduar-me como farmacêutica, queria aprender mais sobre as plantas medicinais, tema de extrema importância que, ao meu ver, foi pouco tratado durante a graduação. Eu encontrava no trabalho com esse recurso terapêutico a minha missão no mundo. Busquei então o Laboratório de

Farmacognosia, do Departamento de Produtos Farmacêuticos da Faculdade de Farmácia da UFMG para realizar meu mestrado.

Por diversas razões fui forçada a desistir de realizar o projeto que desenvolvia. Após essa desilusão, eu me encontrava completamente frustrada e desapaixonada pela ciência. Eu me perguntava: Qual é o papel da ciência? Será que ela tem algum papel além da dominação de uns pelos outros e da construção do *status quo* dos/as cientistas que por meio dela se firmam?

Nessa época, dois amigos dos tempos da graduação, Rodrigo Machado e Bianca Rückert, integravam um grupo de extensão cujo objetivo era trabalhar saúde popular junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Os caminhos que eles percorreriam para executar essa meta ainda não estavam claros. Voltando do II Estágio Interdisciplinar de Vivência em Áreas de Reforma Agrária de Minas Gerais, apresentaram o que conheceram sobre a realidade do MST, sensibilizando-me mais do que podem imaginar.

Construí, conversando com Bianca e Rodrigo, uma oficina sobre plantas medicinais a ser oferecida para uma área de acampamento ou assentamento do MST onde eles viessem a estabelecer trabalho. Dava-me imensa alegria construir essa oficina. A simples possibilidade de realizar esse trabalho preenchia-me de satisfação profissional. Aí me ocorreu: poderia eu transformar essa oficina no meu mestrado?

Migrei para outro departamento dentro da Faculdade de Farmácia da UFMG, o incrível departamento de Farmácia Social. Perguntei à professora Dra. Djenane Ramalho de Oliveira, que demonstrou em suas aulas uma grande sensibilidade e humanidade, se ela poderia me orientar. Ainda não estava claro qual poderia ser a pesquisa. Afinal, eu só tinha em mente a realização da oficina e a vontade de contribuir com as famílias do MST!

Djenane me perguntou qual era a minha pergunta de pesquisa, e eu disse que não era bem uma pergunta. Expliquei pra ela, com um tom de insegurança (já que não achava que minha pergunta era “científica”) que na verdade eu queria colocar o conhecimento que eu tinha sobre as plantas medicinais a serviço do MST, para transformar a realidade das pessoas desse Movimento. Ela respondeu: “Então se trata de uma pesquisa-ação!” Minha expressão facial nem mudou muito, visto que eu não tinha a menor idéia do que seria aquilo. Na mesma hora, ela me emprestou um livro de Michael

Thiollent (2003). Li-o por inteiro naquele mesmo dia, perplexa com todo o maravilhoso universo da ciência crítica que se abria à minha frente, sobre o qual eu nunca havia ouvido falar até aquele momento. Djenane, no entanto, não poderia ser minha orientadora, mas disse que adoraria ser minha co-orientadora.

Em seguida, procurei o professor Dr. Edson Perini, que corajosamente assumiu esse desafio ao meu lado. Esse é também o primeiro contato do professor Edson com a pesquisa-ação. Aliás, esse é o primeiro contato da Faculdade de Farmácia com a pesquisa-ação, acho importante mencionar isso. Ao menos um pé de página eu gostaria de ter lido sobre esse tipo de ciência durante a graduação. De qualquer modo, sinto-me privilegiada por ter tido a chance de encontrá-la, mesmo mais tardiamente.

Ao meu ver, discussões epistemológicas não são matéria exclusiva para cientistas sociais, mas para os/as cientistas de quaisquer áreas. O/a pesquisador/a farmacêutico/a, como todos/as os/as demais pesquisadores/as, deveria ter a possibilidade de contribuir na transformação da realidade e não apenas na manutenção ou descrição estanque das estruturas vigentes. (Farmacêuticos/as, posicionemo-nos!).

Expectativas ao começar a pesquisa? Eu esperava que assentados/as e acampados/as do MST de origem urbana teriam necessidade de aprender sobre as plantas medicinais. Isso era apenas uma parte da verdade. Em minha arrogância e formação tecnocrata, não imaginava o quanto *eu* tinha para aprender com eles sobre esse assunto! Acreditava que para a realização do mestrado eu teria uma grande demanda de conhecimentos específicos em fitoterapia. No entanto, a principal demanda que eu tive foi de conhecimentos sobre organização social, que se mostrou o caminho para contribuir com a utilização de plantas dentro do MST. Foi esse o grande desafio da presente pesquisa.

Diversas substâncias farmacologicamente ativas foram descobertas a partir da observação do uso das plantas medicinais pelos/as índios/as brasileiros/as, desde a época do descobrimento do país. O Brasil não apenas tem uma enorme biodiversidade, como também uma enorme sociodiversidade,

devido à nossa origem mista. Há uma riqueza de práticas populares presentes na medicina tradicional associada às plantas. Apesar da riqueza química e terapêutica associada às plantas medicinais e à medicina tradicional a elas integrada, as mesmas vêm sendo pouco aproveitadas pela própria população brasileira.

Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2006), 80% da população mundial depende da medicina tradicional para atender a suas necessidades básicas de tratamento de saúde. Obstante essa história e riqueza socioambiental, no Brasil não se utiliza esse recurso terapêutico em todo o seu potencial. Na Alemanha, os fitoterápicos estão em 30% das receitas médicas. No Brasil, esse total não chega a 5% (ALMANAQUE BRASIL SOCIOAMBIENTAL, 2005). Apesar da freqüente descrença da própria classe médica na eficácia desse recurso tradicional, os fitoterápicos representam aqui uma alternativa de tratamento devido ao alto custo dos medicamentos industrializados.

A retomada ao uso oficial de Plantas Medicinais teve como marco importante, além da Declaração de Alma Ata, a reunião realizada em 1977 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que resultou na Declaração de Chiang Mai e teve como máxima: “salvem plantas que salvem vidas” (MAPA, 2006). Diversos estudos têm sido realizados no país visando verificar a extensão do uso de plantas, além de identificar as espécies mais usadas. Levantamentos etnobotânicos vêm sendo realizados junto a populações isoladas, onde o acesso aos recursos médicos é menor ou inexistente (DI STASI et al, 1994; 2002; ELISABETSKY; SHANLEY, 1994).

A OMS reconheceu que plantas utilizadas há séculos têm valor como recurso terapêutico e devem ser aproveitadas. A integração da medicina tradicional nos aparelhos de saúde públicos e o estabelecimento de sistemas para regulamentar e registrar esses produtos está se tornando uma prioridade (MAHADY, 2001; OMS, 2004). A OMS determinou apoio especial às práticas relacionadas às medicinas tradicionais chinesa (acupuntura e fitoterapia), indiana, arábica e a medicina praticada pelos índios americanos (OMS, 2004). Dentro desse contexto, valorizar o potencial farmacológico de plantas medicinais utilizadas na medicina tradicional brasileira se torna de grande relevância. Foi aprovada em junho de 2006 a Política Nacional de Plantas

Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), que dentre outras diretrizes, promove e reconhece as práticas populares de uso de plantas medicinais e fitoterápicos, sendo uma de suas estratégias as ações de transmissão de conhecimento tradicional entre gerações (BRASIL, 2006).

Do ponto de vista social, é interessante que as plantas medicinais sejam usadas em uma outra lógica, aquela de promoção da autonomia dos agentes sobre sua saúde, através do empoderamento destes através do resgate e da difusão das técnicas que na verdade vieram do próprio povo e foram re-significadas no meio científico. Infelizmente, não é discutido um modelo para a saúde no campo ou para aqueles que vivem às margens do atual sistema econômico, como as comunidades de ciganos ou moradores de favelas (PAIXÃO, 1986; SILVA *et al.*, 2000). No Brasil de hoje, é inviável que os pacientes dependam sempre dos médicos para cuidar de sua saúde. Haak (1989) já defendia que a automedicação deveria tornar-se uma parte importante da assistência primária à saúde, através da socialização do conhecimento técnico. É importante que existam estratégias educacionais dirigidas aos pacientes a fim de promover melhor compreensão dos limites do papel dos medicamentos (MENDES, 1995), e também a promoção da troca dos conhecimentos populares em saúde.

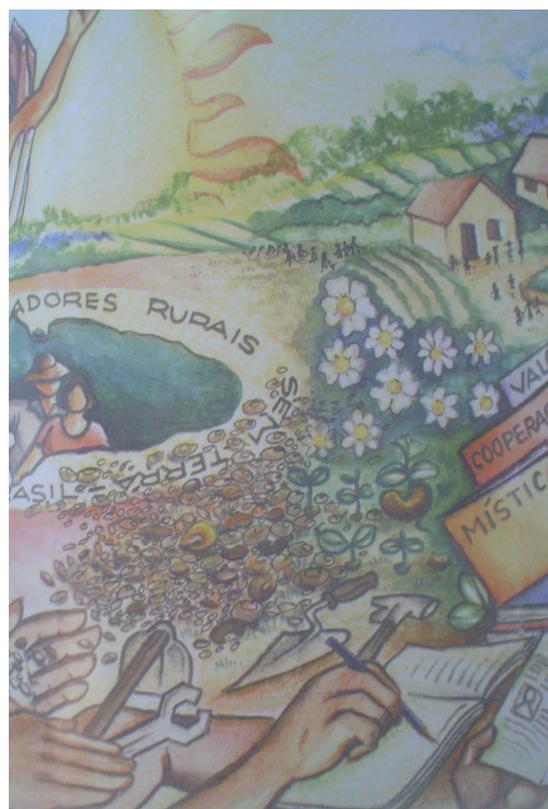
O resgate do uso das plantas medicinais e a educação popular para o uso destas são estratégias muito importantes para populações que saem do meio urbano e vão para o meio rural, visto que essas pessoas muitas vezes não aprenderam como utilizar esse recurso terapêutico, e muitas vezes, é o único ao qual têm acesso tanto pela distância dos locais de venda e distribuição nos centros urbanos quanto pela inacessibilidade econômica de outras soluções.

O novo público da reforma agrária, muitas vezes não é rural, mas sim urbano, proveniente das periferias das cidades. O assentamento *Ho Chi Minh*, onde ocorreu a presente pesquisa, é um exemplo disso. Por outro lado, a maioria das pessoas que atualmente vivem nas periferias dos grandes centros urbanos tem origem camponesa (I ENCONTRO TERRA LIVRE, 2005). O trabalho sobre plantas medicinais faz-se extremamente necessário neste contexto, pois permite que informações sejam resgatadas antes que desapareçam da memória popular.

Uma forte característica do MST é ser um movimento elaborado pela práxis. Quando se estabelece uma atividade, ela é elaborada por meio da ação e da experiência, e não de um projeto previamente construído. Devido às necessidades, novas frentes são criadas. Assim, o estudo e a reflexão devem ser práticas permanentes neste movimento (MORISSAWA, 2001).

Em concordância com os princípios do MST, estão aqueles da pesquisa-ação, que se mostra um método adequado para colaborar para a organização do conhecimento popular e para o planejamento de ações pertinentes. A pesquisa-ação, tipo de pesquisa concebida e realizada em associação com a resolução de um ou mais problemas coletivos, implica em cooperação entre pesquisadores/as e participantes da comunidade (THIOLLENT, 2003). Este tipo de pesquisa é caracterizada por alguns como um projeto político cuja intenção é a liberação ou emancipação de populações marginalizadas e exploradas (CAMERON; GIBSON, 2005).

Essa pesquisa teve como objetivo contribuir para a organização do conhecimento sobre as plantas medicinais no assentamento *Ho Chi Minh*, a fim de promover educação, utilização e reflexão, que resultassem em benefícios na saúde dos/as assentados/as, através de 3 eixos: 1. Elaboração de maneiras de executar as medidas pedagógicas e práticas prioritárias determinadas pelos/as assentados/as melhorar a situação do uso das plantas no local; 2. Descrição do conhecimento corrente sobre plantas medicinais no assentamento, com registro do panorama atual da sua utilização; e 3. Geração e aprofundamento de reflexão sobre os diversos pontos positivos e negativos do uso da fitoterapia e do uso dos medicamentos “de indústria” pelos/as assentados/as.



Setor Nacional de Saúde (2000)

Enfim, o trabalho com plantas medicinais utilizando a pesquisa-ação, além de extremamente adequado ao contexto do MST e do Brasil, serve ao propósito de permitir maior autonomia da comunidade perante um quadro de saúde desfavorável e o reduzido acesso a medicamentos industrializados, e se coaduna com minhas inquietações científicas.



Setor Nacional de Saúde (2000)

## 2 O UNIVERSO ONDE ESSA PESQUISA SE INSERE

*A educação é uma especificidade humana, como um ato de intervenção no mundo. A nossa educabilidade está a um nível distinto daquele do adestramento dos outros animais ou do cultivo de plantas. Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico que meramente repetir a lição dada. Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela.*

Paulo Freire (1997)

A partir de uma visão integradora do “homem em situação” e do enfoque interdisciplinar, não podemos referir-nos ao problema sem antes localizá-lo em seu contexto apropriado (PICHON-RIVIÈRE, 2000). Por isso serão brevemente descritos alguns pontos importantes para a compreensão da presente pesquisa: história da propriedade da terra no Brasil, MST, modelo biomédico, plantas medicinais e agroecologia em Minas Gerais, saúde no MST e pesquisa-ação.

### 2.1 Questão agrária no Brasil

*Sabemos que o capitalista diz não ser preciso ter reforma agrária. Seu projeto traz miséria, milhões de sem terra jogados na estrada. Com medo de ir pra cidade, enfrentar favela, fome e desemprego - Saída nessa situação é segurar as mãos de outros companheiros.*

Zé Pinto (Arte em Movimento, 2002)

A questão agrária na América Latina é resultado de um processo de colonização exploratória, diferente do processo ocorrido no norte da América, onde a colonização se deu com um caráter de povoamento. Vivemos agora na América Latina uma variedade de conflitos que se propõe a desfazer o nó, quase cego, que amarra a história latina. Lutas camponesas pipocam em diversos locais, e dentre essas podemos citar os casos da Nicarágua (desde 1926), da Bolívia (desde 1952), das reformas agrárias em Cuba (desde 1959) e no Peru (desde 1968 realizando um processo de restabelecimento das comunidades indígenas), cuja interrupção culminou com o surgimento de movimentos como o Sendero Luminoso e o Movimento Revolucionário Tupac-Amaru (ambos em 1982). De forma quase permanente, luta-se na Guatemala,

em Honduras e em El Salvador há várias décadas. Na Colômbia, existe o exército de Libertação Nacional, fundado em 1964, e as Forças Armadas Revolucionárias, criadas em 1958. No Equador desenrola-se um processo de revisão da ocupação territorial (desde 1992). No Brasil, dentre outros movimentos sociais, desde 1984, tem destacado-se o MST.

A questão agrária não é um fato particular da história brasileira, mas inscreve-se nos mecanismos que moldaram a colonização dos diversos países latino-americanos. Não há qualquer determinismo histórico que impossibilite a mudança das condições extremamente injustas hoje existentes. A estrutura fundiária de um país espelha a estrutura social deste; a divisão da terra é a expressão física das divisões sociais existentes numa sociedade. Se a riqueza é concentrada e as diferenças sociais são abismais, a estrutura fundiária será necessariamente concentrada (LINHARES; SILVA, 1999).

Desde os primórdios da colonização do Brasil pelos portugueses, a forma como a terra foi distribuída e utilizada resultou em um grave problema agrário. Até a invasão européia, no Brasil, assim como nos demais países americanos, não existia a propriedade privada da terra. Os habitantes do continente tratavam-na como um bem comunal. No embate entre índios e brancos, os primeiros foram dominados e suas terras passaram a ser geridas de acordo com a vontade do colonizador (LINHARES; SILVA, 1999).

A primeira forma de distribuição de terra foi o sistema de capitânias hereditárias, concessões de uso de grandes extensões de terra que a Coroa destinava a donatários amigos e prestadores de serviço à coroa. Esses donatários tinham o direito de distribuir parcelas de suas terras, chamadas sesmarias, àqueles que apresentassem recursos para explorá-las, gerando tributos e, conseqüentemente, lucros para a Coroa. O incentivo à produção de gêneros comercializáveis explica a opção pelo latifúndio monocultor, que caracterizou a economia e a sociedade brasileira por séculos (LINHARES; SILVA, 1999; STEDILE, 1997; 2003).

Em meados do século XIX, iniciou-se por quase toda a América Latina o questionamento das estruturas coloniais vigentes, visto que fazia-se necessária uma modernização econômica. Na verdade, essa modernização objetivava apenas adequar as velhas estruturas às necessidades do mercado capitalista

em expansão. As vastas áreas agrícolas improdutivas, dominadas pelo latifúndio, porém ricas em recursos naturais, e uma vasta população (índios, peões e escravos) à margem dos esquemas de consumo necessários à expansão contínua do capitalismo pareciam aos olhos dos adeptos das *Reformas Liberais* um desperdício (LINHARES; SILVA, 1999).

Em 1850, Dom Pedro II promulgou a 1ª Lei de Terras, determinando que somente poderia ser considerado proprietário da terra quem pudesse legalizar suas terras, pagando por isso em cartórios oficiais. As conseqüências eram, evidentemente, catastróficas. Os grandes senhores vindos do litoral conseguiam registrar em cartório amplas extensões de terra (não haviam limites estabelecidos à grande propriedade), já que não se reconheciam as posses tradicionais e as formas de ocupação comunitárias. Consequiam em seguida, através de incrível violência, expropriar camponeses e índios. Essa lei impediu que os pobres e os escravos libertos (desde 1888, data ano da legalização da libertação dos escravos) pudessem se tornar proprietários, pois não tinham como pagar pelas terras que utilizavam. A dependência pessoal da maioria da população rural em relação aos proprietários de grandes domínios de terras é um traço que marca profundamente a história do século XX, sendo amplamente discutida por Garcia (2003). Devido a essa razão, a maior parte dos antigos escravos teve que ir para cidades como o Rio de Janeiro, Salvador e Recife, formando vilas paupérrimas, sobrevivendo à custa da mendicância e do subemprego. Era o início da formação das favelas atuais (LINHARES; SILVA, 1999; ALBUQUERQUE *et al.*, 2004; GARCIA, 2003; CARNEIRO, 2007).

Em fins do século XIX e início do século XX, ocorreram respectivamente nas regiões nordeste e sul do Brasil as revoltas de Canudos e Contestado, que apesar de pano de fundo nos conflitos sociais tinham de fato mais motivação religiosa do que política.

No início do século XX, o espaço físico e o poder social estão concentrados pelos detentores de grandes plantações voltadas para cultivos destinados aos mercados internacionais, particularmente aos Estados Unidos da América e à Europa. A execução das ordens emanadas das casas-grandes, emitidas por senhores-de-engenho, usineiros ou fazendeiros, supõe o recrutamento de mão de obra sob formas diversas de dominação

personalizada, como nos casos dos moradores de engenho, dos colonos de café ou dos agregados e vaqueiros do interior do país. Só há desenvolvimento de campesinato em áreas periféricas ou marginais à grande lavoura ou expressamente destinadas a fluxos de imigrantes europeus, atraídos por políticas que tinham tanto finalidades econômicas quanto o objetivo de promover o “branqueamento” da população (GARCIA, 2003).

Na constituinte de 1946, o senador Luís Carlos Prestes falou pela primeira vez no Brasil na necessidade de uma reforma agrária (política de distribuição da propriedade da terra pelo Estado), que a concentração de terras nas mãos de uma minoria constituía um grave impedimento para o progresso econômico do meio rural, para a distribuição de renda e para a justiça social. A proposta desse senador sugeria que todas as terras mal distribuídas deveriam retornar ao Estado, para que esse as redistribuísse a quem de fato quisesse produzir. A teoria de Prestes foi derrotada pela ampla maioria conservadora do Parlamento. Mas o debate trouxe como resultado a introdução de novidades na Constituição, instituindo o preceito de que o governo poderia desapropriar terras se isso fosse de interesse social (STEDILE, 1997; 2003).

Na década de 1960, os movimentos camponeses tornaram-se mais fortes e organizados e sob a influência de organizações políticas consolidaram suas propostas. Nessa época surgiram as Ligas Camponesas no nordeste, em paralelo às organizações próximas ao Partido Comunista na União de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB), que deu um impulso decisivo para que o parlamento finalmente votasse o Estatuto do Trabalhador Rural, em 1963. O Movimento dos Agricultores Sem Terra (Máster) também nasceu na mesma década. O movimento de sindicalização rural cresceu significativamente, com a criação de Federações Estaduais e da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura (CONTAG) (ALBUQUERQUE *et al.*, 2004, GARCIA, 2003; COMPARATO, 2001).

Em 1964, o então presidente João Goulart, em um histórico comício político, anunciou que enviaria ao congresso uma lei com o objetivo de desapropriar as grandes propriedades mal-utilizadas que estivessem a até 100 km de cada lado das rodovias federais. Porém, no mesmo mês desse comício o governo Goulart foi derrubado e implantou-se uma ditadura militar. O período de regime militar representou um amordaçamento da questão agrária. O

modelo adotado para o meio rural era de estímulo do capitalismo na agricultura, baseando-se na grande propriedade latifundiária e atrelando-se aos interesses do capital estrangeiro, vinculado com um acelerado processo de industrialização na cidade. As principais organizações camponesas foram proibidas, e seus líderes foram exilados, presos ou assassinados. O debate político, científico e acadêmico foi também silenciado (STEDILE, 1997; 2003; ALBUQUERQUE *et al.*, 2004).

Organizaram-se diversas pastorais da Igreja Católica, algumas progressistas e outras conservadoras, de apoio aos camponeses. A implantação das Comunidades Eclesiais de Base (CEB) por todo o país permite que surjam muitas das iniciativas de mobilizações populares por condições de vida mais digna. A criação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), em 1975, tornou sistemático o trabalho de mobilização junto ao campesinato. Estudantes, intelectuais, e militantes políticos (de diversas religiões, não necessariamente cristãos) viram na nova ação da Igreja Católica um espaço seguro para retomar as tentativas de mobilizações populares. Foi junto à CPT que se renovaram as lideranças do sindicalismo oficial, mesmo antes do fim do regime militar, e foi também aí que se formaram as lideranças mais importantes do MST atual (GARCIA, 2003).

As ações governamentais eram pautadas pelas orientações norte-americanas, o que levou o governo a criar o Estatuto da Terra. O Estatuto da Terra criou o INDA (Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário), posteriormente transformado no INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), que acabou se tornando principalmente um organismo de colonização. Uma atividade que tem sido amplamente desenvolvida por esse órgão são projetos nas regiões desabitadas do Brasil, distribuindo terras da região centro-oeste a amazônica na forma de grandes propriedades. Com o término dos regimes militares, ressurgiram os movimentos sociais dos camponeses, assim como o debate político e intelectual sobre o tema (STEDILE, 1997; 2003). Mas infelizmente, em 1980, 70% do contingente populacional brasileiro já estava no meio urbano (GARCIA, 2003).

Nas raízes do subdesenvolvimento, da pobreza e da desigualdade social do nosso país está o latifúndio. O Brasil é o país do mundo que tem a 10ª pior distribuição de renda, segundo dados do Relatório de Desenvolvimento

Humano de 2006 (RDH, 2006). A estrutura fundiária brasileira é caracterizada por 2,4 milhões de pequenos proprietários (com menos de 10ha), o que equivale a 50% do total de propriedades, mas corresponde apenas a 2% de todas as terras. No outro extremo, 49 mil grandes proprietários de terras (acima de 1000ha), representando apenas 1% das propriedades, possuem 45% de todas as terras agricultáveis no Brasil (CARNEIRO, 2007). Mesmo quando o setor agrícola aumenta a produção, expulsa cada vez mais trabalhadores/as de suas atividades, devido à modernização. Na pequena propriedade, a cada 5 hectares se cria um emprego. No latifúndio, a cada 223 hectares se cria um emprego. A pequena propriedade emprega 43 vezes mais que o latifúndio (STEDILE, 1997; 2003). Entretanto, 74% dos alimentos que nos abastecem vêm dos pequenos e médios produtores (I ENCONTRO TERRA LIVRE, 2005).

A chamada herança colonial, antes de ser o produto de quinhentos anos de arcaísmo e atraso, como dizem alguns, mostra-se claramente como um fruto de um processo perverso de modernização, que reatualizou velhas estruturas, dando-lhes novo vigor (LINHARES; SILVA, 1999). Hoje, a necessidade de uma reforma agrária é amplamente reconhecida, mas como fazê-la é a grande questão.

Os programas de assentamento orientados pelo modelo de reforma agrária de mercado (MRAM) do Banco Mundial existem no Brasil desde 1997, tendo sido criados pelo governo Cardoso e seqüenciados pelo governo Lula. Nesse modelo, nega-se a ação desapropriacionista e redistributiva do Estado. Programas semelhantes, norteados por parâmetros neoliberais, estão também sendo implantados na África do Sul, na Colômbia e na Guatemala, com conseqüência nefastas para a política agrária de cada um desses países. Ao contrário do que vem ocorrendo nesses outros locais, os programas orientados pelo MRAM no Brasil não se enfraqueceram politicamente, projetando o caso brasileiro como a principal – e única – experiência em curso em nível internacional, com aporte de recursos significativo do Banco Mundial e potencial de expansão. Isso fragiliza a posição política das organizações sociais contrárias à ação do Banco Mundial no Brasil e no exterior, especialmente as de caráter rural. Ainda não sabemos se o desdobramento dos programas orientados pelo MRAM no Brasil serão aqueles desejados pelo

Banco Mundial, de dar origem a um novo arranjo de políticas agrárias para os países do sul, ou se desembocarão em fracasso e desmoralização do Banco Mundial e dos governos que implementarem esse modelo (PEREIRA, 2005).

A reforma agrária redistributiva, um modelo oposto ao MRAM, consiste em ação pública que, num curto espaço de tempo, redistribui ao campesinato pobre terras privadas monopolizadas por uma classe de grandes proprietários. Seu objetivo é democratizar a estrutura de propriedade da terra, o que pressupõe transformar as relações de poder econômico e político responsáveis pela concentração fundiária. Isso implica em, sobretudo, defender a desapropriação de terras privadas que não cumprem a sua função social (PEREIRA, 2005). Em um país tão extenso, em 2000, 78% do contingente populacional se encontrava no meio urbano (GARCIA, 2003).

No MRAM, os grandes proprietários de terras são pagos em dinheiro e à preço de mercado, enquanto os compradores assumem integralmente os custos de aquisição da terra e da transação. Muitas vezes esses grandes proprietários são os beneficiados por esses processos, pois conseguem vender suas terras por valores superiores ao preço de mercado. Trata-se de uma mera relação de compra e venda de terras entre agentes privados financiada pelo Estado, que fornece um subsídio maior ou menor conforme o caso. O seu elevado custo impede que o MRAM tenha condições de minimamente atender à magnitude do problema agrário existente. No fim das contas, o MRAM em nada contribui para democratizar a estrutura agrária, pois esse nem é seu objetivo. Além disso, esse modelo em nada se aproxima de qualquer noção de justiça social (ALBUQUERQUE *et al.*, 2004; PEREIRA, 2005).

Sob a ótica dos/as trabalhadores/as: a verdadeira reforma agrária, além da democratização da propriedade da terra, deverá promover também a democratização do comércio agrícola, dos processos agroindustriais, do acesso ao capital e também do conhecimento (STEDILE, 2003). Enfim, condições que possibilitem aos/as camponeses/as viver bem sobre a terra conquistada.

A intencionalidade dessa operação do Banco Mundial é clara: rebaixar politicamente a própria definição de reforma agrária, alargando-a de tal maneira que até mesmo programas de financiamento de compra e venda de terras entre agentes privados passem a ser considerados instrumentos de reforma

agrária. Trata-se de uma redefinição do significado da reforma agrária, em disputa direta com a visão de mundo e a plataforma política dos movimentos sociais, especialmente daqueles aglutinados, desde 1993, nas Américas, na Ásia, na África e na Europa, na Vía Campesina. Esse Movimento engloba 149 organizações de 56 países (PEREIRA, 2005; DESMARAIS, 2007).

## 2.2 O MST

Porque a gente mesmo também faz a gente.

Maria de Lourdes, 16/08/2006



Logo da Via Campesina, bordado em tecido

O MST é um dos movimentos que compõem a Vía Campesina. Em um país de dimensões continentais como o Brasil, no qual a maioria dos partidos políticos é tradicionalmente fraca e regionalizada, os outros atores políticos não podem ser negligenciados. Principalmente quando estão presentes em escala nacional, caso do MST. Um passo importante desse movimento de luta pela terra é estender-se território nacional afora, visto que outros anteriores permaneceram limitados à região onde surgiram. A presença do MST nos editoriais dos jornais mais importantes do país constitui uma das provas da sua relevância como ator político na cena nacional (COMPARATO, 2001).

O MST surgiu em 1984, no “1º Encontro Nacional dos Sem Terra”, após 4 anos de gestação. Neste encontro estavam presentes 80 representantes de 3 estados. A fim de reafirmar a necessidade da ocupação como uma ferramenta legítima dos/as trabalhadores/as rurais e com uma linha política e objetivos definidos, esse movimento cresceu muito até a presente década. O MST é hoje o maior movimento social organizado do mundo, estando presente em 23 dos 26 estados da federação, organizando 1,5 milhão de pessoas com 450 mil famílias assentadas e 120 mil acampadas. O Movimento é capaz de organizar manifestações em duas dezenas de capitais simultaneamente (COMPARATO, 2001; MORISSAWA, 2001; EIV, 2006).

O MST é um movimento de massa, autônomo, popular, que luta para beneficiar diretamente os/as trabalhadores/as sem terra, e indiretamente beneficia os/as trabalhadores/as de modo geral. Este movimento vincula a

discussão política e teórica com a luta concreta. Além de ser um herdeiro da luta de outros movimentos pela terra, como movimentos indígenas, Canudos, Contestado, Ligas Camponesas e outros; mantém articulação com outras organizações, nacionais e internacionais (COMPARATO, 2001; EIV, 2006).

Os objetivos do MST são: construir uma sociedade sem exploradores e explorados; lutar pela reforma agrária para garantir que a terra esteja nas mãos de quem nela trabalha e a serviço de toda a sociedade; lutar pela garantia de trabalho para todas as pessoas com justa distribuição da renda e das riquezas; buscar permanentemente a justiça social e a igualdade de direitos econômicos, políticos, sociais e culturais; difundir os valores socialistas nas relações sociais e pessoais; combater todas as formas de discriminação social e buscar a participação igualitária da mulher, do homem, dos jovens e das crianças; buscar articulação com as lutas internacionais contra o capital e pelo socialismo. A reforma agrária desejada pelo Movimento implica em modificação da estrutura fundiária de maneira a realmente permitir ao agricultor viver bem sobre a terra conquistada (SETOR DE FORMAÇÃO, 2005). Atualmente, as tarefas políticas do MST transcenderam as dimensões da reforma agrária, e assim o seu inimigo deixou de ser apenas o latifúndio. Nas palavras integrantes do relatório do Setor de Produção, Cooperação e Meio Ambiente (SPCMA, 2006) do MST, o inimigo do Movimento passou a ser a burguesia e o imperialismo brasileiro. Ao fazer aliados em vários segmentos da sociedade civil, o Movimento tem demonstrado habilidade política inovadora, contrariando a suposta tradição de passividade e desorganização do povo brasileiro (COMPARATO, 2001).



Bandeiras do MST hasteadas no *Ho Chi Minh*

No MST, a direção é coletiva, descentralizada, e todos aqueles que ocupam algum cargo são dirigentes. A menor unidade política em um assentamento ou acampamento, onde todos os integrantes do Movimento se

inserir, é o núcleo, célula que permite a todas as demais instâncias de articulação funcionarem. É um espaço base de discussão, e tem dois coordenadores, sendo estes preferencialmente um homem e uma mulher. A união dos coordenadores dos núcleos, juntamente com os dois representantes de cada setor (frente de massas; produção, cooperação e meio ambiente; saúde; educação; formação; gênero; comunicação; cultura) e também representantes das equipes (disciplina; direitos humanos; finanças; juventude) compõe a coordenação da área. Os coletivos são diferentes nas áreas, de acordo com as suas necessidades particulares (SETOR DE FORMAÇÃO, 2005). Podem haver também responsáveis pela Disciplina e Segurança de cada área.

A brigada é o conjunto de diferentes partes da organização que se unem para realizar diferentes atividades com o mesmo objetivo, onde se dá a organização dos Núcleos, dos Setores, da Direção e da Coordenação Estadual. Ela é composta levando em consideração o número de famílias em uma determinada região e a distribuição física dessas. Cada brigada abrange em média 500 famílias, distribuindo ao máximo as tarefas entre estas. Em Minas Gerais, há 15 brigadas. O Movimento se organiza nos âmbitos regional, estadual e nacional (SETOR DE FORMAÇÃO, 2005; EIV, 2005).

Além da direção coletiva, é interessante citar os outros princípios organizativos do MST, como o planejamento, a divisão de tarefas, a disciplina consciente, a constante avaliação crítica e a auto-crítica, o estudo e a vinculação da direção com a base (SETOR DE FORMAÇÃO, 2005). As características de organização e hierarquia do Movimento são chamados, pelos seus integrantes, de *organicidade*.

Existem atualmente dezenas de outros movimentos, inspirados no MST ou dissidências dele, como por exemplo o Movimento dos Agricultores Sem Terra (MAST), o Movimento de Libertação dos Sem Terra (MLST) e o Movimento Unido dos Sem Terra (MUST). Dados reunidos por Bernardo Mançano Fernandes em 1999 mostraram que, nessa época, o MST era responsável por apenas um terço das ocupações de terras realizadas no Brasil desde 1996, e representava aproximadamente dois terços das famílias acampadas recenseadas àquele ano. Esses outros movimentos de luta pela

terra disputam, portanto, o mesmo espaço político que o MST. A leitura cotidiana do noticiário político revela, contudo, que o maior adversário do governo nesse campo é o MST. Por isso, o governo tem adotado a estratégia, ao lidar com esse Movimento, de desqualificá-lo, buscando constantemente diminuir a importância e o alcance de suas ações (COMPARATO, 2001).

No entanto, pesquisas de opinião pública mostram realizadas até o começo desse século mostram que o MST conta com o apoio da maioria da população brasileira. O apoio à reforma agrária varia entre 80 e 94%, enquanto aproximadamente dois terços da população considera o MST um movimento legítimo. Durante a marcha à Brasília, em 1997, a popularidade do Movimento esteve no seu auge, chegando a 77% de apoio (COMPARATO, 2001).

O MST conta com grande repercussão internacional, sendo objeto de diversas reportagens, periódicos e emissoras de televisão, sobretudo depois do massacre de Eldorado dos Carajás. Esse movimento acrescentou, nos países desenvolvidos, um quarto ponto na agenda de suas preocupações com o Brasil, até pouco centralizada em três questões: índios, direitos humanos e meio ambiente. Tendo consciência da importância desse apoio externo e da sua influência no tratamento dispensado ao Movimento pelo governo, o MST dedica um cuidado aos contatos com organizações não governamentais internacionais e envia vários de seus militantes ao exterior (COMPARATO, 2001).

### **2.3 O modelo biomédico**

*Numa sociedade superindustrializada a esse ponto, as pessoas são condicionadas a obter as coisas e não a fazê-las. O que querem é ser educadas, transportadas, cuidadas ou guiadas, ao contrário de aprenderem, deslocarem-se, curarem e encontrarem seu próprio caminho. (...) Até por volta do fim de século XIX, mesmo nos países ocidentais, a maioria das famílias aplicava em si mesmas a maior parte das terapias que eram conhecidas. Aprender, deslocar-se, abrigar-se, curar eram atividades que cada um cumpria sozinho com sua família ou com os vizinhos.*

Ivan Illich (1975)

O modelo biomédico constitui o alicerce conceitual da moderna medicina científica. Profundamente enraizado no pensamento cartesiano, neste modelo o corpo humano é considerado uma máquina que pode ser analisada em

termos de suas peças. A doença é vista como um mau funcionamento dos mecanismos biológicos, que são estudados do ponto de vista da biologia celular e molecular. O papel dos médicos é intervir, física ou quimicamente, para consertar o defeito no funcionamento de um específico mecanismo enguiçado (CAPRA, 1989).

A concepção biomédica reduz a doença e a saúde ao contorno biológico individual, separando o sujeito de seu contexto integral de vida (MINAYO, 1997). Ao concentrar-se em partes cada vez menores do corpo, a medicina moderna perde freqüentemente de vista o paciente como ser humano. Em vez de tratarem pacientes que estão enfermos, os médicos concentram-se no tratamento de suas doenças (CAPRA, 1989).

A ciência biomédica tem realizado considerável progresso no sentido de descobrir mecanismos biológicos e desenvolver tecnologias para atuar sobre esses. Entretanto, os mecanismos biológicos só muito raramente são as causas exclusivas de uma doença, e por isso compreendê-los não significa necessariamente que se fez algum progresso significativo na assistência à saúde (CAPRA, 1989). A ciência moderna, que se coloca a serviço da política e da economia vigentes, igualmente não se mostrou capaz de exterminar as desigualdades sociais e os sofrimentos humanos dela decorrentes. Na maioria das vezes ela tem funcionado como instrumento do poder, como aliada da opressão e coatora das liberdades humanas (HAGUETTE, 2003). Esse tipo de ciência é *uma* espécie de avanço, que não é incompatível, mas sim complementar com o avanço da assistência propriamente dita. A biomedicina, assim como o conhecimento acumulado que tem possibilitado a dominação burguesa, continuará sendo uma parte importante da futura assistência à saúde, ainda que integrada numa abordagem mais ampla, holística (CAPRA, 1989; FALS BORDA, 1988).

Vivemos em uma sociedade que não possui um sistema médico socializado. A soma de atos preventivos, diagnósticos e terapias dentro da concepção biomédica, na verdade reduz o nível de saúde da sociedade como um todo, pois reduz a autonomia da população (ILLICH, 1975). A crença por parte das pessoas de que não podem enfrentar a doença sem uma medicina moderna causa à sua saúde enorme desgaste. Cada vez que se compra um serviço médico, compra-se também uma confirmação da sua impotência como

pacientes. Em vez de mobilizar e ativar a capacidade do paciente para livrar-se do mal, ou a comunidade para cuidar dele, a medicina moderna o transforma em espectador mudo e mistificado, que não tem nenhuma parcela de responsabilidade por estar doente ou por recobrar a saúde. Enfim, a pessoa perde a vontade de ser auto-suficiente, e acaba acreditando que a ação autônoma é impraticável (ILLICH, 1975). Tesser (2006) recomenda o convite à interpretação dos/as doentes de seu adoecimento, que faça-lhes sentido, oferecendo explicações compreensíveis sobre causas, tratamentos e prognósticos. Esse autor propõe inclusive que sejam feitas avaliações de risco-benefício terapêutico junto com o/a paciente. É importante também quebrar a ilusão de que sempre se deve chegar a um diagnóstico. Isso evita inclusive que o destino dos doentes seja encerrado com o nome das doenças e sua incurabilidade ou controle, fator que gera frustrações e iatrogenias simbólicas (TESSER, 2006).

Segundo o modelo biomédico, somente o médico sabe o que é importante para a saúde da pessoa, e só ele pode fazer qualquer coisa a respeito disso. O dispendioso ritual da medicina convencional alimenta o seu monopólio (ILLICH, 1975). Os ensaios clínicos têm legitimidade pra dizer o que “realmente” acontece ou não como resultado dos tratamentos, independentemente do que “ache” o paciente (TESSER, 2006). Esse processo se consolida devido ao mito de estar dentro desse modelo o único conjunto de práticas terapêuticas eficazes (MINAYO, 1997).

O grande desenvolvimento dos tratamentos de doenças com medicamentos industrializados permitiu que médicos salvassem inúmeras vidas e aliviassem muito sofrimento, mas, lamentavelmente, levou também ao uso inadequado e abusivo de medicamentos. Tanto por parte dos médicos, através de receitas, quanto por parte das pessoas em geral, através da automedicação orientada estrategicamente pela indústria farmacêutica. Deste modo, nem aqueles que não têm acesso ao atendimento médico escapam aos males da teia biomédica (ILLICH, 1975). É imprescindível trabalhar para desmitificar a potente ação dos quimioterápicos, particularmente os sintomáticos, que tanto atraem e encantam com a promessa de alívio de sintomas. Todos os sintomáticos devem ser evitados (não banidos), visto que seu uso é alienante, estimulador do consumo, da dependência dos fármacos e

da busca de gerenciamento químico de quaisquer sensações e incômodos (TESSER, 2006).

Nas últimas décadas, os problemas relacionados a medicamentos (PRM) tornaram-se um problema de saúde pública de alarmantes proporções, produzindo considerável sofrimento e desconforto para milhões de pessoas. Os PRM são a razão pela qual um em cada três pacientes chega a um serviço de urgência (SANTOS, 2004). Há pacientes que não se contentam em sair de um consultório médico sem uma receita nas mãos. A receita é o ritual final esperado após uma consulta médica (BARROS, 1995). É importante romper com a absolutização do medicamento industrial como recurso terapêutico, que é promovido pelas indústrias farmacêuticas como um elemento capaz de dar conta de todos os paradoxos da existência humana. Rodrigues (2003) alerta para a necessidade de utilizar os medicamentos como um instrumento político que, ao invés de aprisionamentos, seja capaz de produzir espaços de liberdade e singularização. Para ilustrar esse ponto, discutir-se-á brevemente o uso dos medicamentos psiquiátricos, de acordo com esse autor.

O debate entre as diversas correntes da psiquiatria (psicossocial, biológica e a psicológica) tem dado cada vez mais lugar a um discurso apenas biológico. O saber psiquiátrico só tem tido valor quando se adapta ao rigor da metodologia científicista-biologicista-farmacológica. A cada dia, o que anteriormente se considerava características de personalidade convertem-se em doenças. Todos os dias são criadas novas patologias, para as quais se busca uma solução medicamentosa. Há então medicamentos para tratar ejaculação precoce, mau humor, preguiça, distraibilidade e assim por diante. Pretende-se constituir um sujeito sem conflitos, sem angústias, sem limitações. Muitos passam a não mais assumir responsabilidade pelos seus males, seus humores, suas vidas, porque são deprimidos, têm tensão pré-menstrual, transtorno obsessivo-compulsivo ou quaisquer outros rótulos diagnósticos. Justificando seus fracassos ou incapacidades em função desses diagnósticos ou pelo próprio uso de uma medicação, passa-se a ter uma necessidade constante de tutela e proteção pelas famílias e pelos médicos. Esses pacientes são pessoas enfraquecidas, emudecidas, que passam a ser somente aquilo que seus prognósticos e as opiniões dos especialistas dizem que pode ser.

O objetivo do medicamento de corrigir um problema, mas sem tematizar o que está em questão realmente, não passa de um “tapa-buracos”. Por exemplo, ao prescrever-se um ansiolítico para alguém que trabalha sob condições adversas sem refletir sobre essa condição, privatiza-se dessa forma o desconforto, e no fim coloca-se a serviço de uma máquina de produção capitalística (termo que designa produções subjetivas que também podem ocorrer em países não capitalistas) ou, mais do que isso, sendo parte de sua engrenagem.

Fala-se o tempo todo em vencer os limites, qualidade total, superação de obstáculos, mas o que se tem produzido são sujeitos cada vez mais necessitados de cursos, manuais, métodos, dicas, técnicas e medicações. Nas palavras de Rodrigues (2003), “os homens e mulheres pós-modernos realmente precisam do alquimista que possa, ou sustente que possa, transformar a incerteza de base em preciosa auto-segurança, e a autoridade da aprovação (em nome do conhecimento superior ou do acesso à sabedoria fechado aos outros) é a pedra filosofal que os alquimistas se gabam de possuir. A pós-modernidade é a era dos especialistas em ‘identificar problemas’, dos restauradores da personalidade, dos guias de casamento, dos autores dos livros de ‘auto-afirmação’: é a era do surto de aconselhamento”. No fim da linha, o discurso de liberdade de escolha pautado em diversos âmbitos da vida pós-moderna encobre o fato de que a única opção que não é dada é aquela de não consumir.



Setor Nacional de Saúde (2000)

O meio (noção que engloba o modo de vida) é a primeira determinante no estado de saúde global de qualquer população, com as características alimentares, as condições de habitação e de trabalho, a coesão do tecido social e os mecanismos culturais (ILLICH, 1975). Segundo reflexões de Illich ao longo das décadas de 80 e 90, dever-se-ia incluir entre os fatores geradores de iatrogenias a busca patogênica da saúde, onde a mídia toma um papel proeminente em influenciar os pacientes. Isso pode, como anteriormente

descrito, ocorrer independentemente de um profissional da área da saúde (NOGUEIRA, 2003).

Tenha a iatrogenia causas clínicas, sociais ou culturais (incluindo-se aqui algumas práticas autônomas medicalizantes), a real adoção de um conceito holístico e ecológico de saúde (não apenas na teoria, mas também na prática), exigirá, em última instância, uma completa transformação social e cultural (CAPRA, 1989), por exemplo como aquela proposta pelo MST.

## **2.4 Plantas medicinais e agroecologia em Minas Gerais**

*Este folclore muito naturalmente permanece fora da estrutura científica formal construída pela minoria intelectual do sistema dominante, por representar uma infração a suas regras. Assim, por exemplo, os costumes práticos de um curandeiro camponês são inaceitáveis a um médico. E sua inaceitabilidade provém do fato de que ignoram e ultrapassam os esquemas institucionais do médico.*

Orlando Fals Borda (1988)

Minas Gerais era um estado muito rico em plantas medicinais. As florestas cobriam 45% do seu território e os cerrados e a caatinga permaneceram inexplorados até o final do século XVII, uma vez que a colonização portuguesa se concentrava no litoral. A transição da economia brasileira de mineradora para a agrícola levou à crescente expansão econômica para regiões até então preservadas pela presença indígena. Essas atividades econômicas contribuíram para a desestruturação de todo um contexto social, gerando impactos diretos no equilíbrio socioambiental (DEAN, 1996; IV CBA, 2006).

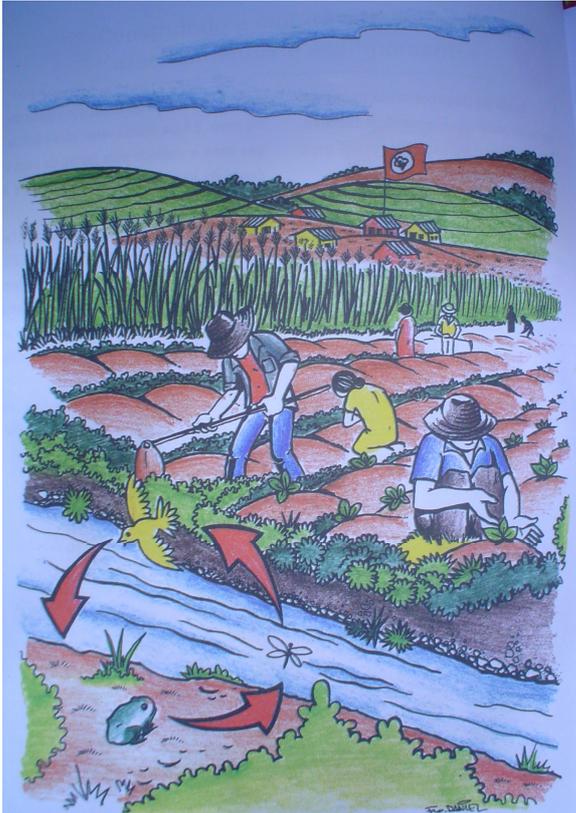
O século XX foi marcado pela industrialização e urbanização do estado, assim como de grande parte do país. Nessa época houve uma rápida substituição da vegetação nativa por pastagens, agricultura e a monocultura do eucalipto. Todo esse processo contribuiu, certamente, para que houvesse uma intensa erosão genética e cultural das plantas nativas de Minas Gerais. O progresso desordenado e a destruição da vegetação nativa contribuíram para que plantas que integravam a medicina tradicional brasileira desaparecessem ou fossem substituídas por outras exóticas ou importadas (DEAN, 1996; GARCIA, 2003).

A agricultura de todo o país passou por grandes transformações nas últimas quatro décadas. A implantação, o desenvolvimento e a crise da Revolução Verde – um ideário produtivo proposto e implementado após o término da Segunda Guerra Mundial, cuja meta era o aumento da produtividade das atividades agropecuárias nos países em desenvolvimento – levaram a se pensar na adoção de formas de produção agrícola menos predatórias do meio ambiente e menos desiguais do ponto de vista da distribuição dos recursos produtivos entre a população rural (PACÍFICO; TEIXEIRA, 2006).

No final da década de 70 surge a agroecologia, estabelecendo desafios para a construção de um modelo agropecuário mais sustentável. Essa ciência integra princípios ecológicos, agronômicos e socioeconômicos na compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e sobre a sociedade como um todo (IV CBA, 2006).

Agroecologia é o conjunto de princípios e técnicas que buscam integrar as formas de produção, a preservação dos recursos naturais, a vida e o trabalho das pessoas no campo. Essa visão de conjunto também tem a ver com produzir alimentos mais saudáveis através de relações sociais mais igualitárias e respeito ao meio ambiente (SOF, 2006). O objetivo maior da agricultura sustentável é a manutenção da produtividade agrícola com o mínimo possível de impactos ambientais e com retornos econômico-financeiros adequados à meta de redução da pobreza, assim atendendo às necessidades sociais das populações rurais (ALTIERI, 2000). Em muitas regiões do Brasil e em outros países da América Latina essa alternativa é construída pelos indígenas, ribeirinhos, quilombolas, extrativistas, sertanejos, camponeses, agricultores familiares, posseiros e sem terras das mais diferentes etnias e culturas (SOF, 2006).

Tecnicamente, na agroecologia são estudados e levados em conta fenômenos ecológicos, tais como relação entre predadores e predados e a competição entre espécies desejáveis e indesejáveis. Os agrossistemas são manipulados para produzir com mais qualidade, sustentabilidade e menos insumos agroquímicos e energéticos externos (ALTIERI, 1989). Essa ciência busca não apenas restaurar a saúde ecológica, mas também a preservação da diversidade cultural que nutre as agriculturas locais. Isso implica em superar os



Setor Nacional de Saúde (2000)

limites impostos ao agricultor através da imposição de pacotes tecnológicos, das dificuldades de acesso à terra, à água, às linhas de crédito, aos mercados, etc.

Ao modificar as relações do homem com o meio ambiente através de práticas que recuperam e conservam os recursos naturais e agrícolas, a agroecologia torna-se uma maneira de assegurar preventivamente a saúde de populações tradicionais e agrícolas, que são as mais susceptíveis às alterações nos ecossistemas (EVANGELISTA et al., 2006).

Murray Bookchin (s/d) diz que “as novas tecnologias que devem surgir terão relação com a ecologia e com a liberdade humana. Elas vão buscar sua energia no sol e no vento, bem como nos resíduos agrícolas. A agricultura alimentar pode tornar-se uma forma de atividade espiritual, materialmente rentável. Ela é muito positiva para o ambiente e favorece também, o que é ainda mais importante, a autonomia das pessoas e das comunidades”.

A agroecologia é uma das linhas de atuação do MST. Mesmo que muitas vezes as famílias que estão na base desconheçam a teoria agroecológica, desenvolvem muitas das suas práticas, pois compreendem que são técnicas melhores para o ambiente e para a saúde de sua família (EVANGELISTA et al., 2006). Há muitos relatos do uso de técnicas agroecológicas no MST (SPCMA, 2007), tais como caldas, cobertura seca de canteiros, adubo composto orgânico, combinação de culturas e outras.

Considerando a tendência mundial de busca por produtos naturais e o fato de as plantas medicinais se destinarem ao uso em pessoas com algum tipo de debilidade, é fundamental que estas estejam livres de agroquímicos (MAPA,2006).

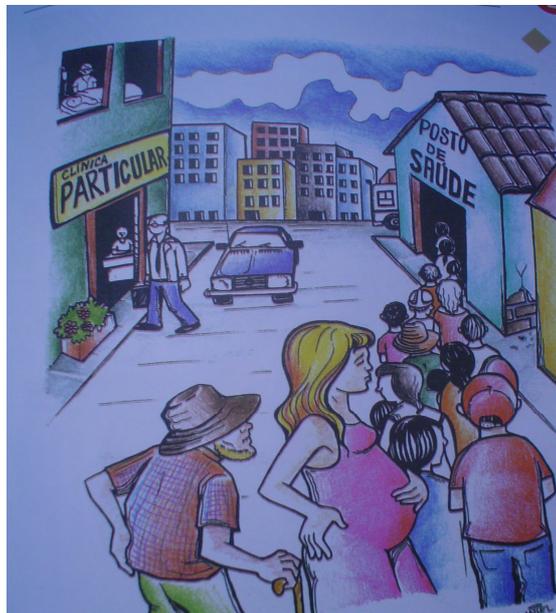
Há uma tendência mundial de resgatar e aplicar as informações sobre plantas medicinais. A valorização da biodiversidade brasileira, estabelecida desde a *Eco 92*, reflete-se em um crescente interesse na preservação da natureza. O diálogo entre os saberes científicos e os populares faz-se imperativo nesse contexto. O presente momento histórico exige esta troca, pois apesar do acúmulo teórico e da conscientização sobre ecologia e sustentabilidade, ainda há interesses diversos atuando sobre a questão das plantas. Desmatamento ou queimada de grandes áreas para pecuária, monoculturas ou mineração ainda são freqüentes. Minas Gerais conta atualmente com diversas universidades, centros de pesquisa, escolas agrícolas e movimentos sociais que vêm se dedicando ao aprofundamento na ciência da agroecologia. O IV Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), inclusive, aconteceu na capital mineira, Belo Horizonte, em 2006.

Às questões ambientais e econômicas que contribuem para o uso reduzido dos fitoterápicos, somam-se as sócio-culturais. Na década de 1950, a entrada de indústrias multinacionais no Brasil devido à abertura econômica do país por Juscelino Kubitschek e a maciça propaganda de medicamentos industrializados levaram a uma preferência por estes. A progressiva redução no uso dos fitoterápicos pela população causou uma ruptura na transferência do conhecimento sobre plantas medicinais que se dava a cada geração.

Entretanto, nas últimas décadas, o uso de fitoterápicos encontra-se em franca expansão, tanto nos países desenvolvidos quanto nos subdesenvolvidos, o que mostra o crescente reconhecimento da eficácia deste recurso terapêutico e também o interesse das populações em utilizá-los (OMS, 2004; MAHADY, 2001). Infelizmente, a lógica de estudo e distribuição dos fitoterápicos cada vez mais se aproxima daquela dos medicamentos industrializados.

A necessidade de adquirir medicamentos industrializados como bens de consumo é alimentada pela propaganda, dentro do processo da *medicalização*, conceito que representa o processo pelo qual o modo de vida dos homens é apropriado pela medicina e que interfere na construção de conceitos, regras de higiene, normas de moral e costumes prescritos – sexuais, alimentares, de habitação – e de comportamentos sociais (COSTA *et al.*, 2006; TESSER, 2006). A normalização médica discursiva passa a redescrever eventos

fisiológicos considerados naturais e comportamentos sociais desviantes, e acaba remetendo à intervenção de práticas especializadas. Dessa forma, qualquer aspecto da vida – social ou individual – pode ser redescrito em termos médicos (ILLICH, 1975). Este processo está intimamente articulado à idéia de que não se pode separar o saber - produzido cientificamente em uma estrutura social - de suas propostas de intervenção na sociedade, de suas proposições políticas implícitas. A medicalização tem, como objetivo, a intervenção política no corpo social, destruindo ou reduzindo a autonomia em saúde-doença das populações, gerando demandas infundáveis aos serviços de saúde (TESSER, 2006).



Setor Nacional de Saúde (2000)

O leigo aceita como natural o fato de que as pessoas têm necessidade de cuidados médicos de rotina simplesmente porque estão em gestação, são recém-nascidas, crianças, estão no climatério ou porque são velhas. A vida deixa de ser uma sucessão de diferentes estados de saúde para se transformar em uma seqüência de períodos, cada qual exigindo uma forma particular de consumo terapêutico. Nas palavras de Ivan Illich (1975), “o homem domesticado entra em estabulação permanente para se fazer gerir numa seqüência de celas especializadas”.

A medicalização tem um efeito paradoxal comparável àqueles da superprodução e do super-consumo em outras áreas. É o volume global dos transportes que entrava a circulação; é o volume global do ensino que impede as crianças de expandirem sua curiosidade, sua coragem intelectual e sua sensibilidade; é o volume sufocante das informações que ocasiona a confusão e a superficialidade, e é o volume global da medicalização que reduz o nível de saúde. Assim como as pessoas são exploradas por um transporte que anula o valor de uso dos pés, elas são também exploradas por um sistema médico que igualmente paralisa seu poder de reação (ILLICH, 1975).

A mercantilização dos cuidados no campo da saúde torna o consumo de seus produtos praticamente obrigatório, utilizando seu prestígio para eliminar da vida cotidiana as escolhas alternativas. Existe a crença, até mesmo entre profissionais de saúde, de que os fitoterápicos são menos eficazes do que medicamentos sintéticos. Há médicos que afirmam categoricamente que não acreditam em fitoterápicos. Toda essa confusão demonstra a necessidade de informação sobre o tema.

Alguns justificam o papel central dos medicamentos na assistência contemporânea à saúde a observação de que os mais eficazes remédios de hoje – incluindo a digitalina e a morfina – provém de plantas, muitas delas usadas como medicamentos desde eras remotas, um costume que provavelmente é tão antigo quanto a própria humanidade. No entanto, há uma diferença fundamental entre o uso de fitofármacos e extratos vegetais. Os fitofármacos são amostras purificadas e altamente concentradas de substâncias que existem naturalmente nas plantas. Porém, esses produtos purificados muitas vezes são menos eficazes e provocam mais riscos do que os extratos vegetais de origem. Experimentos com fitoterápicos mostraram que o princípio ativo isolado é menos eficaz do que o extrato natural completo da planta, porque este último contém elementos residuais e moléculas que desempenham papéis muito importantes, seja para potencializar ou para limitar o efeito do principal ingrediente ativo. Inclusive, muitas vezes são eles que evitam a ocorrência de efeitos colaterais indesejáveis (CAPRA, 1989, WAGNER, 2006).

As misturas de plantas que têm sido usadas empiricamente há milhares de anos não precisam ser quantificadas com precisão por causa de seus efeitos intrínsecos moderados. São suficientes as dosagens aproximadas, de acordo com a idade, o peso e a altura da pessoa. Assim, a ciência moderna está aceitando agora o conhecimento empírico que tem sido transmitido de geração a geração por curandeiros populares em todas as culturas e tradições (CAPRA, 1989).

## 2.5 Saúde no MST

*Povo Sem Terra fez a guerra por justiça, visto que não tem preguiça esse povo de pegar cabo de foice, também cabo de enxada para poder fazer roçado e o Brasil se alimentar. Com sacrifício, debaixo da lona preta, inimigo fez careta, mas o povo atravessou. Romperam as cercas que cercam a filosofia de ter paz e harmonia para quem planta o amor.*

Zé Vicente (ARTE EM MOVIMENTO, 2002)

Historicamente, as políticas oficiais de saúde para a população do campo no Brasil estiveram associadas aos interesses econômicos ligados à garantia de mão-de-obra sadia para a exploração dos recursos naturais. O MST, a partir de sua experiência e organização, pode contribuir para a construção de uma política de saúde para o campo. Muitos de seus integrantes atuam como agentes comunitários de saúde inseridos em programas como o PSF e, em alguns estados, participam nas instancias de controle social do SUS como os Conselhos Municipais e Estaduais de Saúde (CARNEIRO, 2007).

Esse Movimento vem desenvolvendo há tempos ações de saúde nos acampamentos e assentamentos. A imitação do modelo urbano de saúde mostrou-se inadequada e pouco funcional no campo. No ano de 1998 o MST deu passos importantes na organização do Setor de Saúde. Foi realizada uma Oficina Nacional, em Brasília, com a participação de representantes de todos os Estados do Brasil onde o MST atua. Nesta Oficina foram definidos os princípios a serem levados em conta na luta por saúde, obrigatoriamente ligada à educação, produção, lazer, moradia e também – é claro – à luta pela terra. Há diversas conquistas garantidas por lei que, porém, ainda não são garantidas na prática (COLETIVO NACIONAL DE SAÚDE DO MST, 2000). Um problema difícil de ser resolvido é a inadequação do sistema de saúde no campo. É mais importante adaptá-lo, reconhecendo as diferenças, do que simplesmente estender um modelo urbano até as áreas rurais (I ENCONTRO TERRA LIVRE, 2005; CARNEIRO, 2007).

Fernando Ferreira Carneiro, técnico da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), fez uma extensa revisão sobre as condições de saúde da população do campo, e desta revisão é interessante levantar alguns pontos. Kassouf, ao analisar os dados da Pesquisa Nacional por Amostras Domiciliares de 1998 verificou que a saúde da população do campo é avaliada como mais

precária se a compararmos como a da população urbana. A falta de disposição adequada de dejetos e de água encanada foi bem maior do que na área urbana. Segundo um estudo realizado na Universidade de Brasília (UnB), em 2001, cerca de 32,6% dos acampamentos não contavam com serviços de saúde. Apenas 56,8% dos assentamentos possuíam posto de saúde próximos à suas áreas, sendo que apenas 30,9% desses estavam em funcionamento (CARNEIRO, 2007). No entanto, a realidade de saúde das famílias que compõe o MST, assim como outros determinantes de sua qualidade de vida, é percebida pelos/as assentados/as como tendo melhorado em relação àquela que tinham anteriormente ao ingresso no Movimento (ALBUQUERQUE *et al*, 2004).

Trabalhadores/as rurais que não compõe esse Movimento com a mesma renda desfrutam de piores condições de saúde (CARNEIRO, 2007). Segundo a pesquisa intitulada "A Saúde no campo: das políticas oficiais à experiência do MST e de famílias bóias-frias em Unaí, Minas Gerais, 2005", realizada por Carneiro, isto se deve à perspectiva de luta e organização popular existente no MST. Carneiro realizou um estudo comparativo entre as condições de saúde de famílias bóias-frias e Sem Terra (acampados/as e assentados/as). A pesquisa envolveu a aplicação de questionários e entrevistas com 202 famílias dos três diferentes públicos que moram na cidade mineira de Unaí, além de observação estruturada e discussões em grupo.

Os trabalhadores bóias-frias apresentaram alto índice de insegurança alimentar (39,5%), quase o dobro da proporção entre as famílias acampadas e quatro vezes maior do que as assentadas. A produção animal desenvolvida por todas as famílias assentadas foi uma característica marcante, ao contrário das famílias bóias frias que praticamente não contavam com essa possibilidade na cidade. Cerca de 100% das famílias assentadas possuem algum tipo de criação animal, como galinhas e porcos e 66% dessas mesmas produzem alimentos a partir de plantações próprias. Além disso, os bóias frias estão também mais expostos aos agrotóxicos (85,2%), se comparados aos assentados (26,9%) e acampados (9,5%), e também sofrem devido aos trabalhos temporários, que geram renda baixa e variável ao longo do ano. Para Carneiro, esses dados "devem ser encarados pelo governo como um alerta para a necessidade imediata de uma reforma agrária completa e efetiva".

Em Minas Gerais, a primeira ocupação de terra do MST ocorreu em fevereiro de 1988, com cerca de 400 famílias (MORISSAWA, 2001). Atualmente, há no estado 40 assentamentos, com 1489 famílias e 35 acampamentos, com 1750 famílias, em diversas regiões do estado (AESCA, 2007). O Setor de Saúde mineiro está organizado em seis regionais, mas desenvolve poucas atividades no nível estadual. Ainda é um grande desafio o fortalecimento deste setor no conjunto do Estado. O que tem ocorrido são experiências e atividades isoladas nas regionais ou nas áreas de acampamento e assentamento (MORISSAWA, 2001; I ENCONTRO TERRA LIVRE, 2005). A Brigada que engloba a região metropolitana de Belo Horizonte (ou, como é chamada no MST, Regional Milton Freitas), chama-se Iara Lavelberg, e agrega 276 famílias (AESCA, 2007). Nesta Brigada, igualmente não há experiências sólidas no campo da saúde.

Os integrantes do MST são uma destas populações que trouxeram à tona o desejo de resgatar o conhecimento sobre plantas medicinais. Na cartilha *Construindo o Conceito de Saúde no MST* (SETOR NACIONAL DE SAÚDE, 2000), a preocupação com o resgate das informações e uso de plantas medicinais é uma constante, como bem representado no trecho a seguir:

“No lugar da opressão, estamos construindo a libertação, a igualdade e respeito entre homens e mulheres, pais e filhos, adultos e crianças. Estamos construindo uma nova cultura que preserva a saúde e não a doença. E transformando nosso jeito de viver em comunidade. Essas mudanças devem se refletir na nossa postura em relação à saúde. Como por exemplo, criar hábitos saudáveis e novos para preservar a natureza, como usar adubos naturais no lugar de agrotóxicos e novas formas de organizar a produção. Cultivar a beleza e a limpeza nas nossas casas e da comunidade. Resgatar a sabedoria e arte popular, como as músicas de raiz de nossos poetas e cantadores. O conhecimento sobre as ervas medicinais dos nossos pais e avós...”

Essa mesma cartilha, ao tratar sobre as Hortas Comunitárias e as Farmácias Vivas, defende que “o cultivo e utilização das ervas medicinais além de resgatar a cultura dos povos que nos antecederam, também representa a



Coletivo Nacional de Saúde do MST (2005)

resistência ao modelo de sociedade imposta”. No final há uma lista dos compromissos do MST com a terra e com a vida, dentre os quais podemos citar “aperfeiçoar sempre nossos conhecimentos sobre a natureza e a agricultura”, “preservar a mata existente e reflorestar novas áreas” e “embelezar os assentamentos e comunidades, plantando flores, ervas medicinais, hortaliças e árvores”.

Há relatos de experiências prévias positivas com fitoterápicos no MST (tanto no plantio das ervas quanto na manipulação) no Sergipe, na Paraíba e no Ceará (COLETIVO NACIONAL DE SAÚDE DO MST, 2005). Há também um Caderno de Saúde do MST sobre cultivo de plantas medicinais, demonstrando o interesse da CONCRAB (Confederação Nacional de Cooperativas da Reforma Agrária Brasileira) e do Coletivo Nacional de Saúde do MST para o emprego desse recurso terapêutico (COLETIVO NACIONAL DE SAÚDE, 2000b). A questão do resgate de informações tradicionais tem sido trabalhada com os/as assentados/as e acampados/as em Minas Gerais constantemente. “Há muito conhecimento sobre as plantas”, afirmou uma das coordenadoras estaduais do Setor Saúde do MST (I ENCONTRO TERRA LIVRE, 2005).

O conceito de saúde da OMS engloba diversos fatores além da ausência de doença: “completo bem estar físico, psicossocial e espiritual” (OPAS, 2005). O MST tem também uma visão integral de saúde, conforme discutido em diversas cartilhas do Movimento, nas quais enfatiza-se que a saúde depende da garantia de condições indispensáveis, como habitação, saneamento básico, renda, transporte, educação, alimentação saudável, meio-ambiente limpo, lazer, entre outros. Os princípios de saúde do MST são: lutar pela valorização da vida; acesso ao conhecimento e à



Setor Nacional de Saúde (2000)

informação; prioridade à promoção e à prevenção; respeito às diferenças culturais; fortalecimento das práticas não convencionais em saúde; saúde como uma conquista de luta popular; saúde como dever do estado e atenção integral à saúde (COLETIVO NACIONAL DE SAÚDE DO MST, 2000a; SETOR NACIONAL DE SAÚDE, 2000). A realização da presente pesquisa-ação buscou a execução ativa destes princípios. Para o Coletivo Nacional de Saúde, essa visão de saúde ainda não se difundiu na base do Movimento, onde a visão de saúde dominante restringe-se a uma perspectiva assistencialista (CARNEIRO, 2007).

No Encontro Estadual de Saúde do MST em maio de 2007, Paulo Ueti, do professor da UnB e membro do Coletivo Nacional de Saúde do MST pautou a importância de repensar o conceito de saúde dentro desse Movimento. Nas palavras de Paulo, “a luta contra a doença não é uma luta por saúde”. Tendo isso em vista, ele sublinhou a importância de se trabalhar saúde de maneira intersectorial no Movimento, estendendo o debate de saúde para diversos outros setores que trabalham aspectos da vida que, somente integrados, podem levar à saúde. Paulo ressaltou ainda sua preocupação com a definição da saúde como completa ausência de padecimentos de quaisquer ordem, como na definição da OMS, pois dentro desse conceito ninguém poderia se enquadrar como “saudável”. Ele inclusive sugeriu a adoção do conceito de saúde que um assentado do MST utilizou: “a capacidade de sair de casa pra lutar”. Segundo Paulo, o MST é naturalmente um movimento sanitário, uma vez que promove a luta por saúde.



Setor Nacional de Saúde (2000)

Segundo a cartilha “O funcionamento das Brigadas” (SETOR DE FORMACÃO, 2006), o Setor de Saúde tem como objetivos: construir uma cultura de cuidado com a saúde; cultivar novos hábitos de saúde comunitária, combatendo os vícios; desenvolver hábitos de cuidados com a saúde através de esportes, teatro, música, pintura, poesia e organização de festas; cuidar dos ambientes domiciliares; cuidar dos banheiros e do esgoto; preservar a água; cuidar da alimentação; dispor o lixo adequadamente; cuidar da higiene; cuidar dos animais domésticos; cuidar da amizade, alegria e da solidariedade e organizar o cultivo de hortas medicinais.

## 2.6 Pesquisa-Ação

*É pois necessário que a iníqua divisão estabelecida entre o trabalho intelectual e o trabalho manual seja estabelecida de maneira diferente. A própria produção econômica da sociedade sofre consideravelmente; a inteligência separada da ação corporal debilita-se; seca e murcha, até que a força corporal da humanidade, separada da inteligência embruteça e, neste estado de separação artificial, nenhuma produz a metade do que poderia, do que deverá produzir quando, reunidas em uma nova síntese social, formem apenas uma única ação produtiva. Quando o homem de ciência trabalhar e o trabalhador pensar, o trabalho inteligente e livre será considerado como o mais belo título de glória para a humanidade, como a base da sua dignidade, de seu direito, como a manifestação de seu poder humano na terra; e a humanidade será constituída.*

Michael Alexandrovich Bakunin (1999)

A ciência clássica baseia-se em princípios de generalização, redução e separação. Os próprios progressos da ciência assim construída levantaram questões de interdependência que dizem respeito a tudo que é vivo, incluindo os seres humanos. Trabalhar dentro de uma perspectiva de que o mundo funciona em constante interação implica em assumir a busca de uma prática científica mais ativa e consciente (UDE, 2003). Ao modelo onde inserem-se os princípios de inteligibilidade que, ligados uns aos outros, determinam as condições de uma visão complexa do Universo denomina-se “Paradigma da Complexidade” (MORIN, 2005b).

Alguns pilares desse paradigma são: a insuficiência do princípio de universalidade; o reconhecimento da impossibilidade de isolar unidades elementares e simples; o princípio de causalidade complexa; a consideração dialógica dos fenômenos e o princípio de relação entre o observado e o observador.

O paradigma da complexidade permite que pensemos de maneira dialógica, concebendo a unidade e a multiplicidade de toda entidade, ao invés de a heterogeneizar em categorias separadas ou de a homogeneizar em indistinta totalidade. Esse paradigma incita a dar conta dos caracteres multidimensionais de toda realidade estudada (MORIN, 2005b). O saber popular é levado em conta, uma vez que os agentes são envolvidos ativamente no processo (UDE, 2003). Fala-se em intersaberes, que incluem outros além dos científicos/acadêmicos, buscando a horizontalidade, a humildade, a complementaridade e as contradições. Ao contrário da lógica e do raciocínio matemáticos clássicos, onde a certeza e a verdade são ideais alcançáveis ou dedutíveis, no campo da pesquisa-ação o conhecimento estabelecido no seio do diálogo e da argumentação é confrontado com a multiplicidade dos saberes. O conceito de verdade é relativizado e as idéias são tratadas como pontos de vista válidos para determinado contexto (MACIEL, 1999).

Difícilmente seria possível executar-se uma pesquisa participante fora da visão dialética, pois nesse tipo de pesquisa faz-se necessária uma visão não-linear e complexa da realidade, em constante vir a ser, particularmente com a sua politicidade (DEMO, 2004).

A escolha de metodologia qualitativa para a presente pesquisa deve-se ao fato de que esta privilegia a descoberta, a descrição detalhada e a geração de explicações com base em argumentos com grau de significância para a comunidade envolvida na investigação (THIOLLENT, 1984; MELLO, s/d). Além disso, atualmente é uma preocupação das ciências sociais o fato de que muitas das pesquisas vão pouco além de simplesmente descrever o mundo, produzindo poucos benefícios para aqueles que são o objeto destas. O destino dos trabalhos científicos é quase sempre as gavetas e estantes das bibliotecas universitárias, de onde sua tranqüilidade só será perturbada, de vez em quando, por outro estudante em busca de referências ou citações para a sua própria pesquisa. A publicação de artigos ou livros destinados à academia são importantes, mas não representam a resolução dos problemas observados (LEWIN, 1948; DARCY DE OLIVEIRA; DARCY DE OLIVEIRA, 1988).

No Brasil, a pesquisa participante ocupa um espaço crescente na área de pesquisa educacional, inclusive com apoio institucional. Ela é principalmente

concebida como metodologia derivada da observação antropológica e como forma de comprometimento dos/as pesquisadores/as com causas populares relevantes (THIOLLENT, 2003). Os/as autores/as divergem quanto às definições de pesquisa participante e pesquisa-ação (DEMO, 2003; HAGUETTE, 2003). A definição adotada para a presente pesquisa considera que a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante, que segundo Thiollent (2003) é: “Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo”. Por ser a atual pesquisa percebida como necessária a partir dos trabalhos iniciais da pesquisadora com a comunidade, podemos – de acordo com Franco (2005) – classificá-la como pesquisa-ação crítica.

A pesquisa-ação representa um espaço para o povo reconhecer a sua própria realidade, refletir coletivamente e, principalmente, para buscar alternativas de vida, dentro da realidade. Sua intenção não é produzir inferências generalizadoras e relações lineares de causa-efeito, mas sim de captar uma realidade aberta, incerta, relativa a diversos fatores, atenta à leitura e interpretação que os agentes fazem. Podem irromper repentinamente fenômenos imprevistos e incontroláveis que devem ser observados, registrados e acompanhados (DIAS, 1998).

Kurt Lewin (1948) foi um dos precursores da pesquisa-ação. Hoje, alguns teóricos consideram sua proposta metodológica conservadora (FALS BORDA, 1988). Este psicólogo começou a refletir sobre a confusão presente nas tentativas de sanar problemas em diversos âmbitos sociais, e concluiu que as causas dessas confusões vinham da deficiência em três importantes aspectos: entender a fundo a situação na qual se deseja trabalhar, perceber quais são os problemas a serem enfrentados e, finalmente, planejar o que fazer. As pesquisas-ação implicam em um objetivo prático e um objetivo de conhecimento simultaneamente trabalhando-se: resolução de problemas, tomada de consciência e produção de conhecimento (THIOLLENT, 2003; HAGUETTE, 2003). A didática empregada não é apenas uma estratégia destinada a comunicar conhecimentos, mas serve-se ao desenvolvimento e

modificação de atitudes. É sabido que o papel da pesquisa de permitir aprendizado e ensino será maior e melhor quanto mais sujeitos e não puros objetos do processo os participantes sejam feitos (FREIRE, 1997; WERNER; BOWER, 1984). Não se chega à conscientização crítica apenas pelo esforço intelectual, mas também pela práxis (FREIRE, 1979).

Na pesquisa-ação, os/as pesquisadores/as ocupam um terceiro papel, diferente daquele do/a pesquisador/a tradicional e também diferente daquele dos/as pesquisados/as, desempenhando um papel ativo na realidade dos fatos observados, colocando as ferramentas científicas das quais dispõe a serviço do movimento social com o qual está envolvido/a. Apesar da ideologia dominante na ciência exigir neutralidade da pesquisa, alguns teóricos entendem que a maneira humana de estar no mundo não é e nem deve ser neutra. Envolvimento, compromisso, solidariedade e respeito à autonomia, à dignidade e à identidade dos participantes são mais úteis e adequados que a postura de distanciamento, neutralidade e rigidez metodológica (THIOLLENT, 2003; DIAS, 1998; FREIRE, 1997; KITCHIN, 2001; DARCY DE OLIVEIRA; DARCY DE OLIVEIRA, 1988; FALS BORDA, 1988).

A neutralidade da técnica sobre as relações sociais é apenas mais um mito, que se destina a motivar a obediência por parte dos dominados, cria a convicção social de que a situação não deveria ser contestada e monta a expectativa de que os dominantes o são por mérito; enfim, camuflando as relações sociais conflituosas da sociedade, tornando as desigualdades sociais aceitas como produto incontestável da realidade. Todos os tipos de conhecimento são ideológicos, porque a politicidade lhes é intrínseca (BOOKCHIN, s/d; DEMO, 2004; FALS BORDA, 1988). Negar isso é no mínimo insensibilidade ou cinismo (DARCY DE OLIVEIRA; DARCY DE OLIVEIRA, 1988). Nas palavras de Djenane Ramalho de Oliveira: “importante é deixar de ser ingênuo, assumir e compreender seu posicionamento, seja ele qual for”.

As comunidades mudam aspectos da situação pelas ações que decidem aplicar. Da observação e da avaliação destas ações, e também pela evidenciação dos obstáculos encontrados no caminho, há um ganho de informação a ser captado como elemento de conhecimento. O viés gerado pela insubstituibilidade do/a observador/a pode ser parcialmente evitado através do consenso de vários/as pesquisadores/as sobre o que está sendo observado e

interpretado. A freqüente argumentação (a favor ou contra), apreciações e interpretações implicam em constante autocorreção, melhorando a qualidade e a relevância das observações. O controle da ideologia é fundamental nesse tipo de pesquisa, pois reconhecendo-a como inevitável e necessária, deve predominar a argumentação sobre a justificação. Muitas vezes, na ciência, a título de rigor e objetividade, a ideologia é escamoteada. É melhor discutir abertamente qual seria a preferencial (DEMO, 2004; THIOLENT, 2003).

Através da pesquisa-ação, é possível captar informações geradas pela mobilização coletiva em torno de ações concretas que não seriam alcançáveis pela observação passiva, além de mais profundas e realistas do que aquelas obtidas no nível opinativo e representativo (THIOLENT, 2003). Um aprender real surge da realização de uma leitura crítica e coerente da realidade, e não da aceitação acrítica de normas e valores. Ao contrário, uma leitura que implique a capacidade de avaliação e criatividade é a que deve ser buscada pela pesquisa-ação (PICHON-RIVIÈRE, 2000). Esse tipo de pesquisa deve considerar a complexidade, a imprevisibilidade, a oportunidade gerada por alguns acontecimentos inesperados e a fecundidade potencial de alguns momentos que emergem da práxis (FRANCO, 2005).

A pesquisa-ação valoriza conhecimentos regionais de grupos marginalizados como a base para ações para melhorar a vida destes, ao invés de considerá-los ignorantes e desinteressados (CAMERON; GIBSON, 2005; THIOLENT, 2003). Na metodologia adotada para a presente pesquisa, a população em questão deixa de ser apenas informante ou executora de ações que não ajudou a elaborar, ou mesmo de ser tratada como um problema social em si. A sua contribuição para a construção da sociedade e sua importância social são reconhecidas (SALES; FERRO; CARVALHO, 1984; DARCY DE OLIVEIRA; DARCY DE OLIVEIRA, 1988; MOLES, 1995; COMSTOCK, 1982). Nas palavras de Henry David Thoreau (1984), “o que um homem pensa de si, eis o que determina, ou pelo menos indica, o seu destino”. Com isso em mente, a própria valorização dos conhecimentos locais já implica em transformação da realidade.

A grande tarefa do/a pesquisador/a não é transferir, depositar, oferecer, doar aos membros da comunidade tomados como pacientes de seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos, das soluções. A tarefa

coerente do/a pesquisador/a da pesquisa-ação é desafiar os agentes com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua própria compreensão do que vem sendo comunicado (FREIRE, 1997). A relação entre pesquisador(es) e pesquisados/as é dialética, não havendo propriamente pesquisados e pesquisadas, mas parceiros de uma mesma jornada (DEMO, 2004).

Os conhecimentos que vêm de fora da comunidade contribuem, oferecendo novas compreensões que desafiam o que já está estabelecido e solidificado, sendo úteis para a transformação (CAMERON; GIBSON, 2005). A dialogicidade entre os conhecimentos popular e científico permite o desenvolvimento de uma noção compreensiva da situação, assim como o desenvolvimento da capacidade da comunidade para ações políticas coletivas e organizadas subseqüentemente (CAMERON; GIBSON, 2005; SALES; FERRO; CARVALHO, 1984). O conhecimento especializado em muito pode contribuir com dados sobre o caráter das decisões, do seu contexto e das implicações mais comuns. No entanto, existe também o conhecimento de como cada pessoa percebe estas implicações e de como estas dão valor às diversas alternativas. É interessante que o conhecimento especializado relativo à determinadas questões possa ser difundido o suficiente para que cada agente tenha condições de avaliar a situação e ter sua própria visão. A distribuição do conhecimento promove a autogestão (ALBERT, s/d).

Esta pesquisa foi construída dentro de um paradigma que rejeita o modelo de transferência de tecnologia, respeitando os conhecimentos regionais. Seu caráter é participativo, levando à construção de uma prática emancipatória. Novas formas de diálogo construtivo são estabelecidas. A pesquisadora e a comunidade participaram juntamente na identificação dos problemas e na elaboração de soluções sustentáveis e culturalmente apropriadas (BLAIKIE et al., 1997).

No Brasil, a pesquisa-ação começou a ser delineada a partir da década de 60, tendo nos trabalhos de Paulo Freire na área da educação popular uma importante inspiração para a sistematização de sua metodologia aqui. A sua maior penetração nos meios científicos ocorreu por volta da década de 80, quando surgiram importantes estudos empenhados na sua divulgação (MACIEL, 1999).

Segundo Brandão (1988), a pesquisa participante é uma questão a respeito da qual é necessário reconhecer que há muito mais procuras, ensaios e perguntas do que respostas. Muito mais experiências em processo do que teorias consagradas. Sobre pesquisa-ação, igualmente, no campo da saúde, não há muita experiência, sendo difícil encontrar informações ou tendências sobre o assunto com este enfoque (THIOLLENT, 2003).

### 3 METODOLOGIA

*Se pretendemos, sinceramente, que se insira no processo histórico e que, descruzando os braços renuncie à expectativa e exija a intervenção; se queremos, noutras palavras, que faça a história ao invés de ser arrastado por ela, e, em particular, que participe de maneira ativa e criadora nos períodos de transição. Se é todo o anterior o que desejamos, é importante preparar o homem para isso por meio de uma educação autêntica: uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue. Isto obriga a uma revisão total e profunda dos sistemas tradicionais de educação, dos programas e dos métodos.*

Paulo Freire (1979)

#### 3.1 Firmando o compromisso na área

Aí por exemplo assim, então a gente pode contar com o apoio do grupo TERRAS, que ta ali pra nos ajudar.

Narli, 31/07/2006

Neste capítulo, relatar-se-á brevemente como se deu a entrada em campo. Serão descritos os primeiros momentos da aproximação com o MST.



Coletivo TERRAS: Seminário de Gestão

##### 3.1.1 Coletivo TERRAS

Nosso Deus, eu fiquei tão alegre! Falei assim: ah, meu Deus! Eu achei que esses negócio não era assim não... Que os menino da universidade podia participar, ficava aqui com nós... (...) Esse negócio é bom demais. (...) **E achei que pessoas da universidade não ia querer vim aqui... Entrar no meio...**

Maria de Lourdes, 26/10/2006

O Coletivo TERRAS (Trabalho e Estudo em Reforma Agrária e Saúde) é um grupo interdisciplinar criado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) por alunos e profissionais de diversas áreas para trabalhar a demanda da saúde no meio rural. Esse grupo autônomo, não-hierárquico e sem fins lucrativos compreende que os saberes acadêmicos e populares não se dissociam, mas se complementam na construção do conhecimento.

Veterinária, Enfermagem, Odontologia, Letras, Biologia, Ciências sociais, Engenharia, História, Farmácia, Terapia Ocupacional, Medicina e Psicologia são algumas das áreas representadas por membros desse Coletivo, buscando trabalhar no sentido de construir uma prática transdisciplinar (CARTA DE

TRANSDISCIPLINARIDADE, 1994).

O Coletivo TERRAS trabalha para a construção de uma sociedade onde as relações entre os homens privilegiem as potencialidades e faculdades do ser humano, sublinhando sua capacidade para a criação e transformação da realidade social. Os objetivos desse grupo são: usar do estudo e do trabalho como meios para transformar a atual sociedade em outra mais fraterna, justa, participativa e igualitária; desenvolver ações em conjunto com comunidades marginalizadas, decorrentes de demandas elencadas por elas mesmas, visando à permanência das atividades mesmo após a saída do Coletivo; trabalhar a formação do conhecimento sempre por meio do diálogo entre saberes acadêmicos e populares; contribuir na concretização das reivindicações e sonhos dos movimentos sociais populares; propagar o conhecimento gerado em suas ações para outras comunidades



Coletivo TERRAS, Seminários de Gestão (3 fotos acima) e de Formação

populares e universitárias, apoiando o movimento estudantil combativo; promover extensão e pesquisa sob a perspectiva de que a universidade pública deve servir ao povo.

É importante sublinhar que a pesquisa e extensão propostas pelo grupo não têm caráter tecnocrata / assistencialista, visto que, aos nossos olhos, esse tipo de ação não tem sustentabilidade. Compreendemos que “em cada mil pessoas podando os galhos do mau há uma tentando arrancá-lo pela raiz, e é bem possível que aquele, que dedica a maior parte do seu tempo e dinheiro socorrendo os necessitados, esteja contribuindo com seu modo de vida para gerar a mesma miséria que se esforça em vão por aliviar” (THOREAU, 1984). Esse aspecto da atuação do grupo era constantemente sublinhada na área.

O grupo adota um conceito de saúde ampliado, acreditando que esta tem determinantes sociais e que também se concebe como a capacidade de intervenção social em busca da transformação da realidade que nos cerca.

O grupo se organiza nas frentes rural e urbana, e, internamente, nos setores comunicação, formação e financeiro. Cada integrante do grupo participa de pelo menos uma frente e um setor. A pesquisadora integrou a frente rural e o setor de formação.

Por avaliar que a proposta dessa pesquisa ia ao encontro dos princípios do grupo, no Seminário de Gestão do Coletivo TERRAS, em março de 2006, este Coletivo resolveu arcar com os custos mínimos de execução, financiando passagens terrestres, fitas cassetes, pilhas, material de escritório, reprografia e despesas com alimentação, viabilizando sua execução.

Toda a frente rural do Coletivo TERRAS também atua no assentamento *Ho Chi Minh*, tendo sido imprescindível a participação do grupo para a realização da presente pesquisa. Os membros desse coletivo contribuíram como pesquisadores-observadores, ampliando o olhar da pesquisa e a análise crítica da sua conjuntura. Em reuniões do Coletivo, o desenvolvimento dessa pesquisa era freqüentemente descrito e discutido. O envolvimento do TERRAS na área foi muito além do trabalho intelectual.

Quando eles chegou aqui pra mim, aquilo foi uma outra coisa, eu fiquei muito, muito contente. (...) Melhorou (...) aqueles nervosismo assim que eu tinha. (...) Muita coisa que eu era muito sistemática... (...) O Elizeu [marido de Maria de Lourdes] até fala: Por quê que eu sou assim agora? Porque antes eu... Se chegasse um homem aqui e ele fosse chegando, e fosse entrando, e fosse lá pra perto do fogão, ou entrasse ali no

quarto eu já brigava. Pra mim isso tava errado, agora não. Contanto que chega com respeito... Os menino tudo chega aí, me abraça... Ih, minha fia! **Era um desespero, se ingual um rapaz daqueles me chega, me abraça, me beija, era um desespero,** pergunta esse daí [e aponta para Elizeu]. Eu já saía xingando... (...) **Só que agora eu converso, os menino chega aqui e me abraça, eu fico toda alegre e feliz.** Que eu sei que é por uma amizade, um carinho até de mãe mesmo. (...) Aí eu fico toda contente. Até falo com eles assim: (...) **cês é tudo os meus filhos.** (...) **Agora não, porque eu entrei pra esse Movimento, (...) que eu converso com os menino estudante, converso com eles, pergunto pra eles, preles me explicar alguma coisa que eu não entendo, que eu num sei, eles... Tem muita paciência, carinho, cuidado comigo, conversa comigo... E eles num sabe nem... Às vezes eles tão assim: “mas a Dona Maria é muito curiosa”. Mas eles nem possa imaginar eles porque que eu tou perguntando. Num é que eu sou curiosa. É porque eu tou me libertando de uma coisa que eu num era. (...) E isso é saúde pra gente, né, Ana? Tudo é saúde, né? (...) Se você ficar deprimida, com vergonha de tudo... É muito ruim, Deus me livre. Só Deus mesmo, né? E assim, Ana, foi muito bom.**

Maria de Lourdes, 26/10/2006

Essa pesquisa-ação chegou no assentamento *Ho Chi Minh* logo nos primeiros contatos do TERRAS na área, tendo uma profunda relação com a presença desse coletivo ali.



Coletivo TERRAS, Seminário de Gestão

**Essa aí é a primeira proposta, de trabalhar com as ervas, que vai ser uma coisa assim, que vai beneficiar o assentamento inteiro, né? E tem outros projetos.** Eles tem outras idéias. (...) Tem outras pessoas com outras habilidades que (...) pode tar trazendo pra desenvolver. No causo dele ali [aponta para o Paulo, estudante de história integrante do TERRAS] ele é (...) historiador, né, pra gente fazer um resgate, levantar a história do *Ho Chi Minh*, entendeu, ele pode tar contribuindo nessa parte. (...) Tem pessoas que já tá com outros projetos, tá formando em outras áreas... (...) Veterinária, essas coisas todas. (...) **É um projeto que a gente tem que abraçar e aproveitar a boa vontade deles de tar, de trazendo isso aqui pra gente, e aproveitar bem e envolver todo mundo mesmo.**

Narli, 08/05/2006

### **3.1.2 I Encontro Terra Livre: Saúde Como Prática De Liberdade – O primeiro passo...**

Ocorreu em Belo Horizonte, promovido pelo Coletivo TERRAS, na Faculdade de Enfermagem da UFMG, em setembro de 2005, o “*I Encontro Terra Livre: Saúde Como Prática de Liberdade*”. Nesse encontro, puderam ser

claramente percebidas diversas demandas.

Rosângela, coordenadora nacional do Setor de Saúde do MST, sublinhou a importância da interação das Universidades com os assentamentos e acampamentos, da articulação dos saberes populares e científicos e da visão de saúde integral, ou seja, que vislumbre as situações em sua totalidade. Foram relatadas por coordenadores/as (tanto do âmbito



Cartaz do I Encontro Terra Livre

estadual quanto do âmbito regional) do Setor de Saúde do MST as expectativas de complementação entre saberes populares e científicos através do diálogo de integrantes do Movimento com estudantes universitários/as, inclusive sobre plantas medicinais. Wânia, do Setor de Saúde Estadual do MST falou que “a burguesia não admite ver um sem-terra na universidade”, e Raquel, do *Ho Chi Minh*, completou esse raciocínio: “o saber é uma forma de poder. O conhecimento serve a um sistema. A entrada de um sem-terra na universidade abala esse sistema. É necessário ter crítica. Repetir, papagaio também repete. Não é questão de poder, mas sim de dialogar para construir um mundo novo, como sujeitos. De nada adianta nos fechar em redomas. Precisamos uns dos outros. Parcerias devem ser realizadas” (I ENCONTRO TERRA LIVRE, 2005).

Na época desse encontro a pesquisadora passou a ser integrante do Coletivo TERRAS. Pedimos à diretoria estadual do MST uma indicação de área onde iniciar o nosso trabalho, e fomos então encaminhados ao acampamento *Ho Chi Minh*, constituído em sua maioria por famílias de origem da periferia de Belo Horizonte. As famílias do *Ho Chi Minh* apresentavam identidade com os princípios do MST e desenvolviam a organização interna preconizada (em termos dos núcleos de base e setores).



I Encontro Terra Livre

Os integrantes do *Ho Chi Minh* já haviam sofrido 6 mudanças até chegar ao local onde viriam a ser assentados, sendo que no percurso algumas famílias se afastaram e outras se integraram. A primeira ocupação que fizeram foi no dia 23 de setembro de 2002, em Carmo do Cajuru. No dia 20 de novembro do mesmo ano, mudaram-se para o acampamento *Dois de Julho*, em Betim. Em 10 de março de 2003, mudaram-se novamente, para a fazenda Santa Helena, em Joatuba. Lá ficaram até 10 de junho desse ano, data na qual foram para a Fazenda Samburá, em Esmeraldas. No dia 17 de janeiro de 2005, retornaram para o acampamento *Dois de Julho*. No momento do início da pesquisa, as famílias residiam nesse local. No mês de setembro de 2005, as famílias do *Ho Chi Minh* ocuparam a Fazenda Belo Horizonte (que já estava sendo comprada pelo INCRA), localizada no município de Nova União, um pequeno município de aproximadamente 6000 habitantes (IBGE, 2007), vindo a serem legitimadas nessa terra no dia 30 de novembro do mesmo ano.

A necessidade de trabalhar em assentamentos logo após a mudança das pessoas é uma demanda, pois à medida que os muros sobem fica mais difícil trabalhar problemas junto à coletividade. O momento de transição mostra-se o mais oportuno para trabalhar. Uma questão que se mostrou urgente de ser trabalhada nessa área nos primeiros contatos foi a utilização de plantas medicinais (ALBUQUERQUE *et al.*, 2004; I ENCONTRO TERRA LIVRE, 2005).

### 3.1.3 Dia De Saúde no *Ho Chi Minh*

**Reunir o povo é ter saúde.**

Maria de Lourdes, 15/11/2005

Após um intenso diálogo entre o Coletivo TERRAS com os/as assentados/as do *Ho Chi Minh* (tanto com o Setor Saúde e o coordenador regional do Setor Saúde quanto com os/as demais assentados/as), ocorreu, no dia 15 de novembro de 2005, o “Dia de Saúde no *Ho Chi Minh*”, quando se iniciou o debate sobre concepções de saúde entre os/as assentados/as.



Dia de Saúde no *Ho Chi Minh*



Dia de Saúde no *Ho Chi Minh*

Durante o “Dia de Saúde” ocorreu pela manhã um momento de sensibilização, que os movimentos sociais chamam de *mística*. Mística é uma representação figurativa que motiva e anima a vontade de participar na

construção de uma nova sociedade, impulsionando subjetivamente a luta. A mística é um recurso amplamente empregado pelos movimentos sociais, e manteve-se presente ao longo de todo o tempo de realização da pesquisa.

A mística desse evento foi produzida por membros do Coletivo

TERRAS juntamente com assentados/as, sendo um teatro que criticava o sistema de saúde vigente, o atendimento médico e a maneira como se dá o uso de medicamentos, abrangendo nessa encenação o problema da indústria farmacêutica. Como era o primeiro contato de alguns membros do Coletivo com os/as assentados/as, nos apresentamos através de uma técnica: eram formadas duplas que conversavam entre si e depois cada um apresentava a sua dupla. Por ainda não conhecermos bem as pessoas da área, essa técnica foi ótima para descontrair e quebrar o gelo, tanto para nós quanto para eles/as. Nos dividimos em três grupos (brigadas) e estes foram para diferentes áreas do assentamento discutir saúde: onde viam e onde não viam saúde.

O Grupo 1 foi para a área do rio, o Grupo 2 foi para a área das barracas e o Grupo 3 foi para a área de plantio. Cada grupo designou para si dois coordenadores e dois relatores, sendo de cada uma das funções um homem e uma mulher. Tentar sempre colocar para realizar as funções um homem e uma mulher é um hábito do MST, sendo um esforço no sentido de reduzir os problemas de representatividade de gênero. Cada grupo criou para si um nome e também uma palavra de ordem. A área, o nome e a palavra de ordem de cada brigada estão registrados na Tabela 1.

Tabela 1: Área, nome e palavra de ordem de cada grupo.

GRUPO	ÁREA	NOME	PALAVRA DE ORDEM
Grupo 1	Rio	Brigada Manuelzão	Manuelzão! Pra fazer revolução!
Grupo 2	Barracas	Brigada Che Guevara	Saúde não pára! Seguimos o exemplo de Ernesto Che Guevara! Saúde é com luta. Não se recebe, não se compra, mas se conquista.
Grupo 3	Plantio	Chico Mendes	MST, a luta é pra valer! Saúde pra vencer!

As relatorias das três brigadas estão no Anexo 1. Depois, foi feita leitura e discussão de trechos selecionados de um texto de Ademar Bogo, sobre saúde, que pode ser encontrado no Caderno de Saúde do MST, número 1 (COLETIVO NACIONAL DE SAÚDE, 2000a). Esses trechos encontram-se no Anexo 2 dessa Dissertação. Durante o debate que sucedeu a leitura, foram discutidos diversos temas.

A visão agroecológica da produção foi claramente percebida. Falaram sobre a importância de cuidar da terra, uma vez que o homem não é dono da natureza. Questionou-se o interesse das grandes empresas no uso de sementes transgênicas e agrotóxicos. Foi igualmente debatido o enfoque da ciência nos interesses dos grandes financiadores.

Falou-se da solidariedade entre os integrantes do Movimento. Nas áreas do MST a justiça é pra todos, como explicitado por Joaquim: “Que todos respeitem o direito e a dignidade de cada um”. A importância da participação na organização social da área (assembléias, coletivos) foi levantada como um ponto imprescindível para o desenvolvimento da área e de cada assentado/a. Foi discutida a importância da educação para cuidar da saúde, e sobre a necessidade de se ter saúde para promover reforma agrária.

E, para finalizar, o Coletivo TERRAS e os/as assentados/as fizeram coletivamente uma avaliação positiva do evento. Segundo os/as assentados/as, foi bem interessante perceber que a saúde estava na comunicação, no lazer, no trabalho, na cultura e em tudo que faziam. Foram especialmente marcantes as seguintes falas, de Thiago e Joaquim, respectivamente: “Saúde é tudo” e “Saúde é paz, saúde é alegria”.

A comunidade percebeu e relatou que a saúde poderia ser pensada diferentemente em um movimento como o MST, que tinha construído também



Dia de Saúde no *Ho Chi Minh*

a sua própria forma de fazer produção, educação e alimentação, através de suas próprias discussões e valores. Foi levantada nesse momento a importância de se refletir antes de agir, conciliando o conhecimento com a prática. Os/as assentados/as perceberam que o movimento permitia acesso a conhecimentos para eles/as. Nas palavras de Thiago: “Conhecimento é libertação. Conhecimento como forma de luta”. A importância do saber e do diálogo entre conhecimentos científicos e populares foi levantada. Para finalizar, um assentado disse que o *Ho Chi Minh* esperava este momento, que era importante haver uma aliança entre o MST e a Universidade.

Verificou-se que a concepção de saúde do *Ho Chi Minh* vai ao encontro daquela preconizada pelas cartilhas do MST, de saúde integral; e também que havia no assentamento necessidade de construção de uma horta coletiva, devido à grande importância dada pelas pessoas da comunidade às plantas medicinais.

### **3.2 Coleta de dados**

Nessa pesquisa-ação, o objetivo (e não o método) que ditou o que seria feito, para se evitar a adequação forçada da realidade aos limites do método (MACIEL, 1999).

A coleta de dados foi realizada por meio de diversos recursos metodológicos: observação militante, reflexão, diário de campo, fotografias, entrevistas e ações. As ações eram pensadas em campo, sendo simultaneamente método para coletar novos dados e dados propriamente ditos. Por essa razão, essas ações serão melhor tratadas na parte de *Resultados e Discussão*.

#### **3.2.1 Observação militante**

A presença do/a observador/a numa situação social é mantida para fins de investigação científica. O/a observador/a fica em relação face a face com os/as observados/as e, em participando com eles/as em seu ambiente natural de vida, coleta dados. É importante ressaltar a diferença entre observação militante e observação participante. A observação participante significa apenas

a convivência de perto com o objeto de pesquisa, enquanto a observação militante implica em envolvimento político com a comunidade (DEMO, 2003).

O/a observador/a é parte do contexto observado no qual ele ao mesmo tempo modifica e é modificado. A observação militante não é só um instrumento de captação de dados, mas também um instrumento de modificação do meio pesquisado (HAGUETTE, 2003).



Assentamento *Ho Chi Minh*

A pesquisadora esteve inserida no contexto do assentamento, atenta ao que via ou ouvia. Essa técnica permitiu a captação de informações que não seriam obtidas por meio de entrevistas. Foram feitas perguntas pela pesquisadora, porém de maneira informal. Os dados assim obtidos foram registrados prontamente, de maneira escrita, a fim de garantir a maior fidelidade aos fatos e riqueza de detalhes possível. Fotografias também foram utilizadas como forma de registro (MELLO, s/d).

A pesquisadora pôde participar de atividades e festividades de grande importância para os/as assentados/as. Alguns exemplos disso são a Cerimônia de Legitimação, na qual houve a homologação da terra para as famílias, seguida de muita festa; a passagem da Equipe de PPOA (Processo de Planejamento e Organização do Assentamento) pela área, e a celebração do 1º Aniversário do Assentamento, que ocorreu juntamente com a inauguração da agroindústria de beneficiamento de cana-de-açúcar instalada no local.

### **3.2.2 Reflexão**

Foram registradas reflexões semanais sobre o trabalho de campo. Como a pesquisadora estava inserida no contexto, esta técnica permitiu registro das impressões, possíveis descobertas, vieses, dados, discussões éticas, sentimentos e outros resultados que vieram da experiência de estar realizando um trabalho de campo.

### 3.2.3 Diário de Campo

Segundo Morse e Field (1995), um Diário de Campo detalhado é necessário para um bom estudo qualitativo. Todas as observações pertinentes feitas na comunidade foram registradas em Diário de Campo (histórias de vida, bate-papos, acontecimentos observados ou relatados, ocupação e uso do solo, clima, estradas, contato de pessoas). Esses dados foram utilizados para debate ou como exemplos nos encontros no assentamento, sendo inclusive utilizados como ferramenta auxiliar na compreensão dos processos da comunidade e sua situação, contribuindo para delineamento das medidas a serem tomadas (MELLO, s/d).

### 3.2.4 Fotografias

A fotografia é mais do que a representação do real, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação do real. As fotos são um elemento fecundo para a compreensão do vivido (MELLO, s/d). Quando se projeta essa representação – as fotografias – os/as agentes fazem uma operação que, segundo Freire (1969), se encontra na base do ato de conhecimento: se distanciam do objeto cognoscível. Esse processo permite que os/as agentes se distanciem, para que possam decodificar a realidade, chegando a um nível crítico de conhecimento que começa pela sua própria experiência, em seu contexto real.



Família de Sueli

*Sem dúvida, quando os homens percebem a realidade como densa, impenetrável e envolvente, é indispensável proceder a esta procura por meio da abstração. Este método não implica que se deva reduzir o concreto ao abstrato (o que significaria que o método não é de tipo dialético), mas que se mantenham os dois elementos, como contrários, em inter-relação dialética no ato da reflexão.*

Paulo Freire (1979)

As fotos, além de serem documentos do processo da pesquisa, foram utilizadas como material didático, seguindo a metodologia proposta por

Cameron e Gibson (2005). Barbier (1985) também descreve uma pesquisa na qual Laurence Wylie, em 1948, tirava fotografias no vilarejo onde pesquisava. Nas palavras de Wylie: “com isso, o meu papel ficou definido. Eu era o fotógrafo do vilarejo. (...) Posso garantir que a minha curta carreira de fotógrafo foi bem útil para o livro, pelos contatos naturais que através dela estabeleci com o pessoal de Peyrane”.

As fotografias foram também expostas no assentamento, no Arraial do *Ho Chi Minh*, sendo algumas delas presenteadas aos assentados e assentadas, favorecendo a integração da pesquisadora e o estabelecimento de contatos.

### **3.2.5 Entrevistas**

Entrevista é uma conversa orientada para fins de pesquisa. Foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas a duas assentadas. Entrevistas semi-estruturadas são aquelas nas quais o/a entrevistador/a segue um roteiro com tópicos ou questões que deseja explorar, sendo os roteiros pensados individualmente para cada pessoa a ser entrevistada. Este foi o tipo de entrevista escolhida para a presente pesquisa por não deixar de fora quaisquer observações interessantes não previstas pela pesquisadora no momento de elaboração destas, apesar de permitir que a pesquisadora use uma seqüência de temas sobre as informações que deseja obter. Dessa maneira, as entrevistadas tiveram maior liberdade para se expressarem sobre o conteúdo em questão. Os pontos que necessitavam de maior aprofundamento eram investigados durante o diálogo.

A seleção das entrevistadas não foi feita ao acaso, seguindo critérios sugeridos por Turato (2003), e levou em conta o seu alto grau de envolvimento nessa pesquisa. Os relatos que essas assentadas faziam fora das reuniões valia à pena ser registrado.

Além de gravações de áudio, foram feitas anotações durante e imediatamente após as entrevistas para registrar observações e impressões da pesquisadora. Coube à pesquisadora a avaliação do grau de correspondência entre as informações prestadas pelas entrevistadas com a realidade (MELLO,

s/d; DEMPSEY; DEMPSEY, 2001; HAGUETTE, 2003; GASKELL, 2003; MORSE; FIELD, 1995).

As entrevistas foram conduzidas após a assinatura do termo de consentimento informado. Elas foram realizadas na residência das participantes, respeitando o seu desejo, como sugerido por Morse e Field (1995).

O roteiro que foi utilizado para a entrevista pode ser lido no Anexo 3 dessa Dissertação.

### 3.2.6 Ações

*Vá ao povo; ame-o; aprenda com ele; faça planos com ele; sirva-o; comece com o que ele tem; aproveite o que ele sabe. Mas, quando dos melhores líderes a tarefa chega ao fim, quando seu trabalho termina, todo povo diz: “fizemos tudo isso sozinhos”.*

Poema chinês (WERNER; BOWER, 1984)

Como já foi colocado no item *Revisão Bibliográfica*, a pesquisa-ação implica em execução de medidas elaboradas em parceria por pesquisadores/as e comunidade para sanar os problemas percebidos. No momento das ações, também eram coletados dados para subsidiar novas reflexões e ações, e por isso essas estão sendo mencionadas nesse capítulo. Ocorreram no assentamento diversas ações de caráter prático-pedagógico.

As ações de caráter predominantemente pedagógico foram as *reuniões*, o *Seminário de Plantas*, a *Assembléia do Lixo: Ecologia e Saúde* e a *Exibição de Vídeos*.

As famílias do MST têm hábito de fazer reuniões (SETOR DE FORMAÇÃO, 2005), sendo a participação em reuniões um importante meio para a coleta de dados nessa pesquisa. As reuniões ocorreram em diversos locais: ao ar livre no assentamento, na sede da fazenda, no galpão da agroindústria, na barraca do Coletivo TERRAS e na barraca de assentados/as. Na área, a pesquisadora participou de reuniões em diversas instâncias, a saber:

- *reuniões com a Coordenação;*
- *reuniões com o Setor de Produção;*

- *assembléias;*
- *reuniões para estudo;*
- *reuniões com o Setor de Saúde, algumas delas abertas para outras pessoas da comunidade que quisessem participar;*
- *reuniões com a Frente de Plantas Medicinais, grupo semi-aberto (tinha uma rotatividade dos/as participantes) formado por agentes da comunidade;*
- *reuniões do Grupo de Mulheres;*
- *reuniões do Grupo de Plantas Medicinais.*

As ações de caráter predominantemente prático foram o *Arraial do Ho Chi Minh, a implantação das hortas alimentícia e medicinal, a caminhada para reconhecimento das plantas medicinais nativas, o Álbum de Plantas Medicinais do Ho Chi Minh, a Oficina de Preparo de Fitoterápicos e a comercialização de plantas medicinais secas.*

Na realização dos eventos e de outras medidas na área, não apenas os/as agentes que participavam das reuniões estavam envolvidos/as, mas sim a comunidade como um todo.

### **3.3 Sistematização e análise dos dados**

Todas as informações levantadas foram organizadas e esquematizadas qualitativamente. Em vista à natureza qualitativa dos dados obtidos através dos diversos recursos metodológicos, os resultados foram analisados de maneira associada, ao invés de separadamente (ALBUQUERQUE *et al.*, 2004).

Esta etapa subdividiu-se em transcrição, familiarização, codificação, tematização e análise propriamente dita. A coleta e a análise dos dados ocorreram simultaneamente, garantindo que o planejamento das etapas subseqüentes do trabalho fosse apropriado ao contexto. Foi mantido um caderno onde foram registrados os passos da sistematização e da análise dos dados, para permitir o seguimento do processo (LACEY, LUFF, 2001).

As falas gravadas em reuniões, seminários, assembléias e outras atividades foram transcritas. Atos não verbais foram incluídos na transcrição,

como os silêncios, risadas e emoções. Não foi feita “limpeza” do transcrito, sendo mantidas as gírias, os erros de português e a maneira que a comunidade se expressou. O material transcrito foi ouvido, lido e re-lido. Foram feitas notas pela pesquisadora antes do início formal da análise, e categorias para a codificação foram pensadas (LACEY; LUFF, 2001).

Após digitação do transcrito, foi construída uma tabela onde eram elencadas falas significativas, combinando-se aquelas afins em categorias. Cada categoria era identificada por uma cor. Aquelas falas que poderiam ser enquadradas em duas ou mais categorias entraram naquela onde suas informações ou problematizações seriam mais úteis para explicitar um ponto importante. Na tematização, além de manter as categorias elaboradas na fase da familiarização, foram também incluídos outros temas importantes que estavam faltando (LACEY; LUFF, 2001).

Foi realizada mensalmente uma ampla discussão dos resultados, junto aos assentados e assentadas, e também junto ao Coletivo TERRAS. Opiniões foram trocadas entre os/as diversos/as agentes envolvidos/as, permitindo a elaboração das diretrizes para a continuação do trabalho, como proposto por Roper e Shapira (2000).

### **3.3.1 Apresentação dos dados**

As falas dos/as agentes do *Ho Chi Minh* e os trechos do caderno de campo da pesquisadora aparecem em sua integridade, com os “erros”, gírias e interjeições (MELLO, s/d). Isso é importante para manter a fidedignidade ao discurso dos/as agentes que contribuíram no desenvolvimento dessa pesquisa, valorizando as diferenças entre os/as envolvidos/as. Há quem defenda que deve-se fazer uma “limpeza” do transcrito (HAGUETTE, 2003), mas para os fins da presente pesquisa-ação considerou-se mais interessante mantê-lo íntegro. Aparecerão em negrito trechos considerados importantes. Adotou-se uma linha de apresentação em que o esforço maior da pesquisadora foi de costurar os dados, tecendo comentários curtos sobre esses. Esse esforço serviu para que os dados se auto-apresentem, através do fio condutor da narrativa proposta.

Outra questão importante é a utilização dos nomes reais dos/as participantes, um procedimento raro no meio acadêmico. Os/as assentados/as e a pesquisadora optaram por essa atitude, acreditando que valoriza as pessoas saber “quem disse o quê”, e que isso seria bom para os/as demais integrantes do assentamento terem a chance de compreender o processo da pesquisa.

Para garantir a coerência e a paridade entre o saber científico e o saber popular, assim como o papel transformador dessa pesquisa, o mesmo relatório apresentado ao meio científico será apresentado à comunidade envolvida, e por isso houve um esforço por parte da pesquisadora para manter a sua redação acessível aos grupos populares. Compreensível, clara e simples (mas não simplória). Portanto, essa Dissertação apresenta simultaneamente dados importantes para a comunidade científica e dados importantes para a comunidade do MST.

Assentadas e assentados do *Ho Chi Minh*, assim como outros/as integrantes do MST, virão à Faculdade de Farmácia da UFMG assistir à defesa dessa Dissertação. O Coletivo TERRAS pagará apenas o combustível do transporte, que será uma van do MST.

### **3.4 Aspectos éticos**

Após obter aprovação do Departamento de Farmácia Social e do Colegiado de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas da Faculdade de Farmácia da UFMG, esse projeto recebeu também a anuência da Coordenação Estadual do MST (que pode ser visualizada no Anexo 4). Posteriormente foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais.

Todos/as os/as participantes foram informados/as sobre o porque de terem sido selecionados para o estudo, quais eram os objetivos e as características de sua participação. Foi esclarecido também que a sua participação nessa pesquisa não traria nenhum tipo de compensação financeira e que seria possível abandonar o processo em qualquer momento.

A participação das pessoas selecionadas só teve início após a assinatura do termo de consentimento esclarecido, elaborado com base na

resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. O trabalho foi registrado em fitas de áudio e fotografias.

### 3.4.1 Rigor

*É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. Na verdade, preciso destacar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. É falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. A alegria não chega apenas no encontro de achado mas faz parte do processo da busca.*

Paulo Freire (1997)

*Um abuso de rigor esteriliza mais a descoberta, certamente, do que qualquer falta de método.*

Abraham Moles (1995)

É comum que se solicite as fases do método, porém na pesquisa-ação o rigor científico se vincula mais à coerência epistemológica em processo do que ao cumprimento de um ritual de ações que se sucedem (FRANCO, 2005).

Entrevistas, questionários e relatos são as principais fontes de dados obtidos em pesquisas qualitativas. O critério de verdade no processo de conhecimento da pesquisa-ação não se trata apenas da coincidência estatística entre o que se queria encontrar e os resultados alcançados (SALES; FERRO; CARVALHO, 1984). Ao organizar dados, pesquisadores/as tendem a ordenar a realidade a partir do seu ponto de vista pois, segundo Vaz (1987), para os seres humanos é impossível distinguir adequadamente entre percepção e ilusão. A estratégia básica para conseguir rigor e conseqüentemente a qualidade nessa pesquisa é sistematizar o desenho da pesquisa, sua coleta de dados, interpretação e o relato dos dados (LACEY; LUFF, 2001).

O objetivo do rigor é garantir a validade (extensão em que os resultados encontrados na pesquisa representam a realidade) e confiabilidade (extensão em que a variação arbitrária pode ter influenciado na estabilidade e na consistência dos resultados) da pesquisa. A confirmabilidade é a extensão em

que o/a pesquisador/a conduz a investigação de uma maneira rigorosa, sendo constituída por três parâmetros: credibilidade (a veracidade dos dados), auditabilidade (outro/a pesquisador/a que seguisse a documentação dos dados coletados e da análise destes chegaria aos mesmos resultados) e transferabilidade (aplicabilidade dos resultados em outras situações, significância dos dados em outras situações similares) (DEMPSEY; DEMPSEY, 2000). Para a pesquisa-ação, é também importante pensar na “implicabilidade” dos resultados, ou seja, até que ponto esses dados são utilizáveis *no local onde é realizada a pesquisa*. Não se objetiva tanto a generalização, mas o principal é a particularização (THIOLLENT, 2003).

Nenhum modo de pensar ou agir, por mais consagrado que seja, pode merecer cega confiança (THOREAU, 1984). Os resultados de qualquer pesquisa não são a realidade em si, mas sim uma representação desta, uma explicação coerente e plausível sobre o fenômeno em estudo. A busca de credibilidade e autenticidade não é tarefa não é fácil, mas há vários métodos auxiliares para este fim. Nesta pesquisa estão sendo empregados, de acordo com Dempsey e Dempsey (2000), Lacey e Luff (2001), e Roper e Shapira (2000):

- Triangulação: consiste no uso de procedimento comparativo. Os dados são coletados por dois ou mais métodos e depois os resultados obtidos por cada um são comparados. Os dados obtidos através do diário de campo, oficina, observação militante, entrevistas e ações foram comparados.
- Consistência interna: esse método consiste em procurar formular perguntas nas quais as respostas dadas confirmem uma resposta já fornecida anteriormente pela mesma pessoa.
- Envolvimento do/a pesquisador/a: olhar os dados com consistência e honestidade.
- Transcrição de entrevistas: o uso de um gravador e a posterior transcrição textual do conteúdo garantem consistência e acuidade no registro dos dados.
- Reflexibilidade: consiste em um processo de reflexão contínuo do/a pesquisador/a sobre seus valores, preconceitos e comportamentos que podem afetar os dados.

- Clareza na exposição dos métodos de coleta de dados: esse procedimento procura minimizar a inevitável influência dos/as participantes, que ocorre em todas pesquisas qualitativas.
- Coleta de dados rica e densa: essa é uma maneira de se garantir a transferabilidade da pesquisa. Esse método consiste em obter informações sobre o fenômeno estudado em quantidade suficiente para suprir as necessidades.
- Validação dos resultados pela população envolvida, em diversos momentos da realização da pesquisa.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É preciso ter muita paciência para realizar pesquisa-ação. Em diversos momentos, sinto impulso de tomar sozinha as atitudes necessárias para deslanchar o trabalho. Mas aí me freio, pois entendo que **a melhor parte do trabalho não é a saúde que a fitoterapia trará farmacologicamente para a comunidade, mas sim a saúde que a auto-organização e a autonomia trarão para a comunidade.**

Caderno de Campo, 21/05/2006

Não será feita análise individual de cada recurso metodológico, mas sim uma análise abrangente a partir do caderno de campo e das transcrições de todo o material.

### 4.1 Estar em campo

#### 4.1.1 Primeiro, algumas palavras sobre o ensino na área da saúde

É isso que eu preciso fazer, pra não depender de... Dos médicos que estudam hoje.

Ronaldo [falando sobre o resgate do uso das plantas medicinais], 11/02/2006

O Movimento também é contra esse tipo de coisa, né? Essa questão da dominação econômica que tem a **dominação subliminar, (...) a dominação mental (...)** das pessoas. (...) Só da pessoa observar aquilo, vai ficando na cabeça. (...) **Fazem a mesma coisa com os nossos estudantes. A escola também tem esse papel.** (...) É importante combater esse tipo de coisa porque faz parte da cultura do Movimento essa questão da relação do homem com a terra, né? **Uma questão de futuro, não é uma questão de agora.**

Toninho, 11/02/2006

A presença na área possibilitou perceber de fato que as causas das doenças iam bem além daquelas imediatas, como falta de higiene e água contaminada. Infelizmente, a formação acadêmica na área da saúde é extremamente descolada de uma consciência política e social (WERNER; BOWER, 1984).

A primeira fala que eu falei pra eles [estudantes de geografia da UNI-BH] foi essa: **se vocês são pessoas formadas pelo mercado de trabalho, (...) então vocês chegaram no lugar errado. Que aqui cês vão ver a realidade. Porque quem vê o país pelo quadrado que é a televisão, vocês vão ver na casa de vocês. Então se vocês querem conhecer o país nosso, vocês colocam a mochila nas costas e conheçam nosso país.** (...) Política ambiental, política agrária, e também o quê que a universidade poderia oferecer para a comunidade. **O que a universidade poderia oferecer pra nós?**

Ronaldo, 20/05/2006

Os interesses da saúde pública estão geralmente isolados da educação e da prática médicas, as quais são desequilibradas pela excessiva ênfase dada aos mecanismos biológicos. Muitas questões fundamentais para a saúde – como nutrição, emprego, densidade populacional e habitação – não são suficientemente discutidas nas escolas da área de saúde. Por conseguinte, há pouco espaço para a assistência preventiva à saúde na medicina contemporânea. Evitar as questões filosóficas e existenciais suscitadas com relação a toda e qualquer enfermidade séria é um aspecto característico da medicina moderna. A questão “O que é saúde?” geralmente não é sequer formulada nas escolas de saúde, nem há qualquer discussão sobre atitudes saudáveis. Os pacientes são encorajados a pressupor que os médicos podem consertar tudo, independentemente do seu modo de vida (CAPRA, 1989).

É desconcertante e irônico que os próprios estudantes de medicina e os médicos sejam os que mais sofrem em decorrência da concepção mecanizada da saúde, por desprezarem circunstâncias estressantes próprias de suas vidas. Os curadores tradicionais eram pessoas saudáveis, mantendo o corpo em harmonia com o meio ambiente. Já os médicos modernos são pouco saudáveis, e sofrem elevados índices de patologias físicas e sociais, como o alcoolismo e o suicídio (CAPRA, 1989). Illich discute com destreza essa comparação entre os médicos de hoje e os antigos curadores (ILLICH, 1975). Realmente o perfil desses “personagens” pouco se assemelha. Tesser (2006) recomenda uma retomada da postura de humildade curandeira como uma boa medida para contrabalançar a arrogância e o autoritarismo visceral da categoria médica.

A maioria dos estudantes de medicina adota essas atitudes não saudáveis logo no começo do curso de medicina, onde seu treinamento foi planejado para ser uma experiência extremamente estressante, competitiva, à semelhança do mundo dos negócios. Fritjof Capra (1989) acredita que qualquer tentativa de mudar o sistema atual de assistência à saúde terá de começar pela mudança no ensino da medicina.

#### 4.1.2 Uma concisa apresentação dos/as outros/as pesquisadores/as

Toda a comunidade contribuiu para a realização dessa pesquisa, mas é importante sublinhar alguns/mas agentes que se destacaram durante o processo (e que aparecem em negrito, abaixo). Essa apresentação contém dados objetivos e subjetivos sobre as famílias que mais se empenharam para que essa pesquisa tenha acontecido. Alguns desses dados foram coletados através do Questionário do Levantamento Social, Político e Econômico realizado no *Ho Chi Minh* para fins de formulação do Plano Político de Organização do Assentamento (PPOA). Outros foram observações ou impressões da pesquisadora.

O assentamento *Ho Chi Minh* tem três núcleos de famílias: Manuelzão, Paulo Freire e Patativa do Assaré, cada qual com aproximadamente 15 famílias. O núcleo que cada agente integra será incluído nas apresentações.



Seu Luiz, ao lado do Paulo (que era integrante do Coletivo TERRAS), após fazer uma pilha de adubo composto orgânico

Seu **Luiz**, 64 anos, trabalhador rural aposentado (mas continua trabalhando. E muito). Católico, nasceu na região de Nova União, em 1943. Casado com Maria da Luz, e nunca deixou a terra onde nasceu. Foi assentado junto ao MST por ser agregado da Fazenda que o INCRA comprou, integrando o núcleo Patativa. Em suas palavras: “Agora eu vou ser sem terra? Eu nasci sobre a terra!” Mora em uma casinha de barro próximo ao Rio. Nunca sentiu necessidade de ter um banheiro, e nem tampouco instalações elétricas. Cria diversos animais: cachorros (8 cachorros!), gado, porcos, galinhas, galinhas d`angola... Perdi a conta de quantos filhos eles têm. Participa atualmente no Setor de Saúde do assentamento. Sua filha, **Fátima**, também está envolvida com o Grupo de Plantas Medicinais. Mas não mora no assentamento. A família utiliza medicamentos provenientes de farmácia viva e de farmácia convencional.



Maria de Lourdes (à direita), preparando geléia de mocotó com Maria do Carmo



Cassiane



Edson, no Seminário de Gestão do Coletivo TERRAS



Narli (à direita), no Arraial do Ho Chi Minh



Toninho, em estudo com a turma de Extensão Rural da Escola de Veterinária da UFMG

**Maria de Lourdes**, costureira, esposa de Elizeu, que é pedreiro. Mãe de 3 filhos, sendo que 2 desses moram no *Ho Chi Minh* e participaram ativamente dessa pesquisa, **Edson** (23 anos) e **Cassiane** (20 anos). Cassiane tem uma filha de um ano, Elen. A família é evangélica. Moravam em Betim antes de entrarem para o MST. Agora moram em casa de barro. Fazem parte do núcleo Manuelzão. Maria de Lourdes compõe o Grupo de Plantas Medicinais do *Ho Chi Minh*. Cassiane é coordenadora desse grupo. Edson participa do Coletivo de Comunicação. A hospitalidade dessa família é exemplar. Assim como me acolheram, acolhem aqueles que precisam. Cultivamos uma bonita amizade! Além de amizades, Maria de Lourdes cultiva diversas plantas em horta e em seu horto medicinal. Utilizam medicamentos provenientes de sua horta e também do posto de saúde.

**Narli** (52 anos) e **Toninho** (43 anos), esposa e marido, católicos, viviam na periferia de Betim antes de entrar pro MST. Já estavam há alguns anos no Movimento, e em janeiro de 2006 chegaram para serem assentados no *Ho Chi Minh*. Ela era costureira. Ele já havia trabalhado em gráfica, em padaria e na prefeitura de Betim. Antes de ser assentado, trabalhou no Setor de Finanças na Secretaria Estadual do MST. Manteve esse cargo por um ano após ser assentado. Têm um filho de 15 anos, Pierre. Moram em uma casa que tem um cômodo de bambu e lona e um cômodo de tijolos. Compõe o núcleo Paulo Freire. Atualmente, Narli é Coordenadora de Área e Antônio é integrante do Setor de Educação do assentamento, além de compor o Setor Financeiro da Brigada Iara Iavelberg. Narli e Toninho, são pessoas extremamente cultas e

inteligentes, e têm uma visão incrível do Movimento. De adubo composto orgânico a permacultura, têm fluência sobre todos os temas. Tanto aprendi com eles! Cultivam diversas plantas medicinais. Utilizam medicamentos provenientes de horta e de hospital também.



Marilene e Antônio (casal à direita), na cerimônia de Legitimação do *Ho Chi Minh*

**Marilene** (47 anos), católica, esposa do Seu Antônio (61 anos), mãe de 4 filhos. Destes, apenas um, o Elvécio, de 24 anos, reside no assentamento. Chegou na área em dezembro de 2005, e antes morava em periferia, na área urbana. Ela trabalhava como babá, e seu marido era pedreiro. Moram em um maravilhoso barraco de adobe construído por Seu Antônio. Muito me comove a história de vida e os sonhos de dona Marilene. Só conversando com ela (de preferência tomando seu delicioso cafezinho e sua rosquinha) pra entender. Gosta de ir pescar no Rio Preto com sua neta. Atualmente, ela é coordenadora do seu núcleo, o Manuelzão, e também integra o Grupo de Plantas Medicinais do *Ho Chi Minh*. Marilene tem uma horta incrível, alimentícia e medicinal. Utiliza medicamentos de sua horta.



Maria do Carmo, construindo seu fogão

**Maria do Carmo**, 53 anos, tecelã (seus tapetes são verdadeiras obras de arte), evangélica, divorciada, mãe de três filhos. Morava em área urbana até entrar para o MST. Mora na barraca que construiu, de lona, coberta com telhas. É um exemplo da força da mulher, não há como não admirá-la. Firme e doce como ela só. Realmente compreende o povo. Já compôs a Coordenação Estadual e a Brigada Iara Iavelberg por um longo período de tempo. Agora tenta ficar mais na



Izabel, lavando tripas de boi no Rio Preto



Maria das Dores, na festa de inauguração da agroindústria do *Ho Chi Minh*



Cida, na Cerimônia de Legitimação



Guilherme (à esquerda), dançando no Arraial do *Ho Chi Minh*



Jéssica

área, zelando pelo assentamento. É coordenadora do seu núcleo, Paulo Freire. Após sua entrada no MST, já fez curso sobre plantas medicinais. Utiliza medicamentos de horta.

**Izabel**, 55 anos, trabalhava como gari, solteira, católica. Foi criada na roça, mas morava em região urbana antes de entrar pro MST. Agora, mora em um cômodo da Sede da antiga fazenda. Compõe o núcleo Manuelzão. Timidamente, dona Izabel vinha participando em silêncio da pesquisa, e a partir da Caminhada para reconhecimento de plantas medicinais nativas se soltou, mostrando seu vasto conhecimento sobre essas. Utiliza medicamentos do mato e também do posto de saúde.

**Maria das Dores**, (39 anos), católica, esposa de João Vítor (43 anos), mãe de Joyce (8 anos) e Letícia (2 anos), garotas incríveis. Joyce é o futuro do MST, isso fica claro quando se conversa com ela por 5 minutos! Moravam em área urbana antes de entrar pro MST. Agora moram em casa de bambu e lona. Maria das Dores era ajudante de cozinha. Compõe o núcleo Paulo Freire, e desde a ocupação já fazia parte do Setor de Saúde do *Ho Chi Minh*. Gosta de fazer caminhadas e de festas. Cultiva plantas medicinais, mas também utiliza medicamentos do posto de saúde.

**Cida**, solteira, católica, mãe de 6 filhos e avó de uma neta. Seus filhos **Guilherme** (17 anos) e **Jéssica** (14 anos) também contribuíram para a realização dessa pesquisa. Cida trabalhava como doméstica e residia em zona urbana antes de entrar pro MST. Agora mora em barraca de bambu e lona. No assentamento, a

família integra o núcleo Manuelzão. Cida fez parte do Setor de Saúde por mais de um ano. Seus filhos também estão inseridos em atividades do assentamento. Cultiva plantas medicinais, e utiliza os medicamentos do seu horto.



Salgadinho, na varanda de Maria do Carmo

**Salgadinho** (Renilson), 27 anos, trabalhador rural, marido de Conceição, já estava no MST há alguns anos. Antes de entrar pro Movimento, vivia em área urbana. Agora, mora em barraca de lona. Salgadinho faz parte do núcleo Patativa. Compunha o Setor de Saúde, do assentamento e também Estadual. Desfrutei de muitos cafés e conversas com esse animado companheiro! Utiliza medicamentos do posto de saúde.



Dona Geralda, na agroindústria

Dona **Geralda** e Seu João Evangelista, evangélicos. Ela era cozinheira e ele era servente de pedreiro. Têm 9 filhos, mas apenas um reside no assentamento com eles: o Mateus, de 7 anos. Moravam em região urbana até integrar o Movimento. Estão morando provisoriamente em alguns cômodos de uma casa que existia no assentamento. Fazem parte do núcleo Paulo Freire. Dona Geralda compõe o Grupo de Plantas Medicinais do *Ho Chi Minh*. Os medicamentos que utilizam vêm do posto de saúde.



Ronaldo, no Seminário de Plantas Medicinais

**Raquel** (44 anos) e **Ronaldo** (37 anos). Ela é assistente social e ele é torneiro mecânico. Residiam em área urbana até entrar pro MST. No *Ho Chi Minh*, Ronaldo era Coordenador de Área, e também compunha a Brigada Iara Lavelberg. Em suas próprias palavras: “Alguém me chama de sonhador às vezes... Eu sou sonhador, e eles me chamam” (20/05/2006).



Raquel (à esquerda), na mística da cerimônia de Legitimação

Duas pessoas incríveis, com uma notável percepção política do mundo. Raquel foi a primeira assentada do *Ho Chi Minh* que eu conheci, nunca vou esquecê-la. Compõe o núcleo Patativa. Utilizam medicamentos do posto de saúde.



Zé Rosa

**Zé Rosa**, 54 anos, trabalhava como montador. Evangélico, divorciado, pai de 4 filhos, Coordenador de Área, até o mês passado compunha também o Setor de Cultura da Brigada Iara Iavelberg. Faz parte do núcleo Paulo Freire. Trabalha com madeiras, esculpindo colheres de pau, gamelas e outros artefatos. Sempre bem humorado e tranqüilo. Dança um forró como ninguém! Morava em região urbana até integrar o MST. Está morando em uma casa que já existia no assentamento. Os medicamentos que utiliza vêm de posto de saúde.



Zequinha

**Zequinha** (46 anos) e Lúcia (43 anos), trabalhadores/as rurais, católicos, chegaram no *Ho Chi Minh* em maio de 2005, com seus 3 filhos: Fabiana, Fábio e Marcos. Residiam no assentamento *Dom Orione* até então. Zequinha faz parte da direção nacional do MST. Fabiana tem formação técnica em Agroecologia. A família mora nas instalações da agroindústria do assentamento, e integra o núcleo Paulo Freire. Zequinha faz parte da coordenação do *Ho Chi Minh*. Ele tem um vasto conhecimento sobre fitoterápicos, e agora comporá o grupo de estudos que contribuirá para a continuidade do trabalho do Grupo

de Plantas Medicinais do *Ho Chi Minh*. Utilizam medicamentos de horta e de farmácia convencional.



Seu Vantil (à esquerda), durante a Assembléia do Lixo: Ecologia e Saúde

Seu **Vantil**, 70 anos, vigilante aposentado, evangélico. Reside atualmente em zona urbana. Desistiu de permanecer no assentamento, visto que era difícil para ele, idoso e sozinho, se manter na área. No assentamento, tinha como tarefa a Disciplina, e compunha o núcleo Paulo Freire. Conhece diversas plantas medicinais. No entanto, além de usar medicamentos da horta, utiliza medicamentos da farmácia convencional e do posto de saúde.



Maria Ilma, na cerimônia de Legitimação do *Ho Chi Minh*

**Maria Ilma**, 45 anos, artesã, católica, mãe de 2 filhos. Morava em uma casa localizada na Comunidade do Carmo, um pequenino povoado em Nova União, entrando pro MST como agregada da antiga fazenda. No assentamento, compunha o Setor de Cultura e o núcleo Paulo Freire. Mudou-se do município quando se separou de Deusdedit, que ali permaneceu. Sempre solícita e cheia de boas idéias. Compunha o Setor de Cultura no *Ho Chi Minh*. Utiliza medicamentos da farmácia convencional e do posto de saúde.

#### 4.1.3 Abrigo e alimentação

A pesquisadora, no início da pesquisa, comia e dormia na casa dos/as assentados/as. Isso em muito promoveu a interação com as pessoas do local. Porém, com o passar do tempo e o aumento da freqüência das idas ao *Ho Chi Minh*, a sensação era de estar “invadindo” o espaço daquelas pessoas. Junto com outros membros do Coletivo TERRAS, que passavam pela mesma situação na área, pensamos que seria interessante ter nossa própria barraca no assentamento, e também o nosso próprio fogão à lenha, para assim evitar a dependência que tínhamos das famílias assentadas. Essas famílias disseram



Aspectos exterior e Interior da casa de Maria do Carmo, onde passei diversas noites

que não atrapalhávamos em nada em suas casas, mas se quiséssemos ter a nossa própria barraca eles apoiariam.

Quando essa discussão estava amadurecida, em abril de 2006, uma família que iria se mudar para outra parte do assentamento nos ofereceu para comprar sua barraca e seu “banheiro”, e com o dinheiro ele compraria material para construir sua nova barraca. Assim o processo foi acelerado e não necessitamos de construir nós mesmos a nossa barraca.

A oportunidade de estar no local em uma barraca contribuiu muito para perceber as dificuldades

que as famílias passam diariamente sob a lona. Com freqüência, era necessário fazer reparos na barraca.

Muito tempo era investido consertando e remendando esta. Após um período de chuvas intensas, os remendos não mais adiantavam. A estrutura da barraca, de bambu, estava frouxa, e bolsas d`água formavam-se no teto. Tudo que havia dentro da barraca, como colchões, roupas de cama, utensílios, roupas, papéis e alimentos, molhavam-se freqüentemente. Foi necessário que o Coletivo TERRAS reconstruísse a barraca, e para tal precisamos cortar e buscar bambus a meia hora de caminhada do local desta! Felizmente, Edson, assentado do *Ho Chi Minh*, nos ajudou com sua experiência e boa vontade.

Muito tempo também era investido no preparo das refeições. Construimos um fogão à lenha na varanda da nossa barraca, com o auxílio de pessoas da área. Para cozinhar, precisávamos conseguir lenha. Em tempos de chuva, isso era um desafio. Na verdade, até acender o fogo era uma tarefa árdua para nós...



À esquerda, barraca do Coletivo TERRAS; à direita, fogão à lenha sob lona rasgada da varanda

#### 4.1.4 Acesso e comunicação

O difícil acesso à área foi um fator que muitas vezes prejudicou a maior participação da pesquisadora em atividades no assentamento. Sempre que se ia à área, era necessário ficar até o dia seguinte, porque há pouca circulação de ônibus no local. Para ir ao assentamento, saindo de Belo Horizonte, é necessário pegar dois ônibus: o primeiro vai do centro de Belo Horizonte até o centro de Nova União, por uma estrada asfaltada, porém muito perigosa. O referido trecho de estrada é o que mais tem acidentes em toda a região metropolitana belo-horizontina. O segundo ônibus, um velho ônibus particular, apelidado carinhosamente de “Tatão” (que é o apelido do dono do ônibus) vai do centro de Nova União até o assentamento, por uma estrada de terra. Ambos os ônibus circulam pouco, e muitas vezes seus horários são incompatíveis. Um trecho do caderno de campo demonstra essa dificuldade de transporte.

Às 17:30 consegui uma carona (paga) em uma van da prefeitura, a R\$ 3,00. Esta me deixou no centro de Nova União antes das 18 horas. Porém, não havia ônibus para Belo Horizonte às 20 horas, [como haviam me informado,] as pessoas estavam enganadas! Como não há pousadas ou pensões (a menos que eu apenas não as tenha achado) nessa cidade, resolvi tentar conseguir carona, para não ficar ao relento ao cair da noite. Consegui uma carona em um caminhão de transporte de banana, conduzido por um produtor local. Porém, esse só ia até o município de Nova Aparecida. Felizmente, Nova Aparecida fica próxima a uma BR, onde haveria mais possibilidades de carona. Um taxista que tem uma propriedade rural em Nova União ofereceu levar-me a Belo Horizonte por R\$ 20,00. Eu aleguei que só tinha R\$ 10,00, e ele concordou em levar-me por essa quantia. Ufa! Rumo à minha cidade novamente!

Caderno de Campo, 16/08/2006



Da esquerda para a direita: Ônibus Intermunicipal Belo Horizonte/ Nova União; Membros do TERRAS pegando o “Tatão”; e o interior do Tatão

Outra questão que dificultou o desenvolvimento do trabalho foi a falta de telefone na área, o que muito atrapalhou a comunicação e o lidar com problemas de última hora, tanto os meus quanto os dos/as assentados/as. Às vezes eu ia à área preparada para um evento ou reunião marcado com antecedência e aquilo já estava desmarcado por alguma razão.

A possibilidade de ir constantemente à área foi imprescindível para permitir a compreensão das razões e emoções daquelas pessoas. A participação com as famílias em seu dia-a-dia, desde a mais rotineira busca de lenha no mato, nas quais eu ficava cheia de picada de insetos e espinhos cravados na pele, até as maiores festividades foram todas experiências incríveis.

No dia 16 de setembro cheguei ao assentamento para a festa de celebração de um ano do assentamento. As festividades estavam programadas para os dias 16 e 17 de setembro. A agroindústria de beneficiamento de cana-de-açúcar instalada no local foi também inaugurada. **O sentimento que tive ao vê-los tão felizes com suas conquistas foi de orgulho. Muito orgulho. A própria organização da festa foi uma iniciativa dos assentados sem auxílio externo, e isso é um passo gigantesco comparado com as outras tentativas de organização interna.** Rapadura, bolo feito de rapadura, cachaça, almoço farto. Tudo à vontade. Após uma emocionante mística, da qual participei, um relato da história do *Ho Chi Minh*. Uma missa. O batizado do recém nascido Caio Marx. Mais tarde, caldo de mandioca e carne à vontade. Música ao vivo, forró... E muito ânimo. No dia 17, reconhecimento da região pelas visitas e almoço coletivo.

Caderno de Campo, 19/09/2006



Festa de Inauguração da agroindústria e aniversário do *Ho Chi Minh*. Da esquerda para a direita: rapaduras e aguardentes produzidas no assentamento; convite para a inauguração; detalhe da decoração; mística; batismo de Caio Marx

#### 4.1.5 Convivendo no *Ho Chi Minh*

Fui apresentada na área por Bianca, farmacêutica, que à época era integrante do Coletivo TERRAS. Àquele tempo, ela já tinha estabelecido contato com algumas famílias do local.

Primeiro veio a Bianca. (...) **E aí falou de nós se nós aceitaríamos que você viesse, né? Aí, né, todo mundo aceitou, concordou.**

Maria de Lourdes, 26/10/2006

Fiquei instantaneamente cativada pelo *Ho Chi Minh*. No dia 26 de novembro, aconteceu a primeira reunião sobre o meu mestrado com os/as assentados/as. Fica claro pelos escritos do caderno de campo a ansiedade e a alegria que eu sentia ao tentar firmar laços na área. Nas primeiras idas ao local, eu tentava visitar o máximo de famílias do local para conhecê-las e ser também por elas conhecida.

O dia foi uma sucessão de visitas a moradores. Maria do Carmo, Maria de Lourdes, Maria das Dores. Seu João [Evangelista], João Bagaço e Ângela, onde estavam presentes também Ronaldo, Seu Silas e Thiago. (...) Ronaldo mostrou-se interessado no projeto, querendo participar ativamente deste. Conversamos muito sobre os aspectos políticos do trabalho com plantas medicinais e o caráter emancipatório que pode (e deve) ser impresso nesse tipo de trabalho. Thiago, Seu Silas e Ronaldo me desejaram boas vindas ao *Ho Chi Minh*. Ronaldo me disse que “**é preciso sentir o povo, mergulhar no povo para entendê-lo**”.

Diário de Campo, 27/11/2005

Freqüentemente eu participava de atividades sociais da área, momentos de riquíssima observação participante. Estar com a comunidade em seu dia-a-dia permitiu firmar as bases para uma relação de confiança recíproca. Compreendemo-nos mutuamente, apagando os limites existentes entre *eu* e *eles*, constituindo assim o *nós*.



Mística do dia da Legitimação no *Ho Chi Minh*: a mais bonita que já participei



De cima para baixo: Crianças do *Ho Chi Minh*; Rio Preto, gatos de Maria de Lourdes

O fim de semana foi incrivelmente produtivo. **Aprendi como se fazem os buracos para colocar as estacas de uma barraca de lona. Aprendi a fazer a colher de pau, com o Zé Rosa.** Visitei Salgadinho e Vavá. **Participei em uma festa na casa do Isaac, e também de uma integração** na casa do Wanderson. No dia seguinte, fui na roça **colher feijão** no Coletivo. Fomos também ao bananal **colher bananas**. Após um renovador **banho de rio**, a reunião. Essa fluiu muito bem, e o Seminário promete! Qualquer dia desses eu largo meu consumismo e minhas modernidades aqui na cidade e viro Sem Terra. Ah, se viro!

Caderno de Campo, 29/01/2006

Percebi que minha consciência social era imprescindível para estar naquele meio. Um/a pesquisador/a formado/a apenas tecnicamente não teria o privilégio de conseguir manter-se no local, visto que diversas vezes era exigida de mim por alguns/mas assentados/as uma postura crítica, uma formação

política. Segundo Barbier (1985), o engajamento do/a pesquisador/a em e por sua práxis científica – em função de sua história familiar, de suas posições passada e atual nas relações de produção e de classe, além do seu projeto sócio-político – é inevitavelmente parte integrante e dinâmica da atividade de conhecimento. Não podemos “sair de nós mesmos” e conduzir investigações separados de nosso lugar no mundo. Nossos valores e interesses modelam como estudamos e discutimos a realidade (SMITH, 1983).

Quase entrei em conflito com alguns assentados, logo nas primeiras idas ao *Ho Chi Minh*, mas ficou claro para eles (ao fim de um bom debate) de que lado eu me posiciono na luta de classes, e isso era com certeza o mais importante.

A comunidade foi receptiva e carinhosa comigo e com os demais membros do Coletivo TERRAS, como fica explícito na fala de Seu João Evangelista.

**Eu quero agradecer por toda sua atenção. Por toda a força (...) no nosso caminhar**, isso é [como um] remédio. (...) A minha barraca é humilde, (...) mas todos ocês que quisé durmi lá em casa... Não tem cama ainda, porque não deu pra comprar, mas nós embola lá.

Seu João Evangelista, 11/02/2006

A pesquisa sobre as plantas medicinais também foi muito bem aceita desde os primeiros contatos.

Então eu acho que nós tem que afiar as viola. **Tem que afiar as viola, porque o projeto é bom**, só de ervas medicinais, aí, eu sei que ta crescendo muito, muito, e a gente num pode ficar aí obcecado nesses medicamento de laboratório.

Ronaldo, 08/05/2006

#### **4.1.6 Envolvimento da comunidade**

##### 4.1.6.1 Potencialidades

Em um dos primeiros contatos dos/as assentados/as com essa pesquisa, durante o Seminário de Plantas Medicinais, eles/as se apresentaram escolhendo uma planta que gostariam de ser e o por quê. Pôde-se perceber nesse momento a união muito forte da comunidade.

Se eu fosse uma planta, eu queria ser uma orquídea. Embora a orquídea, ela seja uma planta que (...) precise de outra para sobreviver. Ela não floresce sozinha. Eu penso nela não como uma planta nociva, dependente do outro. Mas como uma planta que ela precisa da outra para sobreviver, não sobrevive sem a outra.

Raquel, 11/02/2006

Se eu fosse uma planta, gostaria de ser a babosa (...), é uma planta que serve para curar várias enfermidades. E o que eu gostaria é de ver todos curados dessas enfermidades.

Maria de Lourdes, 11/02/2006

Se eu fosse uma planta eu acho que eu seria um pé de novalgina pra curar a dor da companheirada aí, é isso aí.

Salgadinho, 11/02/2006

Essas primeiras falas eram tão promissoras! Infelizmente, enfrentando no dia-a-dia todos os desafios de viver coletivamente, a união foi se enfraquecendo com o tempo. A vontade da comunidade de permanecer unida e trabalhar junto, quando manifestada, era sempre forte motivação que inspirava mais alguns meses do trabalho de pesquisa.

Vamo tirar o exemplo dum bando de abelha ou um bando de formiga. (...) Aquelas abelhinha que vem trabalhar aqui buscando e levano material, lá dentro da casa delas tem a rainha lá que manda elas. Elas num trabalha sozinha não. (...) E assim é a formiga, tamém tem a rainha delas. Elas só vai buscar foia lá no mato quando a abelha rainha permite elas buscar. Entendeu? Agora, se aquela abelha rainha morrer vem outras no lugar dela. Vamo tirar o exemplo? Cês num vê aqueles miquinho andando lá na estrada? Cê pode oiar que tem um dirigente deles na frente. Qualquer coisa que acontecer com um deles que tá lá atrás, o que tá na frente avisa eles. Fica guardando. Um urubu-rei, eu tirei experiência duma vez: morreu um cavalo lá perto da minha casa. Aquele cavalo tava morto. Aí veio dois urubu. (...) Eles rodaro o cavalo todinho. Vigiano. Oiano. Sabe qual o sinal que eles deixaro pros outros vim (...) comer? Eles deu um beliscão lá no cuzinho do urubu e no oio. Quer dizer que pra... Se o animal morrer envenenado, eles não toca naquele animal. Deixa lá do jeitinho que tá. Mas se num for envenenado, eles dão um toque praqueles outros que chegar já sabe que eles pode comer aquela carniça. **Assim somos nós. Nós tem que trabaiair unida.** (...) Não é só eu pegar um cargo sozinha, eu ir lá na frente achando que eu sou a tal, não. Vamos tirar experiência dos animais?

Geralda, 16/08/2006

Conversando sobre a necessidade de se trabalhar coletivamente, Marilene deu uma verdadeira aula sobre respeito mútuo e trabalho coletivo...

E às vezes a gente que (...) já tem uma experiência, (...) até quer passar, mas as pessoas não aceitam. (...) Acha que você tá (...) desfazendo da pessoa. (...) Oprimindo, né? (...) Mas aquilo ali é uma demonstração, cês tão ensinando pra gente. Né? Qual é o [papel] da gente? **Pegar aquilo ali como exemplo e seguir em frente. Não é você estar aqui todo dia ensinando e dizendo a mesma coisa.** Não existe. Igual o menino vai na escola, ele vai primeiro aprender a ler (...), e assim por diante. Mas não, se a pessoa não quer, cê vai ensinar, tem aquela humildade pra ensinar, e ainda é chamado de opressor. (...) Isso tem que ser trabalhado na comunidade pra que as coisas ande. (...) **Não tem ninguém melhor que ninguém. Aqui desde os menor, até os mais velho, tudo é igual. A gente tem que tratar todos com humildade, com amor e com carinho. Porque ninguém nasceu sabendo. Agora, a gente tem que aprender (...) a ter amor, ter carinho.** (...) Se eu tenho um grupo meu que gosta disso, aquele já gosta disso, o outro não, vão respeitar. Vamo ajudar todos naquilo que eles queiram fazer. (...) O coletivo ele é uma coisa que ele é trabalhado de uma maneira muito bonita. (...) **Então tá faltando união, tá faltando (...) trabalho coletivo, que é um trabalho que nós precisa ter daqui pra frente, que é de igual pra igual, quem sabe ensina. É trabalhar para formar o coletivo.** (...) Vamo fazer o negócio andar. Né, Ana?

Marilene, 16/07/2006

#### 4.1.6.2 Obstáculos

**O assentamento agora tá passando por um processo de organicidade.** Desde [a chegada] do Zequinha [maio de 2006], é a primeira vez que os (...) setores, as equipes, se sentam e discutem alguma coisa aqui dentro. (...) **Não vamo falar que o negócio tá a todo vapor que não tá não, tá a passos de tartaruga.** Mas assim... tudo começa é assim. Porque quanto mais velho nós tamos de acampado, mais fraco as coisas anda ficando. Porque quando a gente tá nas áreas de acampamento, tudo é festa porque tá naquela vontade, tudo é novo, mas tudo quanto se passa um pouco, (...) num tem coisas novas pra substituir, aí que começa a se desorganizar. **Mas agora aqui já começou a ter outro espaço, vocês tão chegando [aponta para mim e para o Paulo, do Coletivo TERRAS], já tem (...) como nos organizar de novo, pra dar esse fôlego outra vez, e começar. (...) A gente num organiza num é dum dia pro outro. Às vezes leva uns 6 meses. Às vezes leva um ano. Às vezes leva a vida [fala em tom dramático, imposta a voz], e a gente num consegue se organizar de uma maneira certa. (...) O caminho é isso mesmo, não pode ser de uma vez também, viu, se fosse duma vez poderia começar, meter todo vapor e depois dá aquela recaída, melhor a coisa começar é de levinho.**

Ronaldo, 08/05/2006

No contexto encontrado, de (des)organização dos/as assentados/as, não foi possível estabelecer um único grupo de trabalho com a participação de pessoas fixas em reuniões periódicas. Na perspectiva da complexidade, é estabelecida uma relação recorrente entre método e teoria. O método, gerado pela teoria, regenera-a (MORIN, 2005a). Cada passo da pesquisa foi elaborado de acordo com a práxis vivida.

Maior do que o desafio de contribuir para o uso dos fitoterápicos foi aquele de contribuir na organização da comunidade, de modo a ocasionar práticas autônomas e autogestionárias. Na visão tradicional da ciência, onde tudo é determinismo, não há sujeito, consciência ou autonomia, o objeto pesquisado não é ativo. Quando aparece uma contradição, é um sinal de erro. Na visão complexa, quando se chega por vias empírico-rationais às contradições, isto significa não um erro, mas o atingir de uma camada profunda da realidade (MORIN, 2005b).

A comunidade necessitaria de um nível organizativo maior para permitir a participação esperada no processo da pesquisa. A comunidade está envolvida com pendências internas não construtivas, mantendo no Setor de Saúde lideranças inexperientes e inativas. É uma complicada obra de engenharia social trabalhar nesse contexto.

Eu acho que se envolveram pouco, falta de... Querer, assim mesmo. É... Às vezes (...) é... Falta de conhecimento, falta de tempo. (...) Às vezes ta ocupado com outra coisa, né? E também no começo o erro, (...) que disse que era só a equipe de saúde que era pra participar? (...) **O primeiro erro eu acho que começou por aí.** (...) Porque você lembra, na segunda reunião parece, me parece, que teve aquele seminário [Seminário de Plantas Medicinais], que vocês já foram envolvendo mais pessoas, aí me envolveu, envolveu a dona Izabel, as outras pessoas, né? Aí já foi diferente... (...) **Cê vê que a equipe de saúde não tava interessada era ni nada. Mesmo, num queria, né?** (...) Quer dizer, se eles tivesse interesse, eles ia procurar... Vão procurar saber que plantas é boa pra isso, que aí num precisa da gente gastar dinheiro com remédio.

Maria de Lourdes, 26/10/2006

Segundo Bergson, “a percepção dispõe do espaço na exata proporção em que a ação dispõe do tempo” (BOSI, 1991). Segundo Moles (1995), “devemos, com frequência, pensar rápido e sacrificamos a qualidade de nosso pensamento”. Uma metodologia participativa como a proposta por essa pesquisa demanda muito tempo para amadurecer e solidificar-se. Conseguir que a comunidade se organize com qualidade política é tarefa, muitas vezes, de longuíssimo prazo. Uma pesquisa-ação é difícil de ser realizada em curto espaço de tempo. Como sabiamente colocou o assentado Ronaldo, “o tempo para o caminhar da comunidade é lento”. Nas palavras desse mesmo assentado, não adianta “meter todo vapor” se depois volta pro mesmo lugar. É necessário ter paciência e respeitar o tempo das pessoas do local.

Nas palavras de Franco (2005), “é preciso tempo para construir a intimidade e um universo cognitivo mais próximo, para barreiras e resistências serem transformadas; para apreensão de novos fatos e valores que emergem de constantes situações de exercício do novo; para reconsiderações de seus papéis profissionais e elaboração das rupturas que emergem, para o imprevisto e o recomeço”. Devido à necessidade institucional de que a pesquisadora concluísse a Dissertação em dois anos, foram produzidas, mesmo sem conseguir atingir elevados níveis de participação, ações coletivas com base em conhecimentos científicos e populares, como discute Pedro Demo (2004).

Os/as assentados/as esquivaram-se em diversos momentos de tarefas e responsabilidades. Os membros da comunidade parecem estar acostumados com pesquisas assistencialistas, que os deixam em posição cômoda de expectadores dos projetos *dos/as pesquisadores/as*. A comunidade não tem hábito de se colocar como participante ativa das pesquisas realizadas *sobre* ela. Logo não queriam “ter trabalho”.

Apresentei a proposta do Seminário, e esta foi simplesmente “aceita” pela coordenação. **Cida achava melhor que eu levasse uma proposta pronta. Expliquei sobre minha metodologia e que este não era o melhor caminho, na minha opinião.**

Caderno de Campo, 08/01/2006

No Seminário de Plantas Medicinais por exemplo, os/as assentados/as esquivaram-se da tarefa de fazer o repasse do debate de um dos grupos para o outro, justificando-se.

Igual aquele dia: tem coisas que... **Cês num tem como fugir. Num é que você tem que comandar. Mas é vocês que tem mais experiência.** Tem certas coisa que (...) é vocês mesmo que tem que encaminhar, né? Num é que vocês que controlá, coordená e fazê tudo, mas tem coisas que... [levanta os ombros e vira as palmas das mãos para cima, um gesto que indica que “não haveria outro jeito”.]

Cida, 11/02/2006

Além desse comodismo, houve diversas justificativas para o pequeno envolvimento da comunidade. Algumas das razões para o pouco envolvimento eram realmente incontornáveis. Havia tarefas a serem realizadas, referentes à conquista e divisão da terra, como a necessidade de resolver questões referentes ao Processo de Planejamento e Organização do Assentamento (PPOA) – antigamente denominado Plano de Desenvolvimento e Assentamento (PDA) – do local. Ao final da sua elaboração, a equipe que realiza o PPOA entrega um projeto ao INCRA descrevendo o perfil das famílias que estão na área, como será a divisão das terras, quais serão as atividades produtivas, dentre outros aspectos. A divisão das terras da fazenda e a decisão sobre que local ficará a casa de cada família depende do PPOA, e então ele é de extrema importância para a comunidade.

Não, não discutiu nada, porque estava [discutindo] sobre o questionário... (...) O Alexandre [técnico de produção do MST] tava aqui (...). Aí quarta-feira o pessoal da produção tava aqui, nós tínhamos reunião. Sexta feira, o Alexandre pediu pra mim ir visitar os caseiros com ele... E cabô que não deu pra fazer reunião. (...) **Tá tudo tumultuado devido esse PDA. Tá todo mundo doido.**

Ronaldo, 12/06/2006



Reunião do PPOA

Essas questões mostravam apenas que essa pesquisa não era prioridade dentro do amplo leque de coisas que aconteciam simultaneamente no assentamento. Os assentamentos são objeto de uma acirrada e desproporcional disputa no terreno político, ideológico e econômico (SPCMA, 2006c), e muita coisa acontece nessas áreas ao mesmo tempo.

É um momento também de muita ansiedade no assentamento. **Tá acontecendo muita coisa. (...)** Muita política que tem que fazer... CEMIG, Dom Orione, toda hora tem uma luta política e tira a concentração do povo. Né? Mas a gente sabe que é necessário... Tem o PDA acontecendo, tem o PEA acontecendo, e tem (...) os projetos ainda do Coletivo TERRAS... Isso é muito positivo pra gente, mas... **É um momento de muita intensidade, né? Acaba que as pessoas acabam ficando meio... Tanta coisa pra fazer...** E ainda tem que trabalhar, né, pra ganhar um dinheiro... (...) Ainda tem a cana, né, que tá vindo aí uma agroindústria.

Marcelo Corisco, 05/06/2006

Eu só tenho uma preocupação. Que... **Nós vão ter que... Limitar o nosso tempo pra cada coisa. (...)** Com todas essas outras atividades, né, do Carmo, que a gente tem pra poder fazer... Ajudar a colocar essa usina pra funcionar. (...) Nós tem que fazer as coisas... **E enquanto a gente não se organizar pra tirar o tempinho pra cada coisa... (...)** Vai ficar meio difícil.

Narli, 31/07/2006

A timidez também atrapalhou o envolvimento mais ativo de alguns/mas dos/as assentados/as.

**Por mais que a gente tente romper dentro de cada um, é complicado. (...)** **Que as pessoas às vezes inda sente oprimido ainda, pelo falar. (...)** Com medo de falar uma coisa errada (...), "eles vai rir de mim".

Ronaldo, 12/06/2006

Quando ele falou, tem hora que eu não entendi, eu pergunto, não tô nem aí... Eu respondo também... E já tem muita gente dentro do acampamento que não é assim. **Eles é mais de ficar participando calado, só calado.**

Maria de Lourdes, 31/07/2006

Às vezes as pessoas sentiam-se inseguras de tomar as rédeas dos processos por estar a pouco tempo no MST, ou por não acharem que tinham a formação necessária para tal.

**Aqui tem uma parte das pessoa que ta precisando de uma consciência formada, (...)** **que ela precisa de participar. (...)** **Que inda vai ter que aprender, estudar, ver quê que vai fazer.**

Maria de Lourdes, 16/07/2006

Por exemplo, quando fomos escolher as coordenadoras do Grupo de Mulheres, esse aspecto pôde ser observado com clareza. A tarefa era “jogada”, de uma para outra, e cada uma se esquivava, dizendo que não tinha experiência de coordenação ou que não sabia ler e escrever. Nessa mesma reunião, foram também tecidas críticas indiretas à falta de flexibilidade na organicidade do MST. Assim como nesse momento, questionamentos referentes à organicidade permearam toda a pesquisa.

**Eu acho que (...) pode ser mais aberto (...), e parar com esse negócio de: Ah, é porque tem Fulano quem tem que fazer. Não! Só porque ele tem um nome que ele é um coordenador, ele não é obrigado a puxar o boi não. (...) O grupo tem que ser um grupo mais livre, mais aberto, (...) o grupo todo que tem seu poder de decisão. (...)** E se for pra tirar uma coordenadora e essa coordenadora que vai ter que carregar o grupo nas costas, ela é obrigada a tudo isso, eu sou uma que não vou aceitar essa coordenação. Porque assim: eu sei que eu não tenho condições de carregar o grupo nas costas.

Narli, 16/08/2006

O machismo também foi um empecilho para a participação de algumas mulheres na pesquisa. Às vezes isso impediu algumas mulheres de assumir tarefas. E além de todos os fatores já citados, ainda havia outros imprevistos...

A reunião não ocorreu. (...) Houve um roubo de arame farpado de cerca pertencente ao assentamento, paga pelo INCRA, e as pessoas foram tirar satisfações com os ladrões.

Caderno de Campo, 13/07/2006

Muitas vezes, algumas pessoas que vinham para a reunião logo iam embora, após “marcar sua presença”. Isso trouxe uma grande dificuldade de que o processo fosse continuado. Em momentos diversos, os/as próprios/as assentados/as incomodavam-se com a falta da participação dos/as companheiros/as e buscavam soluções.

É o momento também de fazer uma avaliação do grupo aqui. (...) **Como tá a participação? Se a gente não faz essa avaliação a gente não vai avançar.** (...) Tá faltando alguma coisa tanto por parte da coordenação do assentamento, (...) ou por parte do coordenador de cada núcleo, ou por parte de vocês. Isso tem que ser claro. (...) **Nós tem que achar instrumentos, ferramentas, [senão] nós num vão avançar.**

Ronaldo, 08/05/2006

Não, porque a gente reunia, conversava direitinho, arrecadava uma coisinha [de comer] na casa de uma, de outra... E que daria pra gente [fazer os lanches]... O único jeito da gente puxar nossas companheiras, **a gente vai ter que inserir alguma coisa pra poder trazer elas pro nosso meio.** (...) Seria incentivação pra todas participarem, né?

Marilene, 16/08/2006

**A gente dava um jeito de ir ajudando elas a levar os meninos.** Se elas queresse.

Lourdes, 16/08/2006

O esforço de ir à área, seguido das dificuldades para realizar encontros e a baixa freqüência nesses eram razão de muito desânimo. Sempre esse tema voltava à tona nas reuniões. Mas por fim, os agentes mais envolvidos cansaram-se de ficar chamando os outros.

**A gente tinha definido [pausa longa] não ficar correndo muito atrás do pessoal.** Porque toda vez, né, que, todo dia de reunião, às vezes uns vem, outros não vem.

Narli, 31/07/2006

A dificuldade de realizar as coisas coletivamente fez-se clara.

**O povo aqui gosta de trabalhar mais é (...) sozinho. (...) Tem que incentivar eles trabalhar coletivo, né, Salgadinho?**

Maria de Lourdes, 15/05/2006

Há na área uma certa "picuinha" entre os núcleos e entre algumas famílias, que também dificultou muito o andamento da pesquisa. Essa questão provavelmente é uma conseqüência da heterogeneidade cultural existente entre as famílias, pois vieram de diferentes contextos para formar aquela *comunidade*.

**O problema daqui todo é esse. (...) Nós aqui quer trabalhar. Alguém num qué. Mas ó. Mas ó. Depois num deixa a gente fazer nada pra... O negócio andar de jeito nenhum.** Não é possível porque é do grupo tal, é de núcleo tal, tem que ser o Setor de Saúde... (...) O problema todo é esse.

Maria de Lourdes, 31/07/2006

Mas, dentre todos os supracitados, o obstáculo mais complicado foi a desarticulação do Setor de Saúde, uma vez que se entendia na área que os/as envolvidos/as diretamente na presente pesquisa deveriam ser os membros do

referido setor. Não agir ao lado do Setor de Saúde local significava um desrespeito à organicidade do MST, um furo nessa organização como é proposta para todas as áreas do Movimento. O tema surgiu logo nas primeiras reuniões, e manteve-se ao longo de toda essa pesquisa-ação.

[Não vou ficar] preocupando de acompanhar saúde, que (...) a saúde aqui, (...) **infelizmente não tá tocada de nenhum jeito.** (...) Aí é uma discussão mais política do assentamento que a gente tem que avaliar. (...) Eu vou fazer uma conversa franca com Salgadinho, e ver quem vai tocar politicamente com o povo dentro aqui... Que o Salgadinho é [do Setor de Saúde] nível regional. (...) A Das Dor é do assentamento. Aí (...) tem que puxar a discussão política também. (...) Vão fazer um (...) trabalho pra envolver as pessoas. (...) **Que dia que vai envolver? (...) O quê que tá acontecendo no Setor de Saúde? Por quê que não tá (...) avançando? (...) É só pra ter um cargo, né? Fazer parte dum setor, então assim...**

Ronaldo, 12/06/2006

Era preocupante a falta de compromisso e envolvimento do Setor de Saúde do assentamento. Muitas vezes os integrantes do Setor nem compareciam às reuniões, ou saíam dessas antes do seu término.

Salgadinho, Maria das Dores e Cida estavam no assentamento no momento da reunião da nossa Frente, porém não compareceram nesta, apresentando cada qual sua desculpa esfarrapada.

Caderno de Campo, 21/05/2006

Garrafada, piolho, sabonete de aroeira, ele [falando sobre Salgadinho, que à época integrava o Setor de Saúde] sabe tudinho. Só que fica aí sem fazer, parado.

Maria do Carmo, 31/07/2006

A desarticulação do Setor de Saúde poderia impedir a divisão das terras para que as famílias pudessem finalmente construir suas casas, com o PPOA, pois é exigido que os principais setores estejam funcionando antes que essa divisão aconteça. Isso ficou claro em diversas falas dos membros do Setor de Saúde, que mostravam falta de responsabilidade pelo assentamento.

Eu acho que **cês** podem é tocar o bonde mesmo e ver se pode organizar, porque eu não tô a fim de PDA ficar indo e voltando.

Maria das Dores, 12/06/2006

A possibilidade de aprendizado da comunidade com seus próprios erros foi um dos mais importantes frutos da presente pesquisa. Como disse Rosa

Luxemburgo: “o único capaz de deter o papel de direção é o ego coletivo da classe trabalhadora que tem o direito soberano de cometer erros e aprender a dialética da história por si só. Vamos colocar isso de forma bastante direta: os erros cometidos por um verdadeiro movimento revolucionário de trabalhadores/as é, historicamente, muito mais produtivo do que as corretas decisões do mais admirável comitê central” (ALBERT, s/d).

## **4.2 AÇÕES PRÁTICO-PEDAGÓGICAS**

*O principal objetivo da pesquisa-ação é a solução de um dado problema, não a contribuição à ciência.*

Gay, 1996 *apud* DEMPSEY; DEMPSEY, 2000 (tradução da pesquisadora)

Oração sem ação de quê que vale?

Maria de Lourdes, 31/07/2006

### **4.2.1 Reuniões**

As reuniões tinham o funcionamento semelhante ao de grupos focais. Como caracterizado por Dempsey e Dempsey (2000), os grupos focais contém até 10 pessoas e há um moderador preparado sobre o tema que tenta garantir a participação de todos e também evitar a dispersão dos objetivos da discussão. O estabelecimento desse tipo de grupo permite que o pesquisador explore perguntas não previstas de antemão, e que faça a checagem de diferentes visões, assim como a verificação da fidedignidade dos dados, nem sempre possível em um contexto de entrevista individual.

#### **4.2.1.1 Reuniões da Coordenação, Assembléias e reuniões para estudo**

A coordenação do assentamento é composta pela coordenação de área, a coordenação de cada um dos três núcleos de famílias e os integrantes de todos os setores. As reuniões para estudo se dão no âmbito dos núcleos de famílias, e as Assembléias são momentos onde todos os assentados estão presentes. Usualmente esse último é um espaço para encaminhamento de questões e tomada de decisões.

A pesquisadora, estando inserida no contexto do assentamento, era constantemente convidada a participar de reuniões. Nessas reuniões, a pesquisadora teve muitas vezes um papel passivo, de observadora, visto que não conhecia a fundo questões internas que eram tratadas nesses espaços. Houve momentos de participação ativa em reuniões de coordenação ou assembléias quando o tema era o encaminhamento de assuntos referentes ao trabalho com as plantas medicinais.

A participação nessas reuniões, mesmo aquelas que estavam distantes do tema pesquisado, contribuiu grandemente para a contextualização do trabalho e percepção de conflitos internos no assentamento. Assumindo o uso das plantas medicinais como um fato complexo, foi útil analisar a realidade de forma transdisciplinar, sem isolar a variável a ser analisada, como proposto por Roper e Shapira (2000). Desta maneira, a dinâmica da comunidade pôde ser melhor compreendida, e fatores como as causas da dificuldade de envolvimento desta ficam mais claros.

O acampamento *Ho Chi Minh* existiu por mais de 3 anos antes das famílias que o compunham serem assentadas, e com isso muitos agentes desiludiram-se ou acomodaram-se, desempenhando apenas suas tarefas na roça e no âmbito doméstico, sem ter vontade de envolver-se na organização política ou em outros trabalhos no assentamento.

Nos meses de fevereiro, março, abril e maio de 2007 a pesquisadora participou em muitas reuniões de coordenação para resolver questões referentes ao Grupo de Plantas Mediciniais. Essas questões serão melhor relatadas no item “Reuniões do Grupo de Plantas Mediciniais”.

#### 4.2.1.2 Reuniões com o Setor de Saúde

No início dessa pesquisa, o Setor de Saúde do assentamento era composto por 3 pessoas: Salgadinho, que participa do Setor de Saúde Regional do MST, e Maria das Dores e Cida, que participam do Setor unicamente no assentamento. No presente, a única pessoa dentre as citadas acima que permaneceu no setor é Maria das Dores, e agora o integram também Seu Luiz e Eva. Desde o primeiro contato no assentamento até agora, o Setor de Saúde está desarticulado, o que em muito dificultou a presente

pesquisa. As frustradas tentativas de realizar a pesquisa junto ao setor mostraram-se pouco frutíferas, sendo necessária a articulação com outras pessoas da comunidade.

Algumas vezes as reuniões foram abertas para outros agentes da comunidade que quiseram participar. Essas se mostraram mais produtivas. A partir dessas reuniões com o Setor de Saúde, foi construído, em parceria com o Coletivo TERRAS, o Seminário de Plantas Mediciniais.

Em reunião do Coletivo TERRAS com representantes estaduais do Setor de Produção do MST, que ocorreu na Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Minas Gerais, o problema da desorganização dos setores foi pautado, a que os membros do MST responderam ser uma parte normal e esperada do processo de organização das pessoas da área.

A integração com o Setor de Saúde mostrou-se não apenas insuficiente, mas de fato ineficaz para encaminhar o trabalho com as plantas medicinais. Foram feitas algumas tentativas por parte da pesquisadora para promover a estruturação desse, porém mostraram-se inúteis. Esse problema está bem explicitado no trecho do caderno de campo que segue:

Pelo trâmite burocrático da prática orgânica do MST, não conseguimos encaminhar o início do trabalho [junto ao Setor de Saúde]. Essa estrutura precisou ser quebrada, dando lugar a um diálogo direto com aqueles que queriam se envolver no processo.

Caderno de Campo, 23/04/2006

#### 4.2.1.3 Reuniões da Frente de Plantas Mediciniais

Criou-se no assentamento uma “Frente de Plantas Mediciniais”, que se reuniu semanalmente pelo período de três meses. Compunham-na o Setor de Saúde e outros/as assentados/as com interesse no tema. As reuniões dessa frente tiveram por base um planejamento muito flexível, que foi sendo alterado de acordo com a demanda e as circunstâncias observadas, característica inerente à pesquisa-ação (MINICUCCI, 1982).

Nessas reuniões foram registradas expectativas, reivindicações, decisões e ações. As informações e demandas eram compartilhadas pelos participantes em um clima de confiança e de ética coletiva, permitindo que os assentados fossem sujeitos do processo, evitando sua submissão ao

pensamento da pesquisadora (UDE, 2003). A partir desse grupo, conseguimos realizar três eventos de maior alcance: a Assembléia do Lixo: Ecologia e Saúde, o 1º Arraial do *Ho Chi Minh* e a Exibição de Vídeos.

Ocorreram sete reuniões da Frente de Plantas Mediciniais, com a participação de 10 a 4 pessoas. No total, 22 pessoas passaram pelas reuniões desta Frente, sendo que cada participante esteve presente em uma média de 2 reuniões. Isso causou uma dificuldade de continuidade no processo, que ocorreu de maneira fragmentada, com realização de medidas pontuais. Houve diversas razões que impediram a participação contínua dos/as assentados/as nas reuniões, como explicitado no trecho do caderno de campo sobre a reunião dessa Frente com a menor freqüência, onde apenas quatro pessoas participaram:

Nós quatro conversamos bastante sobre a falta de participação das pessoas que haviam assumido participar na Frente [de Plantas Mediciniais]. **A Dona Narli fez uma cirurgia, a Dona Marilene não estava no assentamento e a Dona Maria Ilma é muito ocupada com suas obrigações na paróquia da Igreja da Comunidade do Carmo.** Dona Lourdes fará uma horta em sua casa, e eu tentarei colaborar com ela lá. **A distância da casa da Dona Maria de Lourdes a atrapalha de participar das reuniões da Frente.** Além disso, ela se chateia muito com a falta de participação e dedicação dos outros assentados.

Caderno de Campo, 21/05/2006

Nessas reuniões, sempre refletíamos sobre o momento de (des)organização dos agentes do assentamento, e também sobre o uso de plantas medicinais. Às vezes, conversávamos sobre aspectos políticos, econômicos e sociais do uso das plantas, e em outros momentos também sobre o uso destas: indicações, dose, e modo de preparo de alguns fitoterápicos foram levantados.

#### 4.2.1.4 Reuniões do Grupo de Mulheres

O MST tem como uma de suas linhas a igualdade entre homens e mulheres. Os debates sobre gênero fizeram-se presentes. A prática da medicina popular tem sido tradicionalmente uma prerrogativa das mulheres, uma vez que a arte de curar, na família, estava usualmente associada às tarefas domésticas e à maternidade (CAPRA, 1989). O século XVIII configura a

emergência da medicina como área de saber técnico-científico de domínio masculino que, desde então, se vê cada vez mais entrelaçada aos interesses de controle populacional, disciplinarização da força de trabalho e higienização dos espaços e das relações sociais (COSTA *et al.*, 2006). Com o surgimento dessa medicina organizada, os padrões patricarais se impuseram e a medicina tradicional passou a ser dominada pelo homem (CAPRA, 1989). As primeiras mulheres médicas brasileiras, na segunda metade do século XIX, lutaram para ingressar no mundo tradicionalmente masculino da medicina (COSTA *et al.*, 2006). Sebastião, técnico de produção do MST, no Seminário de Plantas Medicinais, trouxe à tona essa questão.

A uns 40 anos atrás, 50 anos atrás, na minha época, as crianças nasciam numa parteira. E essa relação aqui de uma mulher que faz o parto, essa mulher entende muito mais que a gente. (...) O homem não é o dono da vida, né? Todo mundo que estudou sementes aí lembra que a mulher é que aprendeu agricultura, ela é que aprendeu a jogar sementinha no solo, e a vida também, o nascimento da criança também, tem que ser acompanhado pelo conhecimento desse pessoal das organizações das parteiras populares, é a mulher é que tem que dar assistência ao parto. **Não é o homem, o médico. O médico é uma pessoa... É um saber masculino. E às vezes a própria médica, também é um saber da Universidade masculino, né?** Então, até essa importância da mulher assistir o parto, a parteira, é uma coisa que o pessoal tá voltando (...) a dar valor. Eu acho isso muito bonito.

Sebastião, 11/02/2006

A necessidade de controlar as populações, aliada ao fato de a reprodução ser focalizada na mulher, transformou a questão demográfica em problema de natureza ginecológica e obstétrica, permitindo a apropriação médica do corpo feminino. O conhecimento cirúrgico-tecnológico aproximou a medicina do parto, quebrando a hegemonia das parteiras. Não se pretende aqui questionar os benefícios do conhecimento científico para intervir no processo reprodutivo, como por exemplo o advento da pílula contraceptiva ou do parto cesáreo, que tem salvado vidas em casos de risco para a mãe ou a criança. Mas essas tecnologias contribuem para crescente busca e dependência de assistência médica reprodutiva, estando incluídas no processo de medicalização do corpo feminino. O conflito entre os profissionais da obstetrícia e as parteiras permanece (COSTA *et al.*, 2006).

O papel paternal do médico encoraja e perpetua as atitudes sexistas em medicina, tanto no que se refere a pacientes do sexo feminino quanto a

médicas. Essas atitudes são um reflexo da propensão patriarcal da sociedade como um todo e especialmente da ciência (CAPRA, 1989). Desde março de 2006 vinha sendo discutida a necessidade de criar um Grupo de Mulheres no *Ho Chi Minh*. Em julho desse mesmo ano o MST levou à área essa tarefa, como uma das prioridades da área.

Alguém tem que começar a caminhar. (...) Pois é, dona Maria, falou aquele dia na reunião do PDA. O pessoal da coordenação (...) deixou isso claro. **Vocês mulheres, (...) que são as representantes dentro da coordenação, vocês são obrigadas a desenvolver o projeto do Grupo de Mulheres.** Isso é uma tarefa.

Narli, 21/07/2006

Tendo em mente a importância da valorização do saber feminino e do papel construído historicamente para as mulheres como cuidadoras de suas famílias e comunidades, a pesquisadora colaborou nos debates do Grupo de Mulheres do *Ho Chi Minh*. Dentre outros assuntos (que não são matéria da presente pesquisa), as mulheres do assentamento tinham interesse em preparar medicamentos e cosméticos caseiros de forma artesanal, em discutir a saúde e a alimentação de suas famílias e também em pensar formas de gerar renda para o assentamento.

Porque a gente pensa ni artesanato, (...) o Grupo de Mulheres, mas assim **o horto medicinal também é artesanato.**

Maria do Carmo, 31/07/2006

Aproximadamente 10 assentadas participavam das reuniões do Grupo de Mulheres. A princípio pensamos em sobrepor os debates de saúde e plantas medicinais ao do Grupo de Mulheres, para aumentar a força do grupo.

**Vai ter de tar formando esse Grupo de Mulheres junto com o Setor de Saúde.** (...) Pra esse setor da saúde funcionar, a gente colocou várias questões, (...) citou várias coisas que a gente pode tar fazendo junto com o grupo de saúde. (...) O **setor [tá] muito enrolado. Eu acho que agora chegou a hora, Das Dores, ajuntar as duas coisas.** (...) **O nosso grupo de mulher se unir com o grupo da saúde (...) e começar a fazer as coisa.**

Narli, 16/08/2006

**[O Setor de Saúde] tá morto aqui dentro. (...) Devia crescer, né? (...)** Aí o Grupo de Mulheres que vai começar tamém crescer. (...) Tira um coordenador pra coordenar o nosso grupo, uai. **E aí nós vão crescer o grupo junto.**

Maria do Carmo, 16/08/2006

No entanto, ainda não havia ocorrido desistência de investir no Setor de Saúde, e assim a decisão da pesquisadora foi colaborar, mas não acompanhar tão de perto o Grupo de Mulheres, para centrar esforços no setor. Mas essa nova tentativa de atuar junto ao Setor igualmente não adiantou. Na impossibilidade de envolver todo o Grupo de Mulheres no trabalho das plantas, já que havia outros trabalhos a serem desenvolvidos no assentamento (especialmente devido à recente instalação de uma agroindústria no local), quatro mulheres desse grupo, ao lado de dois homens que anteriormente haviam integrado a Frente de Plantas Medicinais, vieram gerar, juntamente com a pesquisadora, o “Grupo de Plantas Medicinais”.

Infelizmente, o Grupo de Mulheres não sobreviveu ao grande volume de outras atividades da área, estando desativado desde outubro de 2006.

#### 4.2.1.5 Reuniões do Grupo de Plantas Medicinais

Dentro das reuniões do Grupo de Mulheres constituído no assentamento, foi percebida a necessidade de dar continuidade ao trabalho com as plantas, devido à extinção da “antiga” Frente de Plantas Medicinais. Um aspecto interessante da criação desse grupo é que ele partiu de assentadas, em um momento no qual a pesquisadora estava achando que no ano de 2006 não seria mais dada continuidade ao trabalho com as plantas.



Coleta de marcelinha com o Grupo de Plantas Medicinais

No dia 18 de setembro de 2006, o grupo de Plantas Medicinais percorreu a região em busca de conhecer ainda mais as plantas da região. Nesse passeio, reafirmamos a riqueza medicinal existente na área. Aproveitamos para colher algumas plantas para o álbum de plantas medicinais e também

colhemos sacolas de marcelinha branca para confecção de travesseiros aromáticos. Nesse evento começamos a conversar sobre a possibilidade de comercializar as plantas secas. Isso já tinha sido conversado em reunião do Grupo de Mulheres, como uma possível fonte de renda na área.

Da gente junto com a Ana sair, **catalogar todas essas plantas nativas da terra que são plantas medicinais. (...) Não depende de água pra regar, não [depende] de ajuda, não depende de (...) dinheiro, de nada. (...) É só a gente colher**, por exemplo aqui tem carqueja, aqui tem capeba. (...) Ver se a gente consegue colher essas plantas, de que forma que a gente colhe elas. Conhecendo elas direito. **Colocando essas plantas no mercado. Arrecadando dinheiro pra nós fazer investimento no nosso próprio grupo.**

Narli, 16/08/2006

Após a atividade da caminhada, tiramos em reunião que eu escreveria um projeto para comercialização das plantas medicinais nativas, como sugerido por Marcelo Corisco, do MST, do Setor de Produção da Brigada Lara Iavelberg. O Grupo de Plantas Medicinais comprometeu-se a tocar esse projeto de Comercialização, com o objetivo de promover o comércio justo de plantas medicinais secas, gerando trabalho, renda, utilização de plantas medicinais e promoção de educação sobre o tema para o assentamento.

Em meados de outubro de 2006, a pesquisa assumiu seu afastamento do Setor de Saúde, continuando no Grupo de Plantas Medicinais. Corisco avaliava que seria uma pena assistir a pesquisadora sair da área estando o trabalho ainda com apenas os poucos frutos que havia gerado nesse momento. Muitos/as assentados/as já tinham avaliado que era necessário sair da “burocracia” orgânica do MST para poder desenvolver essa parte das plantas medicinais no assentamento. E havia muito a ser encaminhado!

**E assim, a gente já tinha definido que ia fazer com as pessoas que estavam interessadas, né? (...) E aí com o tempo, a hora que as pessoas começar a ver os resultados, (...) aí eles vai se interessando, a gente vai abrindo espaço. (...)** Porque se a gente ficar só tendo reunião, reunião, esperando que o povo vem participar. (...) O pessoal (...) não chama muita atenção pra isso. Eu acho que a gente deveria começar (...) essa **horta, (...) fazer as oficinas** de preparar os remédio, né? (...) A gente já tem muitas ervas no mato que dá pra gente colher e fazer remédio das ervas. (...) Primeiro a gente tem que (...) **conhecer as ervas, que tem no campo**, que a gente não conhece, (...) **procurar fazer o adubo**, fazer outras coisas. (...) A gente pode pensar também em **ir plantando algumas mudas, preparando o local de fazer as hortas.**

Narli, 31/07/2006

Porém essa aproximação direta com as famílias que queriam se envolver gerou mais à frente um conflito com a coordenação que posteriormente assumiu a direção do assentamento, pois essa avaliou que o projeto estava sendo de caráter individual e não mais coletivo no

assentamento. Haviam 5 famílias envolvidas: da Maria de Lourdes, da Geralda, da Izabel, do Seu Luiz e da Marilene (seis famílias contando com a minha). Algumas pessoas que não estavam inseridas no Grupo começaram a questionar a família de Maria de Lourdes, visto que no grupo haviam três pessoas dessa família envolvidas. Além dela, seus filhos Edson e Cassiane também estavam participando. Desde o começo da construção do nosso projeto, a idéia era trabalhar com mais pessoas. Isso fica claro no diálogo que tivemos em uma reunião com o Grupo de Plantas Medicinais, no Quadro 1.

#### Quadro 1: Diálogo - Grupo de Plantas Medicinais, 27/09/2006

Maria de Lourdes: **Cê num acha que tinha que por mais gente aí não?** Quanto que tá esse grupo aí? Cinco? (...) E eles fazem um coletivo de cinco?

Ana: **Ué, se tiver gente que quer...**

Maria de Lourdes: Um coletivo de cinco?

Geralda: Era seis pessoas.

Ana: É, seis comigo. (...) E aí nisso, quando a gente ver que a coisa tá andando, a gente pode começar a fazer pomada, xarope, essas coisas também, né? Sabonete...

Geralda: Cê falou xampu, num dá pra fazer o creme não?

Ana: Creme? Dá, dá pra fazer qualquer coisa, gente. Dá. É só ter gente com tempo pra aprender a fazer, né? **Isso que aqui tá sendo o obstáculo. Desde que eu cheguei: ah, a gente quer fazer sabão, a gente quer fazer xampu... Mas num tem tempo...** E também num vale a pena trazer muito material pra ensinar uma pessoa, né? O ideal é pelo menos umas quatro aprender.

Maria de Lourdes: **Ou seria inserir uma turma aí, dum coletivo de dez, dá mais, né? Porque na verdade aí, se, por exemplo, se chega um dia eu num tô. Só eu aprender e eu num posso tar passando aquilo. Aí a Irmã Geralda sabe, o outro sabe, o outro sabe, num precisa ficar só centralizado só ni um, né?(...) Sempre a idéia nossa é essa.**

Ana: É, pois é. Imagina: se o grupo... Se a gente for tomar o compromisso só cinco pessoas. Vamo dizer: você fica doente, ou alguém fica doente, já não consegue fazer o trabalho. Porque fica dependendo... É pouca gente, né, pra depender. Acho que... Se tiver mais gente... **Mas acho que também saindo o dinheiro, tendo o espaço, vai aparecendo gente, né?**

Relatou-se em conversa da pesquisadora com um assentado que ultimamente o trabalho só é considerado coletivo, se for desempenhado por um *determinado* coletivo, constituído pelas famílias que compõe a coordenação da área. Há muitos pontos de vista sobre essa questão. Controvérsias à parte, em reunião com o técnico responsável, Marcelo Corisco, avaliamos que essa aproximação direta feria sim a organicidade, mas que havia sido necessária.

Após algumas reuniões com a coordenação, avaliamos que o projeto do Grupo de Plantas Medicinais beneficiaria todas as famílias do assentamento, não apenas devido a geração de renda para a área, mas também pelo fornecimento gratuito de fitoterápicos para as pessoas do local, e da educação destas para uso das plantas medicinais; e que contribuiria no crescimento do MST como um todo, por ser uma inspiração para outras áreas do Movimento.

Felizmente, essa questão foi resolvida e decidiu-se que as famílias que integravam o Grupo de Plantas Medicinais continuariam a construir seus objetivos, sendo que um grupo de estudos de aproximadamente cinco pessoas, havendo neste representação de todos os núcleos, acompanharia o processo, assim inserindo-o na organicidade do MST.

#### 4.2.1.6 Reuniões com o Setor de Produção

A pesquisadora participou de muitas reuniões com o Setor de Produção. Tanto com os membros do Setor na área quanto com os técnicos de Produção da Brigada Lara Iavelberg: Marcelo Corisco, Sebastião e Alexandre. Em uma dessas reuniões, foram tratadas questões referentes a um crédito que os assentados recebem do INCRA para a produção. A Frente de Plantas Medicinais participou dessa reunião porque nela seria resolvido em quais atividades agropecuárias basear-se-ia a economia do assentamento, e a horta (tanto de alimentícias quanto de medicinais) estava entre as possíveis fontes de renda para a comunidade. Nessa reunião ficou decidido que a horta, além de servir para a segurança alimentar das famílias, seria uma das fontes de renda do assentamento.

Houveram reuniões, onde foi discutida a possibilidade de financiamento para desenvolvimento de um projeto que pudesse gerar renda para o assentamento através das plantas medicinais. Nessas reuniões, Marcelo Corisco abordou a possibilidade de solicitação de um crédito do SITRAEMG (Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário Federal no Estado de Minas Gerais) para desenvolvimento de trabalho com as plantas que pudesse gerar renda para o assentamento. O projeto “Comercialização de Plantas Medicinais no assentamento *Ho Chi Minh*, do MST” foi analisado pelo Grupo de Plantas Medicinais, submetido e aprovado pelo SITRAEMG, e ainda está em

andamento. Esse ponto será mais bem descrito no item da Oficina de Preparo de Fitoterápicos.

#### 4.2.2 Seminário de Plantas Medicinais

11 de fevereiro de 2006

Em reunião da coordenação do assentamento foi explicada a proposta inicial da pesquisadora após as primeiras conversas com os/as assentados/as, que era uma Oficina de Plantas Medicinais, um grupo que funcionaria com alguns poucos participantes fixos. Os assentados questionaram o fato de que poucos poderiam participar desta Oficina, e então sugeriram um trabalho mais abrangente para introduzir o tema das plantas medicinais, envolvendo mais pessoas neste debate.



Mística feita pelos/as assentados/as no Seminário de Plantas Medicinais, onde se questionava o atendimento médico e a compra da saúde

Expliquei minha trajetória, quem sou, o que penso. Descrevi o projeto em linhas gerais, informando as pessoas sobre as razões do trabalho, [e a] metodologia. (...) **Ronaldo questionou a participação de apenas alguns indivíduos na oficina. Sugeriu que fosse feito um Seminário envolvendo todos os moradores do Ho Chi Minh.** Após prolongada discussão no grupo, decidimos que este seminário seria sim uma boa idéia para envolver o acampamento – agora pré-assentamento – como um todo (...) na discussão sobre plantas medicinais.

Diário de campo, 26/11/05

Foi realizado então o Seminário de Plantas Medicinais, que teve como objetivo introduzir no assentamento o tema e o projeto de pesquisa. É interessante notar que a necessidade de debate sobre esse tema já tinha sido levantada no Dia de Saúde, e nesse momento houve a participação (em menor

ou maior grau) da maioria das famílias do assentamento. Como fica claro no discurso introdutório do Seminário feito por Salgadinho.

Contamos com a ajuda de todos os companheiros aí. (...) **Um Seminário para todo mundo tar participando.** Porque não adianta só uma ou duas pessoas do assentamento saber sobre saúde. **Então tá dano oportunidade pra toda a comunidade tá aprendendo e tá ajudando a tar tocando o setor no assentamento.**

Salgadinho, 11/02/2006

Para a ambientação, decoramos a Sede, onde foi realizado o Seminário, com cartazes nos quais escrevemos com canetas coloridas frases que os próprios assentados falaram durante o Dia de Saúde. A programação do Seminário de Plantas Medicinais está no Anexo 5.

O Seminário cumpriu com a sua função de promover reflexão sobre o uso desse recurso terapêutico, e também permitiu que a pesquisadora contextualizasse o trabalho.

Foi feita a organização das possíveis ações (pedagógicas e práticas) pensadas durante esse Seminário, sendo esse levantamento subsídio para a continuidade da pesquisa. Algumas das demandas, nesse ponto, foram levantadas pelos/as próprios/as assentados/as e outras foram percebidas pela pesquisadora.

No momento de avaliação, os/as assentados/as demonstraram que o dia havia sido produtivo. Nas palavras de Seu Vantil:

**O dia teve ótimo.** (...) E queria todo dia aqui 24 horas que cês tassem aqui. (...) [Até] dormir também. [risada geral] Faz bem pra saúde!

Seu Vantil, 11/02/2006



Seminário de Plantas Medicinais, da esquerda para a direita: debate em grupo menor; caminhada procurando um bom lugar para implantação de horto medicinal; bate-papo em um dos possíveis lugares

### 4.2.3 Assembléia do Lixo: Ecologia e Saúde

20 de maio de 2006

Na Frente de Plantas Medicinais tentamos planejar uma gincana sobre o lixo na área para empolgar as pessoas com a coleta seletiva, mas segundo os/as assentados/as, seria difícil de atrair a atenção da comunidade com essa proposição.

Eu só tenho uma dúvida com relação a essa gincana aí. (...) **A possibilidade mínima dela acontecer ia ser pouca**, viu. (...) A participação ia ser muito pouca.

Edson, 03/07/2006

Foi planejada a Assembléia do Lixo: Ecologia e Saúde, que era na verdade uma conversa inicial para informar e trocar idéias com os/as assentados/as sobre coleta seletiva de lixo e adubo orgânico, para propor posteriormente a gincana. Essa gincana, no entanto, não chegou a acontecer, devido à falta de envolvimento das pessoas da área com a proposta.



Cartaz utilizado na Assembléia do Lixo: Ecologia e Saúde

A Assembléia englobava os temas da reciclagem de lixo inorgânico e do adubo composto orgânico, que já estavam sendo debatidos entre os/as participantes da Frente. O nome do evento surgiu após um longo bate-papo em uma das reuniões da Frente de Plantas Medicinais, quando discutimos as

diversas conexões que poderíamos fazer entre o trabalho com o lixo, a proteção do meio ambiente e as implicações disso para a saúde. A idéia de que o evento fosse uma assembléia partiu dos/as assentados/as, visto que nas reuniões para estudo ou seminários a freqüência poderia ser baixa.

A gente chama a assembléia... **Porque quando fala assembléia, todo mundo do assentamento aparece. E se ocê chamar pra um seminário, pra alguma coisa assim, (...) eles não vem.** Nem todo mundo vem.

Narli, 08/05/2006

Compreendeu-se que o trabalho com o lixo não deveria ser pensado apenas pelo Setor de Saúde, mas também no Setor de Produção e no coletivo de Limpeza. Coube a essa Assembléia dar um pontapé inicial nesse debate.

Maria Ilma, uma assentada que participava da Frente de Plantas Medicinais que vivia em uma pequena comunidade ao lado do assentamento sabia que havia um comprador de lixo reciclável no município, e daí surgiu a idéia de vender o lixo inorgânico e investir a renda arrecadada em cuidados com a horta.

Eu já dei outra idéia aqui. (...) **O lixo, (...) tem um rapaz que busca na comunidade ali pertinho, que busca os plásticos, papel, vidro de plástico e lata.** E a escola tá vendendo, tem crianças daqui do assentamento que ajuda a recolher o lixo lá. Na nossa comunidade o caminhão passa vazio, porque a comunidade já ta habituada a selecionar o lixo pra reciclar. **Então nenhum lixo deveria ir pra ali, ó [aponta para a lixeira central do assentamento], nenhum lixo.** Eu acho que todo lixo deveria ser reciclado porque volta em dinheiro pro assentamento.

Maria Ilma, 08/05/2006

Conversamos bastante sobre reciclagem e sobre como viabilizá-la no assentamento. Uma das dificuldades complicadas a serem superadas no local era a necessidade de ir longe (no rio ou nos tambores d'água existentes no local) buscar a água necessária para lavar os resíduos a serem reciclados. Os assentados utilizavam os plásticos para acender o fogo, e acordaram que seria impossível juntar esse tipo de resíduo. É importante a conscientização sobre os danos que a queima de plásticos traz à natureza, e também à sua saúde quando ocorre no fogão à lenha onde são preparadas as refeições da família. Seria útil um trabalho voltado a essa questão na área, mas não foi uma prioridade dessa pesquisa. A Programação da Assembléia está no Anexo 5.

Os/as assentados/as ficaram responsáveis por fazer a mística. Ronaldo, à época coordenador de área, começou a cantar uma música do MST. Verificando que muitos não sabiam a letra, Ronaldo exaltou-se e começou um longo sermão, apresentando diversas queixas aos demais assentados e assentadas. Essa fala foi bem forte e comovente. Durou aproximadamente 15 minutos, e encontra-se resumida abaixo.

É um assentamento que tem história de resistência, de luta e nós cai em contradição constantemente com nós mesmos. [silêncio geral]. (...) **Eu quero só terra? (...) Se eu quero só terra, já conseguiu. A terra tá aí. Mas aquele que tem um sonho, tem uma utopia, que não só quer terra, e quer reforma agrária e quer transformação**

**social, (...) nunca vai esquecer de aprender a cada dia que passa.** (...) Muito triste, muito doloroso, uma bela assembléia, num sábado bonito e nós poderia começar uma segunda-feira com (...) definições... (...) Isso é triste, triste. [silêncio geral]. (...) A assembléia é uma política mais séria do Movimento Sem Terra. Pra quem vocês elegeram pra coordenar a área, chegar numa assembléia e ter isso aqui. (...) Quando eu não querer ajudar mais, eu sou egoísta. **Eu sou egoísta, porque não dá pra ajudar quem não quer ser ajudado.** (...) **E nós estamos aqui, ó, embaixo de barraca! Não consegue nem se organizar!** (...) Vamos morrer quantos Sem Terra? (...) Quantos Sem Terra? **Quantos dessa massa que chama MST, que se organiza, que ocupa latifúndio, que vai ter massacre, que vai morrer companheiros, em prol pros latifundiários?** (...) Ou nós conseguiu essa terra aqui foi de graça? [silêncio geral] Esses caixões aqui, ó, [mostra uma edição do Jornal Brasil de Fato sobre o massacre de Felisburgo] (...) é conquista da nossa terra. (...) Os cinco companheiros que morreram em Felisburgo [silêncio]. Passou poucos meses e nós ocupamos aqui, nós conseguimos essa terra. **É o preço que cada um de vocês, que eu e todos que tamos no Movimento Sem Terra vai carregar, porque a terra só vai ser dada quando tiver sangue sobre ela.** (...) **Os estudantes, da UFMG, da UNI que esteve aqui, e tem uma visão totalmente diferente do Movimento Sem Terra, estudantes de geografia... Acredita, acredita, que só os movimentos sociais, não só o MST, Via Campesina, todos os movimentos sociais que vai fazer transformação da sociedade.** Agora eu vou perguntar para cada um de nós acampado aqui, que é pré-assentado: quê que vocês fez hoje para o Movimento Sem Terra? Quê que vocês fez hoje? Quem não veio na assembléia aqui hoje? Quem picuinhou hoje? (...) Quem falou mal do Ronaldo, falou mal do Zé Lima, falou mal do Joaquim, falou mal do Movimento? Construir o Movimento ou destruir o Movimento? Então, isso aí é tudo porque eu tô puxando a orelha. (...) Desculpa que cês tiveram que escutar isso [olha pros membros do Coletivo TERRAS], mas vocês já se sente de casa, vocês já é de casa, tem que saber das nossas (...) angústia, que a gente tem que falar do nosso povo.

Ronaldo, 20/05/2006

Depois disso, o clima ficou tenso. Alguns/mas assentados/as avaliaram que a assembléia não caminhou tão bem quanto poderia, devido a essa intervenção. No entanto, mantivemos a programação como planejado. Porém as pessoas não participaram tão ativamente. Ronaldo manteve seu tom provocativo ao longo da assembléia.

Lixo é aquilo que não serve pra nós. (...) Não serve pro nosso uso; tem que ser jogado fora. (...) Mas só que nesse lixo também, tem que deixar claro, tem coisa que a gente aproveita do lixo. (...) O que é que nós podemos fazer com o nosso lixo? Quê que os nossos



Assembléia do Lixo: Ecologia e Saúde

prástico serve pra nós? Quê que o resto de comida, pra quem num tem porco, nós pode fazer? Quê que os nossos papels pode servir pra nós? Lixo orgânico, sei lá! Então, quê que nós pode fazer com nosso próprio lixo. Pra acabar com aquela lixeira ali que é vergonhosa pra nós. **Aí, cutuquei, ó. Ninguém fala nada? (...) Agora sobre o nosso lixo aqui, nós tem (...) falá assim, ó, mais conscientização.** (...) Primeiro, Aninha, tem que (...) colocá uma listagem de lixo falando assim: o plástico leva cem anos pra ser decomposto pela natureza. (...) O vidro, é infinito, a borracha, (...) o pneu gente, o pneu comete o meio-ambiente.

Ronaldo, 20/05/2006

Ronaldo foi praticamente o único dentre os assentados que se colocou durante a assembléia. A conexão entre o sistema de produção capitalista e o acúmulo do lixo foi levantada.

**Cês viram que acaba com as nossas vidas? Quê que nossos netos, (...) nossos tataranetos, quê que eles vão passar se nós não cuidar disso? (...) O ser humano leva menos tempo pra decompor do que aquele lixo daquele ali [aponta na direção da lixeira central do assentamento]. (...) Essa carne nossa aqui [pega na pele do seu braço] não leva 7 meses, não leva.** (...) Agora cês não imaginam o quê que nós produzimos em casa que arrebenta nossas vidas. Vocês pensaram? A fralda do Gabriel, 650 anos... Já pensou quê que é uma fralda... E nós paramos com aquela fralda de pano, né? E pano rapidinho decompõe, né? **Hoje a indústria está aí pra tá arregaçando a nossa cidade.** (...) **Esse pobrema não é pelo lixo, é pelo homem que faz isso. É o homem que produz esse lixo.**

Ronaldo, 20/05/2006

Apesar das idéias que timidamente surgiram durante a assembléia e ao interessante conteúdo do debate, esse não foi assimilado pela comunidade.

**Eu acho que acabar com a lixeira nós não tem não. Nós tem é que arrumar ela.** Ela tá desorganizada. Porque alguns lixo não presta. Papel higiênico, fralda descartável, (...) tem que (...) pôr ali mesmo.

Maria das Dores, 20/05/2006

O debate baseou-se em material popular, principalmente as cartilhas de Silva (1989), Grzybowski (s/d) e da Rede (1991).

#### **4.2.4 Arraial do Ho Chi Minh**

*15 de julho de 2006*

A idéia de construir uma festa junina no assentamento em parceria com o Coletivo TERRAS surgiu logo na primeira reunião da Frente de Plantas

Medicinais, no começo de maio de 2006. A idéia inicial era fazer uma noite cultural para celebrar o fim da gincana que íamos organizar sobre coleta seletiva de lixo. A gincana não aconteceu, mas a vontade de fazer essa festa permaneceu. Uma possível razão para não termos conseguido fazer a gincana é o fato de que a pesquisadora não quis organizar sozinha a gincana, fazendo tentativas de atribuir responsabilidades aos/as integrantes do Setor de Saúde.

Os/as participantes da Frente de Plantas Medicinais, ao discutir o desinteresse do povo em participar das reuniões, percebeu como uma importante causa disso a falta da mística e das noites culturais, que estavam muito mais presentes em tempos de acampamento e que agora não mais existiam.

O acampamento quando tá com 1 ano, todos os setores funcionam. 1 ano e meio, começa a ter uma decadência. Com 2 anos, começa a faltar alguns setores. E três anos é o cansaço. Aí nós tem que (...) sabê: **quê que tá faltando no assentamento? É mística, noite cultural, pra tar envolvendo essas pessoas mais.** (...) Nós tem que procurar envolver essas pessoas mais é na mística. **A mística fala a história, e resgata aquilo que a gente tá perdendo.** Esse vigor. (...) Porque quando num tem umas noites cultural as pessoas se dispersam. Agora, **quando há um convívio de dançar, de brincar... Que aí a gente vai se aglutinando, Ana. Aí é o método que a gente tem.** (...) **Aí aquele que é estranho com o outro, já passa como invejoso, dialogar, se aproximar um do outro.** Agora, como nós viemos pra cá, quanta noite cultural nós tivemos aqui? Tivemos duas! Cabô, morreu, e as mística? **Cabô a mística! Isso reflete em todos os setores, viu, do Carmo? É todos!**

Ronaldo, 12/06/2006

A animação através da mística e da noite cultural, segundo assentados/as, era também importante para resgatar a pertença e identidade Sem Terra das famílias da área.

**O pessoal volta a envolver nas coisas, o povo sente parte.** Se não sentir parte, não adianta. (...) E o que eu vejo aí (...) que um longo tempo, do Carmo, às vezes as pessoas cansa. **E quando acaba a mística dentro de si, cabo tudo. E a noite cultural vai resistir!** (...) **Que envolve nós aqui é recuperar essa pertença.**

Ronaldo, 12/06/2006

É alguma coisa que vai mostrano pra eles que não tá na hora de tá cansado, que é (...) hora de tá começano agora. **Aí se a gente desanimar, então (...) nós vai juntar tudo e ir embora pra nossas casa. Né? É, uai, se ficar desse jeito, desorganizado assim, não funciona assentamento assim.** Eu já participei de assentamento que teve... Muita cultura no assentamento. De plantação, mas (...) num é o plano do acampamento. Não é plantar, é mais unir as pessoas. (...) **Num é ocê ir lá, só cavar a terra, plantar mio, plantar feijão. Mas é a continuação das pessoas.** (...) **Senão vai ficando perdido.** Vai acabando o assentamento. Não vai ter mais assentamento. **Não vai nem ser Sem Terra. Porque eles fala assim... Ah, ganhou terra, muita terra,**

**agora tem terra. Não é Sem Terra. Identidade é sempre Sem Terra. Pra quem continuar dessa forma.**

Maria do Carmo, 12/06/2006

Decidimos então fazer uma festa, que a princípio desenvolveria o tema da saúde na área, para ajudar também a estimular o funcionamento do Setor de Saúde. O evento se chamaria “Arraial da Saúde do *Ho Chi Minh*”.

**Sabe o que nós pode fazer no Setor de Saúde (...) pra gente começar a puxar esse povo? Fazer uma noite cultural.** Cada núcleo vai apresentar um caso de saúde da roça. Pode apresentar um bate papo, que aconteceu na roça... Fulano mordeu o outro, o cachorro tava zangado, tem que usar o remédio, não tinha o remédio, tem que procurar o doutor, o doutor não encontrou, tem que voltar pro mato, e fazer uma estória assim. (...) Nós pode tá criando isso aí. (...) E quando acabar a nossa noite cultural **a gente dá uma reforçada no Setor de Saúde pra (...) reanimar o povo!**

Ronaldo, 12/06/2006

Depois, estendemos o evento para contribuir não apenas no Setor de Saúde, mas também na articulação de outros setores diversos.

É isso aí. Aí nós chamava o setor de educação... Outros setores aí, pra ajudar... De repente fazer uma reunião até ampliada segunda-feira. Chamar um de cada setor aí, porque **essa idéia é pra desenvolver não só no Setor de Saúde, como todos setores também.**

Ronaldo, 12/06/2006

Foram convidados para o Arraial diversos membros, amigos e parceiros do MST. A presença de pessoas de fora contribuiu também para a elevação da estima dos/as assentados/as.

Ah, chamar autoridades. (...) Que é bom, né? **Que o pessoal vê tudo... (...) No meio de nós. Que essa cultura aqui não é da cidade, não é mecanizada. (...) Nossa cultura. Apostar nela.** A gente convidar o povo, uai.

Ronaldo, 12/06/2006

Por fim, o foco do Arraial do *Ho Chi Minh* deixou de ser a saúde, mas passou a ser a animação do povo. Essa festa conseguiu envolver em trabalho coletivo diversos/as assentados/as. A alimentação, a limpeza, a decoração, a preparação da quadrilha e do som, a mística e as brincadeiras infantis foram



Quadrilha do Arraial do *Ho Chi Minh*

“Dia de Saúde no *Ho Chi Minh*”, “Seminário de Plantas Medicinais”, “Assembléia do Lixo: Ecologia e Saúde”, “PDA e avante!”, “O rio”, “As crianças”, “Os bichos” e “*Ho Chi Minh*”. No dia seguinte, algumas das fotos foram apresentadas aos assentados e assentadas.

A festa agradou muito à comunidade e levantou o ânimo dos/as assentados/as para participarem das outras atividades do assentamento. Isto pôde ser observado na atividade “Exibição de Vídeos”, que se deu no dia seguinte ao do Arraial.

E trabalhar o coletivo, (...) pode tar servindo a comida coletivamente, **igual a gente (...)** planejou essa festa... **Coletivamente**. Já pensou se fosse só pra um planejá ela [risadas], **se num fosse um tiquinho de cada um e a gente não conseguiria. Por aí a gente vê o desenvolvimento do Movimento nos assentamento**, tá começando por aí, nos teatro, nas mística, no artesanato, na... Até mesmo na (...) quadrilha, socializou com os menino aí, e ficou bacana, né? (...) **Eu acho que é assim mesmo, é, a gente às vezes cobra a presença de todos mas é com tempo que eles vão pegando a (...) pertença e sentindo assim... que faz parte desse... desse Movimento. Né?** É porque eles mesmo não tem pertença, e também às vezes não entende e aí é com esse trabalho da gente junto é que vai dando experiência pros outro ir chegando e fazer junto com a gente. E também agradecê, né, a presença deles [estendeu a mão com a palma pra cima, mostrando os membros do TERRAS e do Grupo de Agricultura Ecológica, que estavam presentes], contribuiu demais, foi bom, né? **E com isso envolveu os adolescente, as criança, e eles trabalharam essa semana fazendo as bandeirinha, preocupado com a quadrilha, e é dessa forma que começa a se organizar e se envolver.**

Maria do Carmo, 16/07/2006

#### 4.2.5 Exibição de Vídeos

16 de julho de 2006

Realizamos, em parceria com o Grupo de Agricultura Ecológica (GAE) do Rio de Janeiro, uma exibição de vídeos seguida de debate. Contamos com

a presença de dois membros do GAE: Robledo Mendes e Igor Conde. Assistimos aos vídeos “Resistir e Saber Cuidar: Experiências Agroecológicas em Assentamentos da Reforma Agrária”, produzido pelo MST e “O arredor da casa”, produzido pela Assessoria a Projetos e Tecnologias Alternativas (AS-PTA). Após a exibição dos vídeos, debatemos as questões levantadas por estes.

Da exibição de vídeo e do debate participaram 29 pessoas, dentre assentados/as e membros do Coletivo TERRAS. O debate foi muito produtivo, trazendo à tona questões referentes a trabalho coletivo e pertencimento à comunidade. As famílias consideraram que a atividade foi importante.

**É uma coisa assim muito importante esse vídeo aí, ensinou muito, né, várias pessoas trabalhando, (...) algumas coisas fazem no coletivo, é importante isso pra gente (...) pensá.**

Marilene, 16/07/2006

**Sabê trabalhá de todas as forma, né, bom passar os vídeos, assistir, que isso vai tá contribuino e ajudando demais no assentamento.** Mais agradecendo ocês mesmo [olha para os membros do TERRAS e do GAE], né, que esse apoio, essa força que tem dado. (...) **Mesmo que a gente falhe com alguma coisa, tá meio desanimado, assim eu queria dizer, só que num desanima não.** Porque com certeza [risadas] isso vai chegar (...) bem estruturado lá na frente. **Cês virem junto com a gente.**

Maria do Carmo, 16/07/2006

**Eu gostaria de tar, agradecendo (...) a presença de vocês. (...) Esse momento do assentamento, trazendo (...) essas experiência, pra tar trocando essa experiência de vocês com a gente, é muito importante.** Há vários meses eu tenho acompanhando junto com a Ana. (...) **As pessoas que estão participando tão sendo muito bom.** (...) A gente dar continuidade esse trabalho. (...) As pessoas que tá aqui que até hoje não participou junto com nós nas próprias experiência, nas reuniões da implantação do horto medicinal, que venham participar, né?

Narli, 16/07/2006

Até quando as pessoas colocam assim, (...) como dona Maria coloca – ah, mas eu tenho 8 meses que já tamo discutindo participação e o povo não tá participando? (...) As pessoas não conseguirem se sentir (...) pertencentes a isso, não que elas não querem estar pertencentes. No íntimo delas elas estão. Mas elas (...) não se conscientizaram que elas são presença necessária. (...) A fruta tá no pé, o pé é meu, mas eu num posso colher, entendeu? **Então agora que eu sei que tem um pé de fruta no meu quintal, tem as frutas, tão lá, elas tão maduras, eu tive de aprender a colher.** (...) **Acho que isso é desenvolvimento de pertença, né? E aí no vídeo a gente sente isso assim.** (...) A gente lê isso, né? Nas entrelinhas, que mostra o vídeo, é mais ou menos isso, né?

Toninho, 16/07/2006

Questões de gênero foram levantadas pelo vídeo, e a necessidade da criação de um grupo de mulheres no assentamento também foi reforçada durante esse debate.

**A gente precisa ter aqui uma reunião de mulheres.** (...) Tentar buscar essas mulheres, conversar com elas. Que às vezes a gente tem uma coisa que prende a gente dentro de casa que a gente num sai mesmo. **Muitas não tem esse dom de sair, de falar, de conversar, e fica mais pro cantinho, calado. Mas se é uma reunião só de mulheres, essas pessoas tem a chance de se abrir, comunicar.** (...) Mas pra que isso dê início a gente conta mesmo com vocês, do TERRAS aí pra ajudar nós.

Marilene, 16/07/2006

Em outros momentos, o conteúdo dos filmes assistidos era citado, servindo para embasar diversos debates na área.

**Vai aprender muita coisa. (...) Igual passando aquela fita também, né?** Fazer as tintura igual passou naquela fita também. (...) Chega renda, até procê poder manter o [assentamento]...

Maria do Carmo, 31/07/2006

**O que eu queria falar é sobre o filme do MST, (...) que eles plantô uma coisa sô. Aqui dentro aqui dos pequenos agricultor aqui existe isso.** Eles planto só banana. Sábado, pessoas aqui fazendeiro foi lá em casa comprar feijão na nossa mão. (...) **Eles tem banana, mas eles compra feijão, compra o arroz, compra de tudo o resto das coisa que eles num planta, né?** Qué dizê, que se eles plantasse a banana, o feijão, o arroz, as outras coisa, né, eles não precisavam de comprar. (...) A gente já tá vendo aqui dentro até dos nossos vizinhos. **Então a gente (...) já vai ficar assim, ó, de oreia em pé. Pra num fazê isso aqui.**

Maria de Lourdes, 16/07/2006

#### **4.2.6 Implantação das hortas alimentícia e medicinal**

*Desde fevereiro de 2006.*

Desde o Seminário de Plantas Medicinais, os/as assentados/as discutiam freqüentemente algumas questões necessárias ao planejamento das hortas alimentícia e medicinal:

- A horta de alimentos seria implantada junto da medicinal?
- A horta seria coletiva, ou seria feita uma para cada núcleo?
- Qual(is) seria(m) o(s) melhor(es) local(is) para instalar a(s) horta(s)?

Em diversos momentos a implantação da horta de medicinais quase foi encaminhada. Muitas vezes planejamos construí-la junto à horta de alimentos. Porém surgiram obstáculos diversos. Muitos desses obstáculos não estavam relacionados diretamente com a questão, mas sim com as outras prioridades do assentamento.

A gente tá autorizado pra gente fazer a cerca, começar hoje, né? Já era pra até fazer. **Só que aí surgiu um imprevisto. (...) Da colheita do feijão.** E a colheita do feijão não podia esperar mais. Já tinha que (...) colhê-lo rápido.

Narli, 03/07/2006

A circulação das informações no assentamento dava-se de maneira lenta e relapsa, ao estilo “telefone sem fio”. O que conversávamos na Frente de Plantas Medicinais era levado para a reunião de coordenação, desta para os núcleos, os núcleo respondiam para a coordenação e aí essa dava uma resposta para a Frente. Nesse trâmite, as informações perdiam a clareza.

Arar e depois cercar. (...) **Eu vou esperar... Vou pegar na sexta-feira o resultado dos outros núcleos, né?** Se foi aprovado ou não.

Salgadinho, 15/05/2006

Outro desses obstáculos foi a presença de animais de criação soltos no assentamento, um problema delicado na área.

**Tudo que é animal, galinha, porco, cachorro, boi, cavalo, tem que afastar isso de tudo de perto das moradias, dos outros do assentamento, e (...) cercar os animais.** As pessoas tem que ficar livres. Então a gente tem que fazer isso.

Narli, 03/07/2006

**Aí fica difícil também da gente chegar e ir conversando e ir proibindo as pessoas,** porque essa pessoa tá aí rodando já há quase 4 ano no mundo, sabe, cê num pode comprar um porco, num pode comprar uma galinha, porque as coisa num desenvolve, então a pessoa acaba (...) mesmo (...) comprano a criação. A pessoa tá aqui pra viver em cima da terra. (...) E aí fica difícil. (...) **Às vezes posso achar que prejudica e posso ficar sem jeito também de chegar pra pessoa e pedir, ocê tem que tirar seu porco, e ele vai tirar o porco dele e colocar aonde?** Longe dele. Então cê tem que vender tudo mesmo que cê num pode. Talvez esperar mais um ano ou dois ano, entendeu? (...) **A gente tem aquela consciência, mas a gente abre com o coração na mão.**

Cida, 08/05/2006

Sobre a horta: nós tivemos uma idéia, e aí vai depender da condição docês também, porque nós tão com a idéia aí de nós fazer a cerca com bambu. Porque aqui tem muito cachorro. (...) **Cumé que cê vai pegar um remédio ali e cunzinhá ele com [cocô] de cachorro?**

Zé Rosa, 20/05/2006

Mesmo cercando a horta, ainda teríamos que enfrentar o problema da contaminação da água do local.

**Ah, mas aquela mina lá, eles andaro falando que aquela mina tava cheia de bichinho,** gente. Esses bicho que vai produzindo em chiqueiro.

Cida, 08/05/2006

Sobre esse aspecto da água, outro obstáculo era a dificuldade de encontrar uma área próxima às barracas com facilidade de acesso à água para irrigação.



Animais do *Ho Chi Minh*

**Porque se a gente fazer num lugar muito longe de água, não vai ter jeito não, não vai pra frente não.** (...) Infelizmente, essa é a realidade, devido às condições aqui. (...) Então é melhor a gente fazer num lugar mais assim viável pra gente tá, né, aguando até com o regrador memo... Ou criar métodos pra poder tar desembolando.

Salgadinho, 08/05/2006

A água é difícil pra gente. (...) A gente tava pontuando pra todo mundo. Mas cês sabe, pra mexer com mutirão aqui é bem difícil. (...) E sobre... A questão da água. (...) Da horta, da Ana aqui, (...) batendo cabeça, caçando lugar, caçando lugar. (...) Então, Ana, o lugar melhor que (...) dá pra gente fazer a horta, tem que ser lá embaixo. Que eles fala "lá embaixo é longe". (...) Ou lá embaixo ou então... Pôr uma bomba aqui. Pra fazer a irrigação toda.

Elizeu, 05/06/2006

Chegamos a escolher um lugar para fazer horta que dependeria da mudança de uma assentada com seus 6 filhos, a Rosária. Tentamos contribuir na aceleração do processo de mudança dela, para poder encaminhar esse plano. Mas essa mudança demorou um pouco a acontecer, e depois de algumas semanas constatamos que o local era inapropriado para instalar a horta devido à proximidade de fossa e de chiqueiro.

O próximo local que escolhemos para implantar a horta estava próximo às margens do rio, e, esse era um local proibido para tal. O espaço que se encontra até 30m a partir das margens do rio é uma área de preservação ambiental, e então foi necessário abrir mão desse local.

A gente vai convencer eles que o que a gente vai plantar lá do lado ajuda a natureza. (...) Num vai atrapaia nada. Plantar aqui é perder tempo. Ali, atrás daquelas bananeira lá da beira do rio... Lá ta facinho de arrumar. É só cercar de arame na beira do rio. As lateral tá cercada. (...) [Lá] vai [bicho] não.

João Bagaço, 29/05/2006

Dois problemas que sempre apareciam era pra decidir onde seria a horta, e se ela seria coletiva ou por núcleo. A decisão se modificava freqüentemente, visto que a localização da horta no assentamento beneficiaria mais a uma parte das famílias. O núcleo Patativa do Assaré se afastou da implantação de horta coletiva, e a questão ficou entre os núcleos Manuelzão e Paulo Freire.

Eu (...) vou tá mais inserido lá em cima. (...) Num sou contra ninguém fazer aqui e nem fazer lá. (...) O que tem que ser definido é (...) o local específico porque, por exemplo, aqui, a gente vai ter que gastar novamente com a aração e tudo, e a gente pensou na probabilidade de porque lá já... Já foi arada, já tinha sido discutido que ia ser feito uma horta através do PEA. (...) Do núcleo Paulo Freire e o núcleo Manuelzão.

Edson, 03/07/2006

**A gente não vai ficar o tempo todo só lá naquela horta, a gente num vai ir.** (...) O que a gente não quer, Edson, é que, por exemplo, fique (...) uma parte de pessoa lá em cima trabalhando na horta lá e uma outra parte aqui sem consigui fazer plantação nenhuma, **ai uns tem, outros não.** (...) **Vai ser um pouquinho meio complicado pra gente poder conscientizar as pessoas de que eles também precisam pra eles também comer pra eles num depender (...) dos outros a vida inteira.** (...) **A gente tem uma dificuldade aqui muito grande, tem várias outras pessoas, as pessoas mais idosa, (...) até mesmo pessoas com problema de saúde, (...) que num dá conta.** (...) **Então a preocupação da gente ter essa horta aqui mais perto é pra gente tar inserindo essas pessoas.**

Narli, 03/07/2006

Agora, **não adianta eu preocupar só com minha pessoa e esquecer das companheira que tem menino e tudo,** tem que fazer comida pra levar os menino pra escola... e etc. (...) E as pessoas idosas, a gente que é novo a gente anda e fica cansado, imagina... (...) Quem tá com 68 anos, 70... (...) Se começar a fazer aqui quase ninguém que tá aqui em cima não vai descer, eu mesmo não vou descer pra fazer não.

Salgadinho, 03/07/2006

Lá tá arado, mas já é pra quem tá lá. (...) Pra nós ir lá, fica longe.

Verônica, 03/07/2006

Outras pessoas tinham outra visão da situação...

Eu já acho assim: que quem quer vai, quem num quer num anda. **Que a distância não impede a gente aprender nada.**

Geralda, 16/08/2006

Esse impasse causava desânimo e falta de perspectivas.

**Eu acho que... (...)** Toda segunda tá tendo [reunião] e não avançou mesmo ainda né? **Eu acho que a gente teria que começar já a colocar a mão na massa. Parar muito dessa reunião e começar.** Estou esperando o local de nós fazê nossa horta. Esse horto. (...) Coisa boba pra gente, plantar horta! Mas a gente ainda não preparou nada, tá só aí... (...) **O importante é que começou aqui.**

Maria do Carmo, 31/07/2006

É isso que precisa. Encaminhar as coisa. Falar e encaminhar. **Por que ficar aqui falando a mesma coisa e num encaminhar nada, a gente num faz nada.**

Marilene, 16/08/2006

Seu Luiz, querendo que os projetos fossem encaminhados, questionou esse impasse. Por ainda estar a pouco tempo no Movimento, ele tinha facilidade de perceber que esses problemas estavam atrelados à organicidade do MST.

Eu vou passar o rolo de arame e a semente. Pra quem? (...) **Eu num tô iscoiando time pros coletivo não. Tô falando de grupo nenhum. Eu quero que as coisas vão crescendo pra todo mundo.** (...) Se for ficar separando... Que eu tô nesse, você tá em outro... (...) O rolo de arame e as sementes ocês vai fazer elas entrar no grupo de todo mundo. (...) **Eu não tava escoiando o grupo, tava querendo que a coisa rendesse.**

Seu Luiz, 03/07/2006

Infelizmente, devido a esse impasse entre núcleos, as sementes que Seu Luiz doou estão até hoje na barraca do Coletivo TERRAS: não deu para decidir como distribuí-las. Mas após tantos questionamentos, foi escolhido um método para irrigação e o preparo dos canteiros.

**Já tá organizado pra começar na segunda-feira.** Começar (...) cercando o terreno, (...) ligando a água, (...) colocando um tipo numa caixa d'água lá e fazendo as ligação. E aí, já tá fazendo os canteiro... (...) Por enquanto vai ser (...) com a bomba, e... Encher a caixa d'água e depois da caixa colocar umas mangueira. O processo (...) assim mais fácil, (...) com menos custo pra nós, agora.

Narli, 03/07/2006



Horta dos núcleos Manuelzão e Paulo Freire. A 1ª foto, acima, é do início da sua implantação.

O planejamento da horta sempre foi feito em uma linha agroecológica, como a proposta pelo MST. Por exemplo, haveria junto à horta uma granja, e o esterco das aves seria utilizado para fazer adubo enquanto os restos da horta alimentariam as aves.

Eu falei, nessa baixada aqui pode ser o lugar de fazer as planta de remédio que eu falei. (...) Que das plantas a gente tira (...) até pras galinha comer.

Izabel, 16/08/2006

Foram escolhidas para a horta de alimentos sementes agroecológicas, produzidas pelo próprio MST.

**O pessoal optou pra comprar as sementes (...) Bionatur. Que é uma semente mais natural.** Não é essas sementes industrializada que a gente compra em qualquer depósito. Inclusive é o pessoal nosso mesmo, do Movimento, (...) que vendem essas sementes...

Narli, 03/07/2006

Foi implantada no assentamento uma horta coletiva dos núcleos Manuelzão e Paulo Freire, próxima ao galpão da agroindústria de beneficiamento de cana-de-açúcar existente na área. Cada uma das famílias envolvidas é responsável pelos cuidados com

algumas espécies dentro da horta. O horto medicinal será plantado em área próxima a essa horta de alimentos, para facilitar a irrigação e os demais cuidados. O Grupo de Plantas Medicinais será instalado no mesmo local que a agroindústria, pois pretende-se no futuro aglutinar todas as atividades (horta de alimentos, plantas medicinais e agroindústria) em uma mesma cooperativa do *Ho Chi Minh*.

Já existem na horta diversas espécies, como cebolinha, brócolis, mostarda, couve, rúcula, abobrinha, alface, almeirão, dentre outras. Já existe um projeto para comercialização do excedente da produção da horta. Já foi construída também uma estufa ao lado da horta.

A variedade de plantas medicinais no assentamento também é grande, e diversas já estão situadas próximas à horta de alimentos (losna, hortelã-pimenta, manjerição, capim santo, poejo, hortelã, saião, etc), em quintais de assentados/as que moram próximo desse local.



Pilhas de adubo composto orgânico

Atualmente, o núcleo Manuelzão está também implantando uma outra horta, em outra parte do assentamento, voltada a princípio para consumo das famílias desse núcleo, visto que a horta já implantada fica longe de grande parte das famílias desse núcleo. O núcleo Patativa do Assaré ainda está decidindo o local de implantação da sua horta.

Foi discutido amplamente o preparo, uso e manejo do adubo composto orgânico, para ser utilizado em toda a horta. O adubo composto orgânico tem sido amplamente utilizado e elogiado pelos/as assentados/as.

A construção de um minhocário foi também pautada. Surgiu a idéia de vender os insumos que não fossem utilizados na área, como adubo, húmus de minhoca e até mesmo as próprias minhocas. Essa discussão passou pelas Reuniões da Frente de Plantas Medicinais e pela Assembléia do Lixo: Ecologia e Saúde, e em particular com algumas famílias que se mostraram interessadas.

**Se a gente tentasse fazer um minhocário**, talvez seria melhor, mais rápido, porque (...) se cê colocar ela hoje, daqui a 20 dias você pode ir lá e tirar (...) já o húmus pronto pra ir pra planta. (...) **Cê pode vender esterco, cê pode vender a minhoca...**

Narli, 15/05/2006

Pra adubo? Tem que olhar se tem o bagaço da cana... Se vai buscar o esterco fora... (...) Tem cama de palha, tem palha de feijão... (...) **Compostagem orgânica com material**. A gente tem uma máquina. A principio a idéia que eu quero fazer com o grupo é assim: a gente triturar a palha pro processo ser mais rápido.

Edson, 03/07/2006

#### **4.2.7 Caminhada para reconhecimento das plantas medicinais nativas**

*26 de agosto de 2006*

A idéia de fazer uma caminhada para reconhecimento das plantas medicinais existentes no assentamento apareceu no Seminário de Plantas Medicinais, como pode ser observado nas falas de Ronaldo e Toninho.

Talvez, **sair pelas mata aí**, inclusive: - **Essa árvore faz bem pra quê? – E colocar até uma plaquinha nela**, sabe: faz bem pra dor de barriga. (...) Então vamos formalizar isso. – Aquilo faz bem pra quê? Pra dor de cabeça. (...) Eu não sei nada de plantas medicinais. Mas aqui no acampamento tem o companheiro Vantil, não é colocando ele como um idoso não, mas é uma pessoa que tem experiência de vida, está aqui. O companheiro Seu Tião que está aqui no meio de nós talvez sabe muita coisa de plantas medicinais, está o Seu Silas, e tá outros companheiros [como] o João (...) Bagaço, que tem experiência.

Ronaldo, 11/02/2006

A gente poderia tar encaminhando da seguinte forma: (...) **fazer um tipo dum inventário aqui também né, na fazenda aqui, como um todo, prá poder ver quais as espécies que nós temos aqui, pra quê que elas servem, e de que forma nós poderíamos fazer a partir disso aí montar uma farmácia viva aqui.**

Toninho, 11/02/2006

Ocorreu pela manhã a caminhada para levantamento de espécies nativas do assentamento. Antes da caminhada, a maneira de coletar as plantas e colocá-las dentro de catálogos telefônicos foi orientada, para possibilitar posterior confecção de herbário.

O assentado Toninho teve a idéia de aproveitar o conhecimento das pessoas da região. E assim fizemos. O “guia” da caminhada foi Seu Luiz, um antigo morador da fazenda desapropriada que virou o *Ho Chi Minh*, que nasceu na casa onde reside até hoje, e que muito sabe das plantas da região.

Eu acho que seria interessante (...) fazer aqui na fazenda um **levantamento sobre as [espécies] de plantas que tem aqui na área nossa aqui.** (...) **Pegar o conhecimento das pessoas aqui da região,** também, é importante colocar isso, porque às vezes tem um tipo de planta que a gente não conhece ou a gente (... ) não sabe pra quê que serve. Então, mas **o povo aqui da região conhece,** porque às vezes tem planta que às vezes só tem nessa região, num tem outro lugar. (...) **Então é importante tá fazendo esse levantamento dessa biodiversidade,** eu vou dá uma ajuda.

Toninho, 11/02/2006

Dez pessoas participaram da caminhada, sendo quatro do Coletivo TERRAS e seis assentados/as, um desses criança. Nenhum membro do Setor de Saúde participou da caminhada.



Caminhada para reconhecimento de plantas

Seu Luiz guiou-nos por duas horas pelos caminhos do assentamento. Muitos contribuíram com o andamento da atividade, mas destacaram-se Seu Luiz e a assentada Dona Izabel, que demonstraram um grande conhecimento sobre as plantas do mato. Pudemos localizar diversas plantas medicinais: aroeira, laranjeira, erva-de-bicho-da-beira-do-rio, ananás-do-mato, avenca grande (avenca-da-chapada), carqueja, cavalinha, unha-de-vaca (unha-de-boi), carobinha, jaborandi, Maria-preta, desinxadeira, arnica, alecrim-do-campo, caiçara, unha-de-tiú, cinco-folhas, suma branca e outras. Fizemos um farto almoço na casa do Seu Luiz. Mais tarde, a pesquisadora, juntamente com as assentadas Izabel e Maria de Lourdes coletaram ainda mais plantas para preparo de exsicata, sendo a maioria nativas e algumas cultivadas em hortas do assentamento: embaúba, assa-peixe, picão, cabepa e outras integraram a coleção. Decidimos que o herbário iria conter tanto as plantas nativas quanto as plantas de horta que pudessem ser encontradas no assentamento.

As plantas foram arrumadas sobre folhas de jornal para secar. Os seus nomes foram anotados nas páginas de jornal sobre as quais foram dispostas. Após essa organização, foram todas empilhadas, colocando sobre elas

diversos catálogos telefônicos para servir como peso. Orientações sobre a troca periódica das folhas de jornal foi dada, a fim de permitir a secagem das plantas para a confecção do herbário. A partir desse inventário, fizemos o Álbum de Plantas Medicinais do *Ho Chi Minh*.

#### **4.2.8 Álbum de Plantas Medicinais do *Ho Chi Minh***

*Desde agosto de 2006.*

A idéia de fazer um herbário no assentamento surgiu no Seminário de Plantas Medicinais.

**...Eu tô identificando essas planta aqui**, são plantas que eu conheço, que serve pra isso, que serve praquilo, **e nós pegamo um modelinho de cada uma.**

Toninho, 11/02/2006

A partir da caminhada para reconhecimento de plantas medicinais nativas, o Grupo de Plantas Medicinais iniciou a confecção de um herbário com as plantas do assentamento, para facilitar a identificação dessas, promover o conhecimento dos/as assentados/as sobre as plantas e facilitar o uso dos fitoterápicos. Os/as assentados/as não gostaram do termo “herbário”, e convenciamos que essa pasta de plantas seria chamada “Álbum de Plantas Medicinais do *Ho Chi Minh*”.

O Álbum de plantas medicinais já contém agora exsicatas de 68 plantas, relacionadas na Tabela 2. Esse álbum é uma pasta com plásticos, onde cada página contém uma planta e seu nome popular. Ele ficou com a família de Maria de Lourdes, que constantemente colhe e seca novas plantas para o álbum. Muitos assentados e assentadas que vêem esse material dão palpite e falam que têm novas plantas para acrescentar.

Discussões sobre o “nome popular correto” das plantas são freqüentemente levantadas. Há de fato uma freqüente confusão quanto à identidade de plantas medicinais devido aos diversos nomes populares atribuídos a uma mesma planta. Por exemplo, nas apresentações durante o Seminário de Plantas Medicinais um assentado falou:

Se eu fosse uma planta, ia ser a canfôr. Porque aí eu tiraria a dor de todo mundo, né?

Ivan, 11/02/2006

Tabela 2: Nomes populares das plantas do Álbum de Plantas Medicinais do *Ho Chi Minh*

Eucalipto	Cravo amarelo	Quebra-pedra branca	Carqueija
Algodão	Goiabeira	Quebra-pedra roxa	Fedegoso
Chuchu	Erva-cidreira	Salsão	Juazinho
Artemísia	Imbaúba	Suma branca	Margarida
Rabo de cavalo	Folha de tomate	Quaresmeira	Erva-doce
5 folhas	Serralha	Panacéia	Hortelão
Erva-doce	Poejo	Orelha de cachorro	Capeba
Alho	Terramicina	Bem-querer	Salsinha
Alfavaca	Hortelã da horta	Desinchadeira	Coentro
Quebra-pedra	Vassourinha do campo	Unha-de-vaca	Camará rosa
Mamona	Transagem	Folha de ananás	Gervão
Folha de laranjeira	Carirú de porco	Enxota	Erva-moura
Manjeriço	Gondó	Macaé	Melão-de-São-Caetano
Marca-passo	Mastruz	Avenca do campo	Alfavaca-do-campo
Folha de mandioca	Alecrim	Assa-peixe	Folha de batata-doce
Fumo	Marcelinha branca	Marcelinha amarela	Carrapicho-do-campo
Losnã	Couve-manteiga	Abobrinha	Capim-santo

Isso gerou uma confusão no Seminário, todos falando o nome que achavam que era correto para a planta, se cânfor, cânfora ou alcânfor. Uma pessoa confiante afirma categoricamente que “popularmente, é alcanfor”. E o debate acabou assim. No presente momento, muitas pessoas no assentamento já compreenderam que há muitos nomes populares “corretos” para uma mesma espécie de planta.

Anteriormente, a pesquisadora pensava em fazer a ficha com as informações sobre cada planta, porém assim os/as agentes do assentamento não apreenderiam a maneira de consultar os livros e não saberiam fazer sozinhos o levantamento sobre as plantas quando uma nova espécie aparecesse e a pesquisadora tivesse ido embora, ou seja, ficariam dependentes de uma “pessoa de fora”. Como diz um velho ditado chinês: *“Quando eu ouço esqueço. Quando eu vejo lembro. Quando eu faço entendo”* (WERNER; BOWER, 1984). Ou nas palavras de Maria de Lourdes: “Eu óio. Às vezes eu óio e aprendo. Aí eu anoto”... Era mais interessante que os/as assentados/as fizessem o trabalho, mesmo que dessa maneira este vá demorar mais tempo para se completar.

Um bom livro (LORENZI; MATOS, 2002) sobre as plantas medicinais, foi presenteado ao assentamento, pelo Coletivo TERRAS. Este livro tem facilitado a identificação das plantas e o acesso a informações sobre estas.

Os/as assentados/as completarão o herbário colocando nas páginas de cada planta informações além do nome popular: nome científico, parte(s) utilizada(s), indicações, formas de preparo, dose, contra-indicações e onde se encontra no assentamento.

Conversamos sobre a possibilidade do Setor de Saúde tocar esse álbum, mas decidimos que seria melhor que esse ficasse com quem já estava envolvido no trabalho. O herbário ficará então em poder do Grupo de Plantas Medicinais.

#### 4.2.9 Oficina de Preparo de Fitoterápicos

*Novembro e dezembro de 2006.*

**Nós vamos fazer os remédio, tudo coisa natural. (...) Então pegar lá, preparar, e futuramente, se Deus quiser, nós vamos tratar nossas criança só com coisa natural.**

Marilene, 16/07/2006

A necessidade de utilizar fitoterápicos e de aprender como prepará-los era clara no *Ho Chi Minh*.

**Pra picada de carrapato, tem muito carrapato. (...) Sabão pra coceira! (...) Pode fazer um repelente, e a pomada assim pra passar. Os menino daqui, (...) a gente não tem um (...) xarope pra indicar, não tem nada pra (...) combater esse tipo de coisa. Cê vai com o menino lá no médico, dá ele um (...) antibiótico lá, quando é amanhã tá com outra coisa, outro problema, tem que voltar no médico de novo. A gente não ta conseguindo implementar aí o horto medicinal do assentamento.**

Maria do Carmo, 31/07/2006

Esses machucado, às vezes as pessoas machuca muito... (...) **Uma coisa pra ajudar.**

Maria de Lourdes, 31/07/2006

A importância da formação para desenvolver um projeto de farmácia viva começou a ser discutida desde o Seminário de Plantas Medicinais.

A gente pode fazer pomada que vai curar dor, a gente pode fazer uma série de outras coisas, né? Eu acho que **é importante discutir essa questão da formação, (...) e preservar as [plantas] que tem e formar uma farmácia pras outras, que a gente sabe que são necessárias, mas que nós num temos.**

Toninho, 11/02/2006

Com isso em mente, foi planejada uma Oficina de Preparo de Fitoterápicos para o assentamento. Para realizar essa oficina, seriam necessários recursos financeiros. Para estabelecer a Sala de Preparo de Fitoterápicos também seriam necessários recursos financeiros.

A gente tá interessada nesse projeto, mas **o problema é que nós tão sem condições financeiras (...) pra resolver...** A horta... Não adianta nós meter uns canteiro aqui, meter muda de plantas e não ter condição de cuidar. (...) **A gente tá até de mãos abanadas. É isso que tá faltando pra nós. (...) E assim que chegasse o recurso pra nós, a gente tinha certeza que tudo isso vai andar.** Porque nós aqui nós faz, é o num é? (...) Ocês já ta vindo aqui há muito tempo, a gente sabe disso, é cansativo. Né? Cês gasta pra vim aqui... Ter essas reunião com a gente... **Mas num tá teno como nós crescer. Por causa de fundo,** que nós num temos pra levar esses trabalho adiante. (...) **Como é que nós pode fazer?**

Marilene, 16/08/2006

Por isso, foi escrito em parceria com Marcelo Corisco, do Setor de Produção da Brigada Iara Lavelberg, um projeto solicitando recursos para viabilizar essas duas necessidades percebidas pelos/as assentados/as: a execução de uma oficina e o estabelecimento da Sala de Preparo de Fitoterápicos do *Ho Chi Minh*.

Esse projeto foi aprovado pelo SITRAEMG. Esse sindicato não poderia financiar diretamente o MST, mas poderia pagar por uma Oficina de Preparo de Fitoterápicos para os/as trabalhadores/as da categoria em suas dependências, estendendo o convite a assentados/as. O recurso financeiro que sobrou após a execução da Oficina foi revertido em sua totalidade para a organização da Sala de Preparo de Fitoterápicos do assentamento.

A Oficina foi ministrada voluntariamente pela pesquisadora, em parceria com Aparecida de Arruda e Fernando Vieira, membros do Ervanário São Francisco de Assis (integrante do Grupo Semear, Bairro Alto Vera Cruz, Belo Horizonte – MG), que surgiu do interesse despertado nesse casal sobre as plantas após fazer um curso de preparo de remédios em sua Paróquia e verificar os efeitos desses medicamentos em seu filho, que tinha pneumonia e bronquite crônicas. Fernando e Aparecida desenvolvem, no próprio quintal, uma farmácia viva com mais de 170 espécies de plantas, e preparam remédios caseiros. O Ervanário atende a cerca de 50 pessoas por mês, muitas vezes por indicações dos/as próprios/as agentes e médicos/as do Centro de Saúde local.



De cima para baixo: capa do Livro do Ervanário São Francisco de Assis; Oficina de Preparo de Fitoterápicos no SITRAEMG

A Oficina de Preparo de Fitoterápicos ocorreu no SITRAEMG, tendo duração de 12 horas, divididas em quatro módulos, com 3 horas de duração cada, como discriminado no Anexo 5. Além de uma introdução teórica, foram feitas aulas práticas sobre chás, tinturas, pomadas, óleos, sabonete e xarope.

O curso foi oferecido para assentados/as e trabalhadores/as do poder judiciário sindicalizados nesse local. O curso foi divulgado no assentamento através de cartazes colados em locais de muito movimento (como a agroindústria de beneficiamento de cana-de-açúcar) e também através do “boca-a-boca”. No Sindicato, o curso foi divulgado através do Jornal da categoria. O pagamento do deslocamento e um auxílio para alimentação seriam fornecidos

aos/as assentados/as que fossem participar da Oficina, recurso retirado do dinheiro que seria investido no próprio assentamento. Porém, além da participação de muitos ser onerosa para o projeto ainda tinha a questão de pouca disponibilidade dos/as assentados/as devido ao grande volume de trabalho na agroindústria. A oficina foi acompanhada integralmente por uma assentada e parcialmente por três outros. No entanto, esse curso será posteriormente realizado no assentamento, para participação de todos/as aqueles/as que tiverem interesse.



Oficina de Preparo de Fitoterápicos no SITRAEMG

O recurso adquirido para implantação da Sala de Preparo de Fitoterápicos no assentamento ainda não foi utilizado em sua totalidade. A aquisição do recurso financeiro era apenas uma das muitas etapas necessárias para facilitar o uso das plantas na área.

#### **4.2.10 Comercialização de plantas medicinais secas**

*Desde abril de 2007.*

Plantas medicinais existentes no assentamento *Ho Chi Minh* estão sendo coletadas de maneira sustentável, secas, embaladas, rotuladas e comercializadas, por diversos assentados e assentadas.



Da esquerda para a direita: secagem de plantas medicinais; pacotes rotulados; barraca onde se deu a comercialização no V Congresso Nacional do MST.

Enquanto não há Sala específica para trabalhar com as plantas, esse trabalho está acontecendo provisoriamente em dependências da agroindústria destinadas ao beneficiamento da cana-de-açúcar. Isto tem sido possível apenas porque no primeiro semestre do ano não há cana disponível para colocar esse trabalho para funcionar.

Foram produzidos, até o momento, em torno de 3000 pacotes de plantas medicinais secas, que foram vendidos cada um por R\$ 1,00 em uma Feira de Produtos Agroecológicos do SITRAEMG e no V Congresso Nacional do MST. Novas vias de comercialização estão sendo estruturadas.

### 4.3 CONHECIMENTO E UTILIZAÇÃO DAS PLANTAS MEDICINAIS NO HO CHI MINH



Cultivo consorciado de alface e chicória

**4.3.1 Agroecologia:** “Nós veio pra cá pra poder fazer diferente aqui dentro aqui da terra!”.

Com relação a acompanhamento, algumas coisas que a Universidade pode tá participando, é da linha de trabalho (...) do Movimento. **O Setor de Produção já vem trabalhando (...) os princípios da agroecologia, né?** (...) É um pouco disso que a gente vem buscando, né, nos assentamentos. (...) A linha de produção, né, que o país adota, (...) pelo Estado aí, pelo governo, e tal, ela num tá de acordo com a realidade da agricultura camponesa, né? Então a gente trabalha sempre buscando (...) sustentabilidade, da questão ambiental também, né? E da **independência da agricultura. Se a gente for se embasar nesse modelo de agricultura convencional que tá aí a gente sabe que a gente não vai sobreviver. Então a gente percebe que a nossa... Escapatória é mesmo a agroecologia, né, resgatar a agricultura camponesa que... Foi perdida, né?** (...) O campesinato, enquanto classe. (...) Seria legal a gente tá pensando trabalhar nessa linha, que a gente percebe que é o mais adequado pra gente.

Alexandre, 05/06/2006

Os/as assentados/as demonstraram consciência ecológica, refletindo sobre a necessidade de preservação da natureza, como explicitado nos trechos a seguir:

O homem tem esse problema, né? **O antiecológico chega e mete o machado, corta, fala que não tá servindo pra nada e tal, né?** Mas a árvore, ela tem muita utilidade inclusive a de dar sombra pra gente, né? Que sem o frescor da sombra, quem que poderia sobreviver? Assim como precisamos do sol, precisamos da sombra das árvores.

Toninho, 11/02/2006

**Eu queria ser o verde dos olhos daqueles que não conseguem enxergar a natureza.** Aqueles que não conseguem enxergar essa natureza, são o sistema capitalista, que **tira dela toda a sua oração, e deixa uma devastação.** Isso é horrível.

Ronaldo, 11/02/2006

**Todas as plantas que existem na natureza são de igual importância. Desde um pé de capim até uma árvore mais gigante que tem. (...) E nada existiria sem a terra. (...) Porque a gente vem da terra, pra terra nós vamos retornar.**

Edson, 11/02/2006

Essa consciência ecológica dita o modo de produção na área, que tem toda uma construção agroecológica: dos aspectos sociais, políticos e econômicos também.

**A natureza agradece se a gente tratá dela da forma que deve ser tratada.** E aí a importância da gente tá sabendo como usar a natureza em nosso favor. Não com a ganância. (...) **Se a gente [não] tratá ela bem, né, (...) acaba prejudicando ela e (...) acaba sendo os grande prejudicados nós mesmos. (...) A natureza forçando é igual o organismo da gente.**

Edson, 11/02/2006

**O Movimento, quando chama essa discussão, chama a gente também a uma responsabilidade com o ser humano. A uma responsabilidade (...) com esse todo, com essa construção de uma nova Terra.** De uma nova Terra não pra nós, nós que tamo aqui vivendo nela, mas **nós temos que pensar nos (...) nossos antecessores [que] também vão precisar dela, não é só nós.**

Raquel, 11/02/2006

**O capital que é o seguinte: suga, suga, suga, suga da terra o que é possível tirar. Na hora que não der mais, ele vai pro lado de lá,** isso aqui já não vale mais nada, vai pro lado de lá e já suga tudo lá, e depois vai pra outra banda, e assim vai, né, e enquanto isso, quem fica aqui ó... Quem ficou aqui dançou!

Toninho, 11/02/2006

Se as pessoas trabalham, se as pessoas plantam, (...) [é] porque você tem aquele dom de trabalhar e cultivar. Isso é uma coisa que cada um que veio para a terra veio pra isso. **A terra é uma mãe.** Tudo que nós pôr nela, com amor e com carinho, nela brotô. (...) **Ninguém planta igual. Cada um tem a sua maneira.**

Marilene, 16/07/2006

Dúvidas e receio quanto à questão das patentes foi demonstrado pelos/as assentados/as.

Essa questão de patente ela é muito grave. (...) Eu acho que ela é gravíssima e a gente corre o risco de daqui a uns tempos a gente (...) ser engolido por essa questão. (...) **Vem os grandes especuladores, né? E eles acabam patenteando tudo aquilo que é nosso, que é do povo.** (...) Agora, o que a gente também vê é que o mercado tá com olho grande, tá visando isso, e vai acabar patenteando um monte de planta nossa aí, a gente tem que tomar muito cuidado. Eu não sei o que pode ser feito.

Raquel, 11/02/2006

Os/as assentados/as demonstraram boas noções das técnicas agroecológicas, discutindo métodos agroecológicos de produção e o problema do uso dos agrotóxicos e das sementes transgênicas em falas como as seguintes:

E aí nós tava colocando algumas experiência sobre agroecologia lá no Espírito Santo. (...) Avicultura ecológica mesmo, agroecológica. (...) Usando métodos naturais (...) de criação de galinhas e (...) fazendo o casamento da avicultura com a questão da natureza. (...) As galinhas é que faz a capina do cafezal dele. (...) Solta umas galinhas no meio lá, elas come os bichinho, as coisa que cai no meio da (...) planta lá, faz o controle ecológico. (...) Cria a galinha orgânica e (...) colhe o café orgânico. Então assim, são coisas que a gente tem que pensar (...), porque eu vejo, infelizmente, no

nosso meio – imagina aqui trabalhar essa questão, que tem que tomar consciência do povo mesmo – que no nosso meio tem gente que defende o uso de agrotóxico (...) Aqui (...) entre nós assentados aqui tem isso! (...) Alguém me falou outro dia: ó, esse pedaço nós pode jogar adubo aqui... Vai dar um feijão excelente! (...) Hoje em dia o maior problema que o homem tem é por causa dessa relação: quando a gente começa a cultivar a coisa com a natureza a gente joga o adubo químico e a gente tá gerando (...) uma competição com a natureza, né? E aí, **a natureza, ela é parceira da gente, mas se a gente começa a competir com ela aí já (...) gera problema porque ela vai ter uma reação, não é a reação que a gente quer. E aí num primeiro momento a gente até ganha, mas depois ela reage o contrário.** (...) É igual a tal da queimada, né? Faz uma queimada agora que colhe muito bem. Depois no outro ano num colhe necas nenhuma mais, né? **Que a terra já num guenta. Já tá fraca.**

Toninho, 11/02/2006

Me caiu na cabeça agora com muita clareza assim – (...) a relação política do MST com o uso de prantas medicinais. A gente tem que lembrar o seguinte: que as grandes lutas nossas aí contra as multinacionais hoje inclui a multinacional da semente, a multinacional do agrotóxico, né – que causa doença nas famílias, nas pessoas – e tem uma terceira multinacional aí fudida mesmo que (...) é a dos remédios... Que... **Casa tudo, né? Jogam semente transgênica, jogam o agrotóxico e joga a farmácia.** (...) São todos eles agrotóxicos: a Bayer, a Cyngenta... Eu tô tomando um remédio da multinacional dos transgênico, que é (...) a Monsanto. Então é uma loucura. Então tem essas três coisas, eu acho que é muito dialético e muito político aí o MST lutar. Né, **a gente na produção, por exemplo, lutar sempre a favor das sementes crioulas, sementes naturais, né? O uso da planta medicinal, (...) da medicina popular, é uma oposição a essa medicina do remédio, dessa loucura dos laboratórios. Semente, a medicina, agrotóxico né, que a gente tenta lutar (...) na produção, com o uso de alternativas que resistem a esses agrotóxicos.** Acho que é interessante essas três coisas aí.

Sebastião, 11/02/2006

**Tô fazendo o lixo orgânico lá embaixo, né, já tá dessa altura aqui** [e mostra com a mão uma altura equivalente à sua própria altura sentada].

Maria de Lourdes, 16/07/2006

É essa discussão que a gente precisa de tar fazendo é a discussão da consciência do nosso povo, né? Porque... Igual na região aqui, ó, é uma região que tem muito isso. (...) **Aqui na região tem gente jogando Round Up, nos pé de banana aí que ta tudo desnortado. (...) Então nós vão ter um papel fundamental pra tar interferindo na mudança de consciência, tanto das pessoas que tão aqui assentados, quanto dos agricultores que moram por aqui.**

Toninho, 16/07/2006

Outro aspecto levantado foi a conexão entre saúde e forma de produção.

Então, o MST também tem uma visão desse jeito pra tar evitando que... Envenena... Como se diz? **Regaça a saúde dos trabalhador tá usando essas química mesmo.** Essa preocupação. (...) Produzir mais organicamente, sem tar usando muita química pra num tar prejudicando a saúde dos companheiro. Isso é saúde.

Salgadinho, 11/02/2006

**Que a gente tem que aprender a combater as várias doenças que a gente tem aí não só através do uso de remédios, não só através do uso de medicamentos. Né?**

[Mesmo que sejam] medicinais alternativos. (...) Aquela coisa de tar bolando a horta da gente mesmo. Tar colhendo (...) uma coisa mais saudável, que vai fazer bem pro organismo da gente, (...) **vai tar criando ali uns microorganismo que vai tar combatendo vários tipos de doença do povo da gente.**

Edson, 11/02/2006

O enfrentamento à monocultura também é uma importante característica do MST, e os/as assentados/as demonstraram ter compreendido essa questão com muita propriedade. Eles reparavam que as famílias da região não tinham variedade em sua terra, e assim estavam sempre dependentes de adquirir produtos nos mercados urbanos.

Aqui num produz nada, aqui só produz banana, mais nada. **Então, quer dizer, nós veio pra cá pra poder fazer diferente aqui dentro aqui da terra!**

Narli, 31/07/2006

...E viu também o respeito que o Movimento Sem Terra tem pelo meio-ambiente. E eles [estudantes de geografia da UNI-BH] perguntaram: porque vocês destruíram o laboratório, lá que as mulheres arrancaram os eucaliptos? Deu vontade até de chorar, né! (...) Quê que o eucalipto faz pra nós? E eles são estudante, né? (...) Eu falei: ô gente, (...) **quê que o eucalipto faz pra nós? Monocultura faz o quê?** (...) Aí morreu a pergunta.

Ronaldo, 20/05/2006

Aquela parte [do vídeo do MST] lá que eles [mostram] que eles trabalharam só com café. (...) **O produtor investir tudo aquilo naquele cafezal lá só, fazer monocultura só de uma coisa. (...) Depois eles ficaram sem (...) jeito de trabalhar, né?** Não tinha mais como comprar mais o adubo, não tinha como mais andar. Então, depois tem outra parte falando que **é importante no seu lote de terra trabalhar com variedade de coisas. (...) Em breve, se Deus quiser, vai sair os nossos lotes de terra. A gente prestar muita atenção nisso.**

Marilene, 16/07/2006

Além de enfrentar o mercado vigente como consumidores/as, os/as assentados/as debatiam também a necessidade de enfrentar o mercado vigente como produtores, criando modos de não depender do CEASA de Belo Horizonte para escoar sua produção.

Eu tava conversando com uma pessoa daqui de Nova União: “e (...) se a gente produzir tudo e levar pra Altamira, Carmo, Baú, Nova União, Nova Aparecida?” (...) A dona Maria do Seu Tião, ela falou: “Não, mas aqui eu já prantei, levei, eles falou que não. **Eles acha melhor comprar no CEASA**”. Eu falei: **“Não. Nós tem que articular um meio de alguém apoiar nós pra eles não buscar lá!”**

Maria do Carmo, 31/07/2006

Uma idéia que surgiu foi a de pressionar a prefeitura a criar feiras livres na região, mas isso ainda não foi articulado.

Os/as assentados/as discutiram sobre o papel da tecnologia agrícola, discutindo a questão da certificação dos produtos orgânicos. Os produtores do MST não se submetem a esse tipo de certificação, pois entendem que ela não passa de um outro filão de mercado. A preocupação com a certificação de produtos orgânicos não tem nada a ver com as questões sociais embutidas na produção. Não utilizar insumos químicos na produção é apenas um dos pontos que deve ser levado em conta quando se pensa em uma produção social, econômica e ambientalmente benéfica. Os produtos orgânicos são sim mais saudáveis do que aqueles derivados da agricultura dependente de insumos químicos. Porém, a relação de trabalho estabelecida para sua produção é a mesma que a estabelecida na agricultura retrogradamente modernizada que temos hoje em dia nos grandes latifúndios. O agricultor deixa de ser dependente de um pacote químico para ser dependente de um pacote agroecológico. Murray Bookchin (s/d) discutia que é preciso ter cuidado para que as tecnologias alternativas não se integrem a uma lógica tecnocrata.

Porque entra uma coisa que a gente chama tecnologia, e o MST, o pessoal que fala em agricultura alternativa, fala em agricultura popular, nunca esquece (...) que a tecnologia não é a política. A política tá em todos os lugares, principalmente na tecnologia; a tecnologia é apropriada (...) por latifúndio, os grandes produtores apropriô de uma técnica e... **É uma técnica de dominação, uma técnica química, uma técnica que tira as pessoas do meio rural, que divide (...) as pessoas. (...) E a pranta medicinal, além de ser assim uma coisa que o povo sempre usou como remédio, (...) é uma coisa assim extremamente importante também que é uma técnica popular, né? Quando eu escuto falar assim prantio de prantas medicinais orgânicas eu fico assim com pulga na orelha, que aí já é mais uma apropriação de saber popular, porque pranta medicinal jamais teve o uso de agrotóxico, uso de químico, ela sempre foi uma coisa natural, no fundo de quintal, coisa pequena. (...) Pequena e grande! Em pequenas arezinha assim uma pessoa pranta 40, 50 espécies diferentes e começa a distribuir com vizinho, e tal. Quando cê fala em orgânico, assim nesse sentido assim de certificação (...), sabe? Já é mais uma dominação, mesmo com boas intenções, mas a gente tem que saber que o inferno tá cheio de boas intenções, né? É sempre querer tirar do povo o saber.**

Sebastião, 11/02/2006

**Resistir às invenções (...) dos modismos, né?** Dos nomes novos que eles criam. **Hoje é alternativo, depois orgânicos**, como disse o Tião, depois... Sabe o nome que eles vão dar! Quando o orgânico não funcionar mais eles vão (...) inventar um outro nome, né? Parecido com natureza, parecido com natural, essas coisa assim, pra enganar a gente, né? **Quer dizer – pega o lobo, veste o lobo com a pele do cordeiro e diz assim: esse aqui é o cordeiro. Cês podem confiar nele.** Ou pegar a

raposa (...), põe roupa de galinha nela e põe ela lá no galinheiro, mata todas as galinha então, assim.

Toninho, 11/02/2006

A necessidade da junção do saber técnico com o saber popular foi bem explicitada na fala de um assentado que compartilhou conosco a experiência que já viu dando certo no sul do país, onde os técnicos trabalharam junto ao povo a fim de melhorar uma cooperativa agrícola.

**Usavam os dois lados, os dois conhecimentos. Né? Tanto o conhecimento técnico que era dos ambientalistas quanto o conhecimento agrícola, das pessoas que manuseavam o produto lá.** (...) Era (...) bastante interessante o processo. Aí fica como exemplo.

Edson, 11/02/2006

Infelizmente, apesar de sua enorme importância, o saber popular muitas vezes é desvalorizado ou perdido, especialmente no meio urbano, questão que será tratada a seguir.

**4.3.2 Experiências pessoais com as plantas medicinais:** "A gente foi criado na roça, a gente sabe disso".

Os/as assentados/as demonstraram ter algumas experiências pessoais e pontuais com o uso de fitoterápicos. Infelizmente, poucos/as tinham conhecimento consolidado sobre esse recurso. A interferência da cultura urbana, dissonante dessas experiências, era clara.

**Tem (...) muitas barreiras que a gente precisa quebrar, (...), inclusive por causa da própria formação do nosso povo – a maioria do nosso povo é urbano.** Entendeu? **A maioria do nosso povo aqui é de gente que tem uma raiz lá na roça, mas que o grosso do crescimento dele foi na cidade, a maior parte ele morou foi na cidade mesmo.** Aí depois resolveu resgatar essa questão de morar na roça. Que o Movimento está resgatando esse povo.

Toninho, 16/07/2006

**É, realmente minha mãe já fazia [comprimidos de planta], só que eu não aprendi.**

Narli, 31/07/2006

**Quando eu era criança (...) minha mãe me dava chá de mixirica, chá de laranja...** (...) Tava com tosse, tussindo muito demais, eu tomava chá de mixirica. Se fosse u'a

constipação eu tomava uma chá de laranja, enfiava embaixo da coberta e depois tava bão. **E depois disso eu vim pra cidade...**

Seu João Evangelista, 11/02/2006

No entanto, era reconhecida a importância do conhecimento tradicional existente. As falas demonstraram a importância da transferência desse conhecimento sobre as plantas, de geração a geração.

Eu era nova ainda, estudava, **meus pais falava que sapexe branco era remédio pra gripe... Tudo que era de remédio aí que eles falavam eu ia gravando na cabeça, né, Ana. (...) Gravei muita coisa na cabeça.**

Izabel, 27/09/2006

**O pessoal já morou na roça e sabe que (...) ia lá, fazia um chazinho, dava o menino.** Por mais leigo que a gente seja, né? Eu também não entendo nada de planta medicinal. Mas **a gente foi criado na roça, a gente sabe disso.**

Raquel, 11/02/2006

**Eu já aprendi com os mais velhos, eu até já aprendi como é que toma, com minha avó... Com pessoas mais velhas que falam, né? (...)** E era a coisa certa, que ela nunca estudou livro e hoje em dia que a gente vai olhar nos livro e tá igualzinho!

Maria de Lourdes, 26/10/2006

Além do que aprendeu com seus avós sobre as plantas, a sogra de Maria de Lourdes era parteira, e também contribuiu para seu aprendizado. As parteiras, benzedeiras e outros curadores populares detêm um grande conhecimento médico tradicional, sendo atores importantíssimos para a (re)construção de uma saúde feita *para* o povo e *pelo* povo.

**Eles num usava remédio de farmácia não, (...) pessoas que criou a família deles todinha no campo. (...)** E se a gente sentisse uma dor de cabeça, uma febre, [meu avô] já ia lá na horta, buscava remédio, fazia pra gente beber. Minha avó [também]. **A mãe de Elizeu [marido de Maria de Lourdes] também, eu aprendi muita experiência cum ela. Que é a minha sogra, né? (...) Aprender a fazer os remédio...**

Maria de Lourdes, 26/10/2006

Muitas reflexões foram feitas sobre a importância do saber popular.

Quando a gente fala em plantas medicinais a respeito do saber popular, aquele lance assim de pensar que antigamente o cientista era o dono da verdade, aquele negócio... Hoje, é principalmente – com plantas medicinais – **a gente volta a dar respeito, a dar valor ao conhecimento do povo.**

Sebastião, 11/02/2006

**Agora, se for falar sobre a cultura dos nossos povos, às vezes, os indígenas, isso foi esquecido.** (...) Então quê que a gente tem que tá fazendo aqui? É isso que tá acontecendo aqui hoje, é saber qual planta que faz bem, pra outras regiões também saber a tar discutindo esse tipo de coisa (...), que está juntando, e vai formalizando. (...) Porque se for perguntar pra nós mais jovens quê que é plantas medicinais nós vão falar de [uma ou outra].

Ronaldo, 11/02/2006

Nessa questão da história dos medicamentos, (...) até mais ou menos no início do século XX, em torno de 1900 e pouquinho (...), essas plantas, (...) as pessoas usavam de uma forma cada um, a sabedoria popular. (...) Então tinha essa questão do curandeiro, né? (...) Certas pessoas falavam assim: 'Ah, Fulano é curandeiro'. Aí tem gente que já fala assim, já usa de má fé, aí entra na questão da religião e fala assim: "Fulano é macumbeiro, Fulano é isso". Mas não era. **Porque tem uma sabedoria que as pessoas tem que ela num vem (...) de mística. (...) Porque aquele é um conhecimento que a pessoa adquire, que vem adquirindo lá dos avós, dos bisavós, que vem passando de pai para filho,** e que a pessoa dá continuidade nisso, só que vai mudando a forma de trabalhar com isso.

Toninho, 11/02/2006

Uma grande parcela das experiências descritas sobre as plantas vem depois da entrada das pessoas no MST.

Tô querendo falar é... Sobre a (...) coisa laranja que a gente tinha no outro acampamento. Que eu tava nervosa, estressada, mas aquele nervoso (...) passando dos limites, (...) eu tava coçando de tanto nervoso (...) **Aí uma menina (...) que tava acampada lá cum nós virô pra mim: toma chá da laranja (...).** Aí tomei (...) mas foi rapidinho. Uns três goles que tomei cabô (...) quele nervoso, sabe?

Maria das Dores, 11/02/2006

Eu sei até fazer o comprimido, pra guardar. **Eu aprendi a fazer numa oficina de saúde, lá no Espírito Santo.**

Maria do Carmo, 31/07/2006

O conhecimento adquirido após a entrada no MST demonstra o esforço do Movimento em resgatar práticas populares e tradicionais de cura. De fato, a própria entrada para o MST altera significativamente as condições de saúde dos/as assentados/as, conforme será discutido a seguir.

**4.3.3 Saúde antes e depois de entrar pro MST:** "Aqui no movimento a gente aprende muito isso, né? Ter essa liberdade, que a gente num tem lá fora".

Alguns membros da comunidade relataram os impactos em sua vida após entrarem para o MST e irem para o campo:

De roça, assim, fazenda, eu morava muito tipo assim, no sítio, trabalhando de empregada pros outros. (...) **Mas quando foi pra outra fazenda que eu comecei a participar dentro, junto com o povo. Junto com as família, né? Aí foi que eu fui começano a compreender, né? Colocar na minha cabeça. (...) Aí foi que... Entreguei. Fiquei entregada de vez, né?**

Maria de Lourdes, 26/10/2006

Eu achei que num ia ter como eu voltar pras roças mais não, mas Deus [me pôs aqui]. A roça pra mim tá bom, que eu fui nascida na roça. Meus menino em casa: "Mãe, sai desse trem, mãe. Fica lá não. Vem embora". Eu falo assim: "Ah, mas eu tô lá porque eu gosto, sabe?" (...) A gente nasce naquele lugar... **Acho que Deus quer que a gente, (...) no momento, vai praquele lugar mesmo. (...) Desde pequenino nós lá e vem crescendo, todo mundo na roça, e depois cresceu, ficou véio... Na roça. (...) Eu mudei pra aqui, e aqui estou de novo na roça. E tornei a vortá de novo!**

Izabel, 27/09/2006

As referidas condições de saúde das pessoas também se alteraram consideravelmente após sua entrada para o MST e sua mudança para o campo. Houve diversos relatos de doenças que desapareceram ou diminuíram de intensidade após a mudança das pessoas. Os/as assentados/as atribuíram isso à redução da sua exposição à poluição e ao estresse urbano, além de uma alimentação mais farta, variada e de melhor qualidade. A elevação de sua autonomia, ou seja, a possibilidade do autocuidado, também determinou uma melhora na sua saúde.

**A gente pode ver aí que a relação política do movimento com relação ao uso de plantas medicinais é muito interessante, né? (...) É importante essa relação. Porque a gente sai lá da sociedade lá, você vê que pra tudo que você vai fazer na cidade hoje você precisa ter dinheiro. Pra tudo. Hoje pra você viver na cidade lá, infelizmente, o que move a cidade são os mercados, né? Aí fica complicado, (...) muitas vezes o companheiro sai lá da cidade e vem pra cá, mas não entende essa política do movimento que é construir uma nova sociedade, né? Através do coletivo, através da ajuda, da auto-ajuda, né? E mesmo da auto-sustentação que vem da natureza, né? E às vezes fica muito na base do poder de compra, fica preso ali, na cidade, né, num se solta. Não se solta, não se liberta aí daquela rotina da cidade ali que é: tudo que ele precisar ele vai lá e compra, e tal. E às vezes a gente pode ver que a gente tem que libertar disso. Né? E aqui, aqui no movimento a gente aprende muito isso, né? Ter essa liberdade, que a gente num tem lá fora. Por exemplo, um Seminário [Seminário de Plantas Medicinais] desse aqui, né? Pra tá discutindo aqui... Em relação à (...) medicina e tudo. Lá na cidade cês num vê, é muito difícil, aqui você vê. Aqui você tem essa oportunidade de tá fazendo essas discussões e de tá chegando aí num consenso do que é melhor pra gente tá vivendo cada dia mais. (...) Como se diz: saúde? Saúde da gente é a gente que faz. É o meio onde você vive, é o meio que você comunica com as pessoas. É isso que vai fazer a sua saúde. (...) Sentá num ambiente igual esse aqui, ó, debaixo duma árvore, numa sombra, respirando esse ar. O ar puro, né? É bom demais, né? (...) Então pra mim a relação é ótima, né? Essa questão de saúde com as linhas políticas do movimento e questão de (...) plantas medicinais. (...) Quando eu vou lá pra cidade, (...) de tar no meio dos carros ali e tal, aí (...) eu fico sem fôlego, ofegante, eu não consigo respirar direito. (...) E já quando eu tô no meio (...) do mato, e tal, onde**

tem mais verde, (...) eu me sinto bem. **O ar muda, né? O clima muda. Já respiro melhor.** (...) São formas de combater também.

Edson, 11/02/2006

**Quando eu cheguei até aqui, eu inda era uma pessoa muito doente.** Muito nervosa, muito depressiva, muito... A pele, eu num sei se você chega a lembrar... Era tudo ferida, minha pele... Eu num podia ficar no sol, começava a ferir... (...) Eu tinha doença de lupus. (...) **Eu tomava muito mais remédio. Vários tipos de remédio. (...) Agora eu... Tomo mais é chá de planta...** Essas planta aí que eu planto, né? **E o que eu mais gosto de fazer nessa fazenda é (...) plantar minhas horta, meus remédio. (...)** A gente é muito bem alimentado, porque tipo assim: quatro anos depois que eu tou aqui, morando aqui, nunca mais eu num comprei nem arroz, nem feijão, nem verdura. (...) Essas coisa assim eu comprava tudo, tinha que comprar de tudo. (...) Quando eu queria comer um couve eu tinha que comprar, um ovo eu tinha que comprar... (...) **Tenho tudo até, assim, fartura.** (...) Eu tenho achado que pra mim, sair da cidade e vim pra roça, foi (...) uma maravilha, né, foi bom demais. **E a minha saúde, igual cê tava perguntando, melhorou foi 100... Não, foi 200%.** Num foi 100 não. (...) **Foi a saída... (...)** **Eu agradeço mesmo o Movimento, depois deu ter vindo pra cá mudou muita coisa.**

Maria de Lourdes, 26/10/2006

**Inhantes deu tar nesse movimento eu ficava mais no hospital do que em casa.** Era direto no hospital. Direto no hospital! (...) Eu memo entrava, eu memo saía, eu memo internava, eu mesmo saía... (...) Foi muito tempo desse jeito, Ana. (...) Quando eu num tava queixando uma coisa era otra, quando num era uma coisa era outra, e aí **depois, quando eu entrei nesse Movimento, minha fia, cabou.** Não senti nada mais não. (...) **Mas, inhantes de eu tar nesse meio dessas coisa aqui, já era, eu ir na minha casa era visita pra mim!**

Izabel, 27/09/2006

#### **4.4 REFLEXÃO SOBRE O USO DA FITOTERAPIA E O USO DOS MEDICAMENTOS “INDUSTRIALIZADOS”**

##### **4.4.1 Complexo médico-hospitalar: “Toma aqui o remédio aqui, ó”.**

A fitoterapia popular baseia-se em um respeito pela autocura, na noção de que o paciente, como indivíduo responsável, pode iniciar ele próprio o processo que o leve a ficar bem. Tal atitude é contrária ao enfoque biomédico, que delega toda a autoridade e responsabilidade ao médico (CAPRA, 1989). Os/as assentados/as discutiram muito sobre a medicalização da sociedade, as indústrias de medicamentos, o atendimento médico-hospitalar, a dispensação farmacêutica e a formação dos profissionais de saúde, ligando diversos fatores que integram a teia que determina no atual sistema capitalista o complexo médico-hospitalar.

**Então tem isso, a saúde tem preço. Porque quando o movimento chama (...) a discussão da saúde na responsabilidade, é muito em função disso, porque trabalha a saúde como o ser humano integral, dos pés à cabeça:** essa relação do ser humano com a natureza, essa relação do ser humano com a Terra, e essa relação com as plantas, porque muitas vezes **a gente vai no hospital, deixa o alimento no fundo do quintal, deixa o remédio no fundo do quintal, e vai lá no posto de saúde pro médico dizer pra gente (...) - o médico às vezes nem ouve os problemas da gente - toma aqui o remédio aqui, ó.** É isso aqui, cê vai levar e tomar. Aí a gente chega na farmácia, fala assim: "Aqui o remédio, ó". A gente vai, leva o remédio pra casa, toma, mas **aquele remédio às vezes cura uma dor de cabeça e dá uma dor no pé, às vezes cura uma dor no pé, mas dá uma dor no estômago.** (...) Tem vários efeitos colaterais. Todo remédio tem efeito colateral. (...) Mas infelizmente o da farmácia dá muito mais mal. (...) E então os laboratórios tão aí. Cada dia cê ouviu falar de um outro laboratório que tá fundindo, (...) laboratório A com laboratório B pra poder ganhar dinheiro com a natureza. E vindo aqui no nosso meio. (...) Tá aqui pesquisando no nosso meio aqui, vai levar lá pros [laboratórios] da vida aí pra podê usá a gente né? **Então a gente tem que tomar muito cuidado com quem vem aqui dentro né?** (...) Eu tô sendo franco, eu sô muito sincero com relação a isso. Porque é isso que eles fazem na (...) Amazônia. Isso que eles fazem em todo canto aí. Na Índia, né?

Toninho, 11/02/2006

**Porque quando a gente vai ao médico, quê que a gente tá fazendo ali? A gente tá indo comprar um produto que o mercado tá oferecendo pra nós.** Que é um produto químico. Esse produto químico, geralmente já passou por várias estipulação. **Que não é aquilo que vai oferecer pra nós de bem.**

Ronaldo, 11/02/2006

**E afinal de contas, (...) vários médicos são formados pelos laboratórios. Por que? Porque vai dar um retorno pra ele, vai receitar remédio ali que vai tá beneficiando aquele dono daquela (...) multinacional** na verdade que tem ela (...) no mundo todo espalhado.

Salgadinho, 11/02/2006

**[O laboratório] patrocina o médico lá, né? Pra poder tar... Vendo o lado dele mais tarde, né?**

Cleci, 11/02/2006

O papel da tecnologia nessa trama médico-hospitalar fez-se claro.

Questão interessante aí, essa questão da tecnologia, né? (...) **O movimento, a gente não tem nada contra a tecnologia, a gente tem é contra (...) o emprego que os caras dão pra questão da tecnologia.** Eu tava lendo uma matéria sobre essa questão, um debate lá entre (...) economia solidária e capitalismo. (...) **É o uso da tecnologia em benefício de quem, e a serviço de quem que ela tá. Né?** Tem que ter claro isso, porque é sempre importante perguntar o quê, quem e como que se utilizam isso.

Toninho, 11/02/2006

Alguns/mas assentados/as falaram sobre o que significam os nomes fantasia dos medicamentos de referência, e que a atribuição do nome fantasia tem um papel no *marketing* desses. Ronaldo inclusive levantou a questão do

uso dos medicamentos genéricos como medicamentos industrializados que trazem menos males do ponto de vista econômico.

**A gente sabe que existe uma indústria farmacêutica e uma máfia farmacêutica, né? (...) Nós sabemos, gente, que quando a gente vai no médico, aqueles homem quem tem uma pastinha lá, com (...) aquelas amostrinha... (...) Eu fico em dúvida se não há nenhuma (...) vantagem para o médico – não vou falar que há porque eu nunca fui médica (...). Mas eu duvido que não há nenhuma vantagem. (...) Quantas vezes a gente vai num médico e ele... Receita determinado remédio (...). E a gente compra aquele remédio e às vezes acaba descobrindo que se você tivesse tomado um outro, né... (...) Eu acho que foi muito bom essa questão dos genérico que é parecido aí porque melhorou . **Porque quando a gente paga um nome de fantasia, né, a gente tá pagando (...) uma série de impostos e uma série de vantagens praquele laboratório.****

Raquel, 11/02/2006

Praticamente, chega lá: “toma isso aqui, ó”. Não fala procê: “tem produto alternativo que possa fazer bem pra você”. Eles qué vendê. Eles qué vendê! Se qué vendê, gera especulação também sobre venda de remédio, que aí **a gente precisa ver o genérico**, então é isso que tô falando. É a troca de experiências.

Ronaldo, 11/02/2006

Sobre a medicalização, foi discutida a dominação cultural da medicina ocidental moderna sobre as práticas tradicionais. Também se discutiu que no atual momento histórico brasileiro, mesmo que se volte a utilizar correntemente as plantas medicinais será com um caráter diferente daquele de antigamente, onde as pessoas tinham autonomia para cuidar de si mesmas e da sua família. O caráter da retomada atual das plantas infelizmente está mais voltado para o mercado, que percebeu a possibilidade de lucrar também com esse recurso.

Que na verdade a gente sabe, é que desde o momento que o nosso país (...) foi ocupado, né, invadido pelos europeus, o que eles fizeram na verdade foi tentar nos implantar uma nova cultura. **E eu acho eu uma das táticas também dessa nova cultura foi a questão aí da (...) medicina.** (...) [Os índios,] a cultura deles, a forma de tratamento deles, mas era uma coisa bem mística. Embora eles usassem o que a terra tinha, havia (...) um misticismo em torno daquilo. Então também quando os europeus trouxeram a cultura deles, eles tentaram destruir isso aí também. Agora, o que a gente vê hoje é uma retomada, não (...) da forma mística, mas uma retomada visando mais um mercado, né? (...) Outro dia vi a moça tomando chá (...): Melissa. Aí eu procurei (...) um livro lá pra ver como é que era a Melissa. Aí eu falei assim: **Uai, mas cê num tem isso aí na sua horta? Mas o da horta não servia. Ela quis ir lá no Mercado e comprar um pacote.** Mas ela tinha na horta! Falei: - Ué, é aquela mesma planta ali. Aí ela falou assim: Uai, mas essa daí eu comprei lá.

Raquel, 11/02/2006

A re-significação das práticas populares no meio científico e a forma que a propaganda feita pela mídia leva as pessoas a criarem uma ideologia “turva” sobre a questão dos fitoterápicos foi discutida.

**Existe aí uma lógica perversa, né?** Maldosa, pra poder dominar. (...) A Raquel levantou essa questão do patenteamento de plantas... (...) Na verdade isso não é de ninguém, né? **O saber popular é popular, é de todo mundo.** Então... É de domínio público. (...) **Tem uma coisa que é do conhecimento do povo, e uma coisa que fica muito massificada,** (...) que (...) acaba perdendo (...) a eficiência. **Porque aí as pessoas começam a criar.. Fantasias, né?** Ah, que eu usei pra isso aquilo, deu certo. Usei pra isso aquilo lá, deu certo. Mas... É na cabeça da pessoa. (...) **O quanto que a mídia influencia essa questão! (...) A mídia capta isso com muita (...) sabedoria. (...) Eles tem gente só pra pensar essas coisas, né? O quê que o povo vai pensar?...**

Toninho, 11/02/2006

As abordagens terapêutica e preventiva estão ligadas por um mesmo saber fisiopatológico (TESSER, 2006). A abordagem terapêutica consta principalmente de diagnósticos, que metamorfoseiam o paciente em história clínica e dados de exames físicos. Quando exitoso este processo, ele refere-se a uma doença, entidade de existência supostamente autônoma, distinta do paciente e no seu corpo instalada, a ser explicada (em geral, apenas nomeada) ao doente e eleita como inimigo a ser combatido e vencido. Ainda que o saber médico aponte causas enraizadas na vida do doente, como comumente ocorre nas doenças crônicas, este, enquanto agente, praticamente não aparece: é portador de fatores de risco, genéticos, comportamentos de risco, todas coisas que são do âmbito de sua vida vivida mas que lhe ficam estranhas no isolamento e na objetivação biomédica.

Ao diagnóstico segue a terapêutica, que combate a etiologia, ou a elimina se possível (no caso das doenças infecciosas-parasitárias), intervém em mecanismos fisiopatogênicos e na sua expressão (no caso das doenças não infecciosas e crônicas) ou combate os sintomas. Esse último aspecto merece destaque, devido à sua grande força econômica e cultural e sua expansão ideológica. Sedar a dor e o sofrimento tem representado uma enorme parte das ações da biomedicina, que fica impotente quando defronta-se com queixas e sofrimentos não enquadráveis na grade nosológica. Pode-se constatar a pouca contribuição do saber clínico-epidemiológico para o crescimento da ação autônoma, pois converge técnica, filosófica e

politicamente com a medicalização social, a higiomania e a dominação. Esse conhecimento é muito importante nos casos de adoecimentos graves, situações emergenciais, politraumas, fraturas, estágios avançados de desequilíbrio e colapso orgânico, que necessitam de intervenções que podem salvar vidas, sendo desejável que sejam executadas. No entanto, é preciso reconhecer que as situações em que isso ocorre são uma pequena minoria dos problemas de saúde em geral.

Agora, serão discutidas brevemente as ações sugeridas pela abordagem preventiva. Podemos dividir essas em três diferentes tipos, para compreender o fomento ou não de ações autônomas possibilitado por cada uma de suas formas de intervenção. O primeiro, que fomenta a ação autônoma, são os cuidados pessoais e sanitários, o bloqueio dos meios de transmissão e contaminação por intermédio de resíduos, água, dejetos, animais e outros.

A segunda parcela das ações pautadas pela abordagem preventiva, o uso das vacinas, é ambígua quanto à sua contribuição para o crescimento da ação autônoma. Se por um lado, essa tecnologia permite a vida de muitas pessoas antes talvez condenadas a sofrimentos, seqüelas e morte precoce (o que não é nada trivial), por outro lado ela remete as pessoas à dependência estrita da instituição médica. Supõe-se o benefício das imunizações e não é dada às mães a opção de não vacinar seus filhos e filhas. O saber e a capacidade de decisão está alheia aos/as usuários/as dos serviços de saúde, a quem cabe apenas fazer o que lhe é prescrito, ou até mesmo imposto.

A terceira é relacionada a atitudes, costumes, alimentação e atividade física. Aqui se reúnem as chamadas orientações higieno-dietéticas e de estilo de vida. Nesse ponto, o saber médico ganhou um caráter de terceira pessoa, gerando um abismo entre o que podem saber ou sabem médicos e pacientes. Sendo o objeto de atenção médico reduzido de sujeito doente a corpo doente, o saber clínico-epidemiológico desconhece a saúde e a vida dos sujeitos, que vão se transformando em medidas observadas por meio de instrumentos quantificadores e padrões de imagens registrados, sob análises estatísticas. Assim, essa parcela das ações preventivas atualmente empregadas não tem integrado-se ao universo do paciente de modo a permiti-lo possibilidade de crescimento, ação ou responsabilização em relação a si mesmo, seus próximos e seus problemas de saúde.

A importância de focalizar mais ações preventivas e menos ações curativas foi tratada.

A gente tem que aprender é (...) **se libertar da necessidade do remédio**. Ao invés da gente procurar tar aprendendo: “ah, remédio é bom pra isso, pra aquilo”, buscar coisas naturais, aprender a (...) prevenir a doença. Entendeu? A evitar ela. (...) **A gente tem que tá buscano para manter a saúde. Não buscano pra tá curano a doença**. Ou o vício no remédio, seja ele como for...

Cleci, 11/02/2006

Tendo-se isso em vista, passamos à reflexões sobre “remédios do mato” e “remédios de farmácia”.

**4.4.2 “Remédios do mato” x “remédios de farmácia”:** “Olha, nós somos seres, entendeu, complexo”.

O uso de plantas medicinais foi contraposto ao uso dos medicamentos industrializados. Os/as assentados/as, apesar de demonstrar resistência ao uso de medicamentos industrializados, utilizam esse recurso por não saber como evitar tal necessidade. Faz-se necessário nesse ponto tecer alguns comentários sobre a dicotomia colocada entre “remédios do mato” ou “de farmácia”. Ao fazer uma oposição entre esses recursos, é importante não ser ingênuo e limitar o tecnicismo que governa atualmente a vida das pessoas aos medicamentos industriais. Olhando-se sob um prisma sócio-político-econômico, há uma zona nebulosa onde não é possível fazer diferenciação entre a utilização de medicamentos fitoterápicos e industriais. Os fitoterápicos podem ser empregados na mesmalógica que os medicamentos industriais, mesmo quando não são beneficiados por indústrias farmacêuticas. Igualmente, os medicamentos da farmácia podem ser empregados como instrumento de libertação e mudança (RODRIGUES, 2003), gerando autonomia para aqueles que os utilizam.

Os/as assentados/as tem uma visão de saúde integral, e para conquistar sua saúde dão grande valor ao aproveitamento de seus recursos naturais. A fala a seguir, da assentada Raquel, apesar de ser um pouco longa, foi aqui incluída por inteiro, visto que sintetiza o debate de maneira singular (e impressionante)! Dispensa apresentações...

Eu tava pensando aqui a respeito (...) da comparação entre os remédio de farmácia e os remédio do mato. Eu fico me perguntando o seguinte: Que... A gente, **no momento em que a gente tenta (...) voltar, fazer o uso mais regular das chamadas plantas medicinais (...) acontece uma mudança de mentalidade. Por que? Olha, hoje a gente vive numa cultura do imediatismo.** Nós queremos encontrar remédio próprio [pra tudo]: me dá isso aí, eu quero isso, agora a coisa mais interessante: a partir do momento que a gente cultiva a planta, aí que tá a questão da cultura em si. (...) **Na hora que você cultiva, (...) você tá trabalhando não só a questão assim da cultura, do cultivo da planta, mas você tá trabalhando toda uma nova visão de cultura. Que você vai tratar de você, olha só que interessante.** Então pelo menos é assim que eu vejo, né? Quando a gente trabalha com as plantas... (...) Primeiro, **só o fato da pessoa se dedicar ao cultivo, ela acaba fazendo uma terapia.** É uma forma de não só ocupar o tempo. Mas... Olha só: (...) **eu falo isso de prática, não é isso de verdade científica não, eu tô falando de prática.** Então presta atenção, quando a gente tá plantando, que a gente começa a (...) observar, **cê começa a tratar da planta, olha, você tá... Você tá criando uma relação com a terra, entendeu, naquele momento, e que na verdade é uma relação do homem com ele mesmo.** A gente começa a cultivar, então no momento que a gente sente alguma dor – eu posso até assim, meio divagando, né? – você sente, você busca, ali, aquela planta pra combater aquele problema seu – olha só – **na verdade o que a gente tem – um estreitamento da relação do homem . Do homem com a terra,** e aí quê que isso faz? A gente acaba seguindo a terapia, a gente acaba é (...) mudando a cultura da gente, **a primeira dor que a gente tem a gente não corre pro meio da farmácia,** a gente num corre, é muito fácil. Eu sei que dipirona, eu vou lá e compro (...) toma 30 gotas e fico trincano. (...) **Olha, nós somos seres, entendeu, complexo. A minha dor de cabeça ela não pode ser combatida única e exclusivamente como uma dor de cabeça.** Ela tem que ser revista: essa dor de cabeça é de quê? Onde é que tá? Ou o quê tá acontecendo no meu corpo que ele não está em harmonia? Eu tô sintino essa dor... Onde é que tá sendo (...) que ele tá em desarmonia? Então a gente acaba – com essa questão do imediatismo – eu acabo com a dor de cabeça e tá tudo bem. Não está tudo bem não! Essa dor de cabeça ela foi ocasionada por alguma coisa. Então quando a gente chega ao médico e que ele diz: [faz uma voz afetada] Pois não? A senhora tá sentindo quê? [volta pra sua voz normal] Toda lá a sintomatologia. [retoma a voz afetada] Quê que a senhora tá sentindo? [voz normal] Tô sentindo uma dor aqui e acolá. [voz afetada] Esse remédio vai curá a senhora. [voz normal, em tom de indignação] Não, mas péra aí! Pór quê eu tô sentindo aquela dor? De onde que veio aquela dor? O quê que não tá em harmonia no meu corpo? **Doutor, péra aí. (...) A questão da saúde vai muito além do que... A questão curativa.** Né? Então se tá (...) havendo uma desarmonia espiritual, tá refletindo aqui no meu ânimo, vão ver o quê que tá acontecendo ali. Então, a questão crucial: é uma série de fatores, então assim – **a complexidade do homem ela é muita. Então eu acho que a questão da planta em si ela ajuda também a retomar o homem como um todo. (...) A resgatar, entendeu? Essa integridade do homem como um ser total, um ser assim, espiritual, um ser físico, e etc.**

Raquel, 11/02/2006

Alguns relataram experiências ruins que tiveram com os medicamentos industrializados.

Eu, por experiência própria, **o remédio de farmácia, eu (...) já conheço as desvantagem muito grande de usar ele porque eu já usei muito e tive muitas desvantagem.** Porque foi assim: apareceu uma doença, (...) lupus. Através dessa doença, (...) eu tive que tomá um antibiótico chamado cloroquina. **Mas aí através d'eu tomar muito tempo esse tal de cloroquina e um tal de predlisona qual foi a desvantagem que eu tive na outra parte do meu corpo? As minhas vistas. Quase que eu fiquei cega.** Inclusive, a médica que fez exame de vista eu tava só com 10% de visão já. Eu tinha que parar de tomar o cloroquina. Mas (...) eu disse que aí eu

ficava com as enfermidades, se eu parasse de tomar o remédio. (...) Eu descobri que existe essa cloroquina aqui no mato. (...) A cloroquina é extraída da quina. Quando eu achei a quina, (...) passei a beber. Dessa outra enfermidade [lupus], eu fui fazer inzame, a médica falou que ela tá baixíssima, não existe mais. “O que eu tava tomando que as vista tamém tava normal?” (...) **A desvantagem dos remédio da farmácia é esse. Porque... Pode curar uma coisa e causar outra pior, né? Foi essa a desvantagem que eu achei.**

Maria de Lourdes, 11/02/2006

Uma vez, (...) os médico passou pra mim um tanto de remédio misturado. Sabe, que aquilo me deu uma coisa! Eu fui parar lá no [hospital], fiquei uma noite e um dia. (...) Sem ver nada, fiquei por morta memo, sabe? De remédio, o remédio me dropô toda. (...) O médico (...) diz que eu jorrei assim de uma vez, mas lá ia morrendo afogada com aquele fedor daquele remédio. Aquele remédio... Eu... **O remédio tinha virado veneno tudo ni mim.** (...) Quando eu rotei assim, Ana, eu caí, eu (...) vomitei foi aquela massaiada tudo do remédio. Sabe? Eu lá ia morrendo sufocada com aquele (...) remédio.

Izabel, 27/09/2006

**E todo mundo [falava] pra levar [meu filho] no médico, tomar amoxicilina. Aí até chegar o própolis. Tomou o própolis, durante 6 meses (...) e aí sarou a infecção. Mas aí [já tinha ficado] com os dois ouvidos perfurados.** O médico falou assim que tem que fazer cirurgia. [Tivemos] que esperar ele ficar com 8 anos de idade. Com 8 anos, eu levei ele de novo. (...) Até hoje, ele já tá com 11 anos e eu não consegui fazer essa cirurgia. A semana passada o médico pediu pra marcar o dia e o horário que ele ia operar. Aí me ligaram que (...) tava marcado, pra mim comparecer no hospital. Cheguei lá, (...) o aparelho tava quebrado né, ele falou: “não, só chamei a senhora aqui só pra (...) falar que o nome dele tava errado aqui. (...) A senhora vai continuar esperando”. Aí eu saí do hospital, encontrei com um senhor que ele trabalha só com ervas, (...) com chás medicinais. Aí eu contei pra ele que eu tinha saído daqui [de Nova União], que eu tinha ido lá em Betim... (...) **Aí ele falou assim: “olha, se (...) cê tivesse me falado desse problema a mais tempo atrás, eu tinha te passado um remédio de plantas medicinais, entendeu? (...) la dar o remédio pra ele que ele não ia precisar operar, não ia precisar passar por cirurgia”.** Então, gente, eu gostaria de tar tendo um crescimento de como usar mesmo. (...) Aprender como usar...

Narli, 11/02/2006

Embasados em suas experiências pessoais, os/as assentados/as refletiram sobre efeitos colaterais e dependência química de medicamentos industrializados.

Porque eu falo por experiência própria minha, Ana. (...) Por eu tomar muito remédio, com muita química... Tomar muito antibiótico, que tem muita química, muita droga, né? (...) Esses remédio tranqüilizante. (...) Eu já tomei muito diazepam... Até outro remédio, nem sei o nome... Isso aí é uma das pior droga. **Às vezes as pessoas fala assim: fulano é drogado. Mas eu tamém, que tava tomando, usava esses tipo de remédio, tamém era uma drogada, né?** (...) Aí isso aí acabou prejudicando o quê na minha vida? **Sarava uma coisa, e prejudicava outra.** As minhas vista ficou prejudicada por causa de química de remédio, que eu tomava um remédio chamado Cloroquina. (...) Esse remédio, graças a Deus eu não tomo mais... (...) Os meus dentes, né, prejudicou demais... **E eu creio assim: a gente tentar recuperar o uso das plantas medicinais.** (...) Que os antibióticos eu me alembro que estragou os meus

dentos foi tanto tomar antibiótico. Meus osso ficou muito fraco. Dói, às vezes, por conta disso, sabe?

Maria de Lourdes, 26/10/2006

Outro ponto negativo levantado sobre esse tipo de medicamento foi o interesse das indústrias farmacêuticas em vender.

**A gente tem que tá pegando a confiança nos remédio natural. Por que automaticamente, quê que eles fizeram? Eles fizeram alienação no consumismo:** a gente não confia em remédio natural, então quê que acontece? (...) A dependência de tá (...) comprando remédio químico...

Salgadinho, 11/02/2006

Outra coisa que eu acho (...) desvantagem (...) do remédio da farmácia, é o seguinte: eu não sei se vocês lembram dum antibiótico, (...) não me vem o nome dele agora. (...) Ele tinha um nome bem pequenininho, assim. Ele estava assim no auge. De repente, ele começou a ser proibido. (...) Aí o médico me receitou e não tive dinheiro pra comprar porque ele era caríssimo. Vioxx! É o Vioxx. (...) Tempos depois, eu vi a reportagem: ele havia sido proibido. Então essa questão, dos efeitos colaterais, essa questão da indústria, essa questão da (...) saúde. (...) Hoje, por exemplo, **fazem todos os testes, tá tudo bem, e de repente começa aquele reboiço em torno daquele medicamento.** (...) Aí o Viagra, quando saiu, foi um auê. Aí descobre que morre não sei quantas pessoas por causa da (...) questão da hipertensão, da questão da congestão ali, etc. e tal. Então, o seguinte: **a coisa do modismo ela é muito sério porque ela atende a um apelo econômico, né? (...) Tem que tomar muito cuidado (...) [com] a questão do remédio produzido em laboratório,** o remédio da farmácia.

Raquel, 11/02/2006

As vantagens dos remédios do mato, sempre eles leva vantagem. Em vários aspectos. (...) Sabendo colocar o remédio nas dosagem certa, esse tipo de coisa. (...) Para as suas (...) vitalidade, (...) ele faz muito mais efeito, às veiz, que o remédio da farmácia. (...) **O produto químico traz um valor de condição de comércio (...) pra farmácia.**

Seu Vantil, 11/02/2006

Foi unânime o relato da preferência por utilizar os “remédio do mato”, em detrimento dos “remédios da farmácia”.

O problema dele tá assim: o dia que ele toma remédio de farmácia ele (...) passa mal o tempo todo. Se ele toma a foia da capeba é milhó. **E ele não tá querendo ficar sem a foia da capeba mais. Só ela que resolve o problema dele. E o remédio de farmácia não.**

Maria das Dores, 11/02/2006

Eu já ouvi muito senhoras falar que (...) se tomá chá de foia de **laranja-da-terra é muito bom pra poder combater a menopausa. Ao invés das pessoas ficar usando... Esses reposição hormonal, né?**

Cida, 11/02/2006

Sobre a folha de amora, né? É, aquilo é bom sim. Pra repô os hormônio. (...) Inclusive, eu tô com 45 anos, eu andei sentino umas coisa estranha aí (...) de dor nas costa, dor nas perna. (...) Peguei (...), fiz e tomei. E foi muito bom. Até hoje eu nunca mais... **Eu não preciso de tomar hormônio de remédio de farmácia não.**

Maria de Lourdes, 11/02/2006

No entanto, alguns problemas quanto ao uso dos fitoterápicos foram levantados. Os principais são a dificuldade de se saber como preparar os medicamentos e a dose correta a ser utilizada.

Então assim, **muita responsabilidade também pela ministração.** A Ana falou bem essa questão de (...) efeito. Não é simplesmente ir lá, arrancar a erva e beber. A gente tem que conhecer porque, (...) por exemplo, tem plantas que (...) acabam causando hipertensão. Alguém já tem hipertensão, tem que tomar cuidado se vai beber. (...) **Se tem efeitos bons, tem coisas boas, mas a gente tem que saber como usar essa planta, então usar com responsabilidade.**

Raquel, 11/02/2006

É lógico que todo remédio tem sua química mas... Remédio natural, a química dele é bem mais natural. Remédio químico, que é feito em laboratório, ele tem química maior. Então, nós tem que despertá a cunfiança de tá tomando remédio natural. (...) **Muitas pessoas (...) qué tomá logo uma jaca pensando que num vai ser demais. Não, não é assim. Então quê que acontece? Além de não fazer efeito, ainda vai fazer mais mal, mais danos físicos pra essa pessoa.**

Salgadinho, 11/02/2006

A primeira coisa, a gente tem que se libertar do remédio de farmácia. Agora, a gente também tem que saber (...) a desvantagem. (...) **A gente tem que saber que dosagem certa a gente tem que usar do remédio nosso, quer dizer, a cultura, os antepassado, os índio, essas coisa.** Aí, aí nós caímos em contradições. (...) Supor: a carqueja. Será que precisa pegar um pedaço desse tamanho [estica os braços] pra cozinhar, a carqueja? (...) Sei que a carqueja é boa pra uma série de coisas. E aí talvez um pedacinho assim [mostra o espaço entre o dedo polegar e o indicador da mesma mão] faz bem pra tudo aquilo. (...) Talvez aquele remédio que eu tomei em excesso não vai adiantar nada pra mim, vai virar pior ainda.

Ronaldo, 11/02/2006

**Minha mãe quase matou nós, com mata-pasto, que ela passou na minha cabeça...** Menina, eu não sei da onde, Ana, eu peguei tanto aqueles [piolho], aquele punhado, que minha cabeça encheu assim que num podia nem pentiar. Eu peguei aquele punhado daquele trem, falei ô mãe, isso aqui é remédio, ó, pra isso. Faz e passa na minha cabeça. **Minha mãe fez e passou na minha cabeça, o trem foi muito forte, eu lá ia morrendo!** (...) É, eles é remédio mesmo, mas só que ela pôs demais, tinha que pôr pouquinho. (...) **A gente sabe que é remédio, mas num pode usar muito. A gente tem que usar é... Pouquinho. Se usar muito (...) vira veneno, uai.**

Izabel, 27/09/2006

O uso de nome de medicamentos industrializados para chamar plantas gera confusão, provocando críticas equivocadas sobre a indústria farmacêutica. Fizeram-se necessários esclarecimentos sobre o tema.

...Então pega uma planta de novalgina, por exemplo, faz um extrato de novalgina e faz é... Não sei quantos mil litros de novalgina e vende a um real, mas vende milhares e milhões daquela mesma planta, uma planta só. (...) O mesmo remédio que ele tem no fundo do quintal.

Toninho, 11/02/2006

Outra dificuldade relatada pelos assentados são os modismos e mitos que cercam a questão do uso das plantas.

O que os grandes laboratórios estão querendo fazer é justamente isso: é abarcar esse filão aí pro mercado, essa gama aí, né, de oportunidade que tá teno, que o povo tá bebendo mesmo remédio a rodo. E se falar que o chá, **se falar a coisa assim: cê ferve fezes de cachorro, que vai emagrecer, o pessoal cozinha e toma mesmo, não querem nem saber se vai causar algum efeito ou não.**

Raquel, 11/02/2006

Nessa época, assim, foi tão divulgada (...) essa planta confrei, que todos os lugares que você chegava, era em apartamento, era em qualquer casa, eles não tinham lugar pra plantar nada mas eles tinham um vasinho de confrei em cima da mesa. **Todo mundo tinha. Aí rapidinho saiu esse negócio, o confrei fazia mal, e com isso o confrei sumiu** e hoje em dia... Poucos, (...) tem o confrei em casa.

Narli, 11/02/2006

Mas apesar desses obstáculos a serem superados, a vontade de saber utilizar os “remédios do mato” foi continuamente relatada pelos/as assentados/as.

Primeira coisa que a gente tem que colocar aqui, no aspecto político, que a gente tem que se libertar de ser consumidor desses remédio de farmácia que tá no serviço do sistema do capital. Capitalista. Segundo aspecto: **a gente quer usufruir do bem da natureza que nós estamos aqui vivendo em nossa volta. Agora, só tem que saber como que usufruir desse bem que está em nossa volta aqui.**

Ronaldo, 11/02/2006

Querendo-se usufruir dos bens naturais da melhor maneira possível, o trabalho no *Ho Chi Minh* continua após a defesa dessa Dissertação...

## 5 PERSPECTIVAS

**Mas nós chega lá.**

João Bagaço, 29/05/2006

E eu tenho certeza que **isso aqui vai crescer muito.**

Ronaldo, 20/05/2006

Mas assim, Ana, a sua presença, a sua chegada, também foi muito bom. Mudou muita coisa, **a gente aprendeu muita coisa, vai aprendeno mais ainda, né?**

Maria de Lourdes, 26/10/2006

**Então, tá começano agora. (...) Vamo imaginar que hoje nós tão plantando uma semente. E essa semente vai crescer. Aí depois assim, por etapa, que ela for crescendo, aí sim a gente vai pensar e vai levando pra outros lugares. (...)** Vão hoje pra nós poder encaminhar as coisa, (...) pensar nesse grupo hoje assim, vamo pensar que nós ta ali na horta ali plantano uma semente de... (...) De uma roseira! (...) Que essa muda vai crescer, (...) ela vai dar (...) folhas, depois ela vai dar flores, **e depois ela vai dar frutos também**, que roseira também dá frutos.

Narli, 16/08/2006

Na pesquisa-ação as reflexões geram novas idéias para ação, e a pesquisa não necessariamente acaba. O seu processo continua indefinidamente, uma vez que foi dado o “pontapé inicial”. Muitos frutos surgiram e surgirão da presente pesquisa.

Hare (1962) diz que as pessoas tendem a lembrar mais as tarefas que estão incompletas do que aquelas já terminadas. Sem querer enfatizar o que ainda está “incompleto”, em andamento, é importante incluir esse capítulo de perspectivas principalmente devido ao tempo curto para realização de uma pesquisa nos moldes propostos, ou seja, com participação real do povo. A pesquisadora continuará, mesmo após a defesa dessa Dissertação, contribuindo com o desenvolvimento do trabalho no *Ho Chi Minh*.

## 5.1 Implantação da Sala de Preparo de Fitoterápicos e do horto medicinal



De cima para baixo:  
Manjericao e Capeba

**Tem que preparar assim um lugar pra nós já começá a fazer os remédio.** (...) Porque na verdade já tem muitas plantas aqui que dá pra preparar remédio. Porque ó procê vê. (...) Tem um manjericao, (...), ele tá com pé desse tamanho. Uma coisa mais linda aquelas folhona. (...) Tem hortelãzinho então, tem hortelã roxo, tem aquele outro negocio que fala que é novalgina. Tem (...) um monte de negócio aí. Já tá bom de usar. Pra fazer... Essa bicha aí, capeba. A Ana tem a receita da capeba, o tanto de remédio que da pra fazer da capeba assim. Carqueja. Muita carqueja aqui nois pode juntar na mão mesmo. Aquele... Chapéu-de-couro. Nossa, que tem na fazenda nossa ali (...) no baú. Naquele brejo do baú ali tem muito.

Maria de Lourdes, 31/07/2006

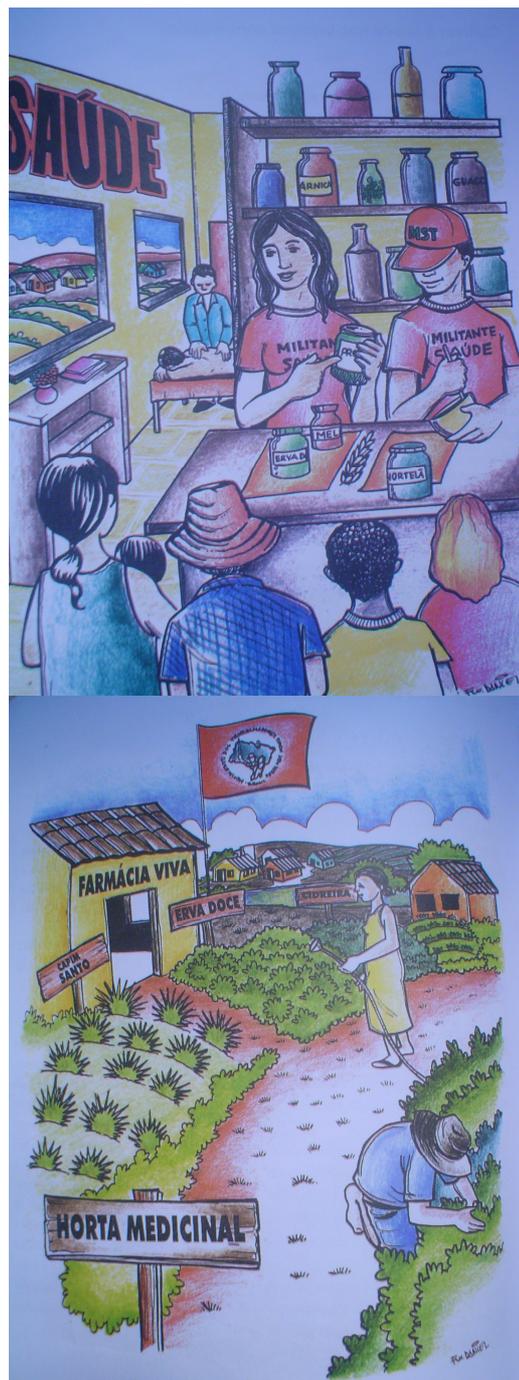
A PNPMF promove a inclusão da agricultura familiar nas cadeias e nos arranjos produtivos das plantas medicinais, insumos e fitoterápicos, estimulando o uso sustentável da biodiversidade nacional e também apoiando iniciativas comunitárias para a organização e o reconhecimento do conhecimento popular. Apesar da PNPMF ser um incentivo ao mercado interno de plantas medicinais (MAPA, 2006) e ter como uma de suas estratégias a disseminação de boas práticas de preparação de remédios caseiros, ainda não há legislação para as farmácias de fitoterápicos populares (BRASIL, 2006), e aqueles que se aventuram nessa empreitada passam por muitas dificuldades por não saber como são as condições adequadas para tal. Mesmo quando se deseja cumprir as normas, estas (ainda) inexistem.

A Sala de Preparo de Fitoterápicos será utilizada tanto para secagem de plantas quanto para preparo de medicamentos. Esses recursos serão de uso gratuito para a comunidade e de venda externa, para gerar renda para o assentamento. As plantas continuarão sendo secas, fragmentadas, embaladas e comercializadas. Travesseiros aromáticos serão também preparados, colocando-se plantas dentro de almofadinhas de pano. O trabalho que segue à coleta (secagem, armazenagem, fragmentação, beneficiamento, costura e embalagem) será realizado pelo mesmo grupo. Novas famílias poderão integrar-se ao projeto. Pretende-se inserir esses produtos no mercado mineiro,

especialmente na Loja da Reforma Agrária do MST, que no momento está localizada no SITRAEMG.

A Sala de Preparo de Fitoterápicos localizar-se-á no galpão da agroindústria de beneficiamento de cana-de-açúcar, próximo à horta de dois núcleos de base do assentamento, pois assim os/as trabalhadores/as aglutinar-se-ão, tendo em vista a formação futura de uma cooperativa no local que costurará todos esses três projetos (plantas medicinais, produtos da cana e produtos de horta) em um único. Essa cooperativa será gerida de forma igualitária pelos assentados que a comporem. Outros/as assentados/as serão envolvidos na adequação da sala, em trabalhos de marcenaria e construção, necessários para garantir a qualidade dos produtos.

Joyeux (1975) se perguntava: “Os trabalhadores realmente desejam gerir os instrumentos de produção e de troca? Se se lhes der à escolha entre a gestão indireta por intermédio do Estado e a gestão direta com todas as responsabilidades que pressupõe e a obrigação de assumir tanto os êxitos quanto os insucessos, escolherão essa última?” E respondia: “Talvez. Porém mais pelo lucro e pela possibilidade de se realizar no trabalho do que pela compreensão da necessidade de uma gestão igualitária”.



Setor Nacional de Saúde (2000)

Os marxistas, muitas vezes como um meio de promoverem suas teorias, têm “ornamentado as massas com todas as virtudes”. Mas sabemos que os homens chamados a gerir suas cooperativas não serão subitamente tocados pela graça, e nem, nas palavras de Joyeux, “transformados pela varinha mágica da fada revolucionária em indivíduos de elevada consciência”. Serão homens à imagem daqueles que conhecemos hoje, com suas qualidades e defeitos, sua grandeza e mesquinhez, e com uma compreensão freqüentemente contraditória de seus interesses particulares. É um desafio do MST a conscientização dos/as trabalhadores/as para o estabelecimento de suas cooperativas.

O uso comunitário de recursos naturais, o uso de equipamentos produtivos indivisíveis ou a aplicação de recursos financeiros coletivos para atividades comuns aos assentados e assentadas que os organize em torno desse investimento tem sido induzido pelo MST. A cooperação produtiva é elemento chave na estratégia do Movimento, pois poderá contribuir na criação de condições materiais e sociais para a melhoria de vida das famílias assentadas. A participação e a convivência são estratégicos também para a formação dos/as trabalhadores/as (SPCMA, 2006b; ALBUQUERQUE *et al.*, 2004).

O assentamento *Ho Chi Minh* também tem a seu favor o fato de que é o assentamento mais próximo à capital do estado, Belo Horizonte. A produção agropecuária ligada a agroindústrias, contando com a presença de mercados específicos, tende a se beneficiar dessa localização estratégica, conseguindo inserir-se nas cadeias produtivas (ALBUQUERQUE *et al.*, 2004). Os produtos chegam a menor custo para o mercado consumidor, o que muitas vezes é fator imprescindível para a viabilização da produção.

É interessante ressaltar que o trabalho com produtos agrícolas ou correlatos (como as plantas medicinais) e a produção dos itens dos quais os/as assentados/as necessitam é igualmente um elemento para a estruturação do novo tipo de assentamentos que se tem pensado dentro do Setor de Produção, Cooperação e Meio Ambiente do MST. Essas estratégias visam a sustentabilidade das áreas (SPCMA, 2006b).

Até o fim do ano de 2007, estarão sendo também coletadas plantas cultivadas em horto, que começará a ser implantado quando a Sala de Preparo de Fitoterápicos estiver funcionando.

E teno a Ana lá fora, com o grupo TERRAS, vai aprendeno muito mais coisa e vai trazer pra ensinar pra gente, a gente vai formar esse horto, com fé em Deus, né? (...) Já tem o início. (...) Porque se tem aí um grupo de cinco, seis pessoas que queira a gente pode ter certeza que os outros se inclui depois. Nunca desanimar.

Marilene, 16/07/2006

Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2006), as plantas medicinais podem representar um componente importante no processo produtivo de agricultores familiares, pois têm um baixo custo de produção e rendimentos por área relativamente elevados. Além disso, essa é uma atividade pouco mecanizada e geradora de oportunidades de trabalho que podem ser planejadas e distribuídas ao longo do ano. Os dados do MAPA confirmam também o crescimento do mercado mundial de plantas medicinais.

## **5.2 Aquisição de mais recursos**

Serão oferecidas Oficinas de Preparo de Fitoterápicos nos moldes daquela realizada no SITRAEMG em outros sindicatos. O recurso arrecadado será novamente investido no *Ho Chi Minh*, assim como o material que sobrar. O mesmo arranjo será feito para dar oportunidade a outros assentamentos e acampamentos.

## **5.3 Oficina de Preparo de Fitoterápicos no *Ho Chi Minh***

É clara a necessidade de informação sobre dose e toxicidade de plantas medicinais, preparo de medicamentos, assim como de esclarecimentos quanto à química das plantas. Os/as assentados/as sempre levantaram esse tipo de informação, esclarecendo dúvidas e trocando idéias com a pesquisadora em diversos momentos dessa pesquisa. Porém, é necessário trabalhar esse tema com mais profundidade e com mais pessoas, e isso precisa ser feito no próprio assentamento.

Será realizada no *Ho Chi Minh*, em parceria com Fernando Vieira e Aparecida de Arruda do Ervanário São Francisco de Assis, uma Oficina de Preparo de Fitoterápicos. Nessa oficina, aqueles/as assentados/as que não tiveram a chance de participar do curso no SITRAEMG poderão se formar sobre a preparação dos fitoterápicos. Esse curso será mais voltado para a realidade do assentamento, e serão trabalhados medicamentos que tenham como ingredientes as plantas existentes no local.

Virão participar dessa Oficina acampados/as e assentados/as de outras áreas, que serão convidados pela Brigada Iara Iavelberg. Os pequenos agricultores da região serão igualmente convidados para participar, a pedido de assentados/as. O assentamento *Ho Chi Minh*, diferentemente de diversas outras áreas da reforma agrária, tem uma integração tranqüila e solidária com a vizinhança. Esse problema de convívio com a vizinhança, aos olhos de assentados/as do MST, normalmente deve-se a preconceitos quanto ao Movimento, alimentados pela mídia (ALBUQUERQUE *et al.*, 2004).

#### **5.4 Caminhada para reconhecimento de outras espécies de plantas medicinais do *Ho Chi Minh***

Será organizada uma nova caminhada para reconhecimento de plantas medicinais do assentamento, onde Fernando e Aparecida do Ervanário São Francisco de Assis e outros parceiros contribuirão para que se identifique um maior número de plantas na área. Nessa atividade, assentados/as e acampados/as de outras áreas serão convidados.

#### **5.5 Atenção à Saúde no Campo: Contribuições da Educação Popular**

Desde o início da pesquisa, pensava-se em aplicar a metodologia desta tanto a outras áreas de reforma agrária quanto a comunidades urbanas. Já era claro que essa deveria ser adaptada aos contextos regionais, e nunca copiada e transposta. Até mesmo entre as famílias Sem Terra brasileiras há um amplo espectro de realidades sociais, econômicas e culturais (SPCMA, 2006). A compreensão de elementos trazidos à tona por essa pesquisa serão considerados na construção de novas experiências semelhantes. Uma dessas

será o Projeto “Atenção à Saúde no Campo: Contribuições da Educação Popular”.

Os/as assentados/as sempre deixaram claro o seu desejo de levar as informações e o bem-estar gerado por essa pesquisa-ação a outras áreas do MST, de acampamentos e assentamentos, e mesmo a áreas urbanas.

**E a gente tem que colocar em prática. Mas não só aqui. A gente quer outras alternativas, em outros acampamentos.** Não só em acampamentos, mas na sociedade civil também, (...) a gente fazê uma grande troca de experiência.

Ronaldo, 11/02/2006

Fica como exemplo, **que a gente implementando esse projeto aqui não serve só pra gente, não, serve pra muitas pessoas lá fora.** (...) **Não só a gente que tá aqui na roça aqui aprender, mas também como a gente vai passar isso pro pessoal que tá lá na cidade. Então não adianta só a gente aqui viver bem,** mas... Os nossos companheiros da cidade tá vivendo daquela forma que tão, no meio da poluição. (...) Os medicamentos que só (...) causam efeitos colaterais, causando (...) até mesmo outros tipos de doenças.

Edson, 11/02/2006

**Na verdade, o Movimento (...) tem uma visão na área da saúde de tá (...) beneficiando (...) não só os camponeses, mas também tá beneficiando o povo da cidade. (...) E nós também, camponeses fica também juntando (...) com os estudante aí e... Tem um pouco a visão, né?**

Salgadinho, 11/02/2006

Quando a gente começar a trabalhar nessa área assim, que a gente (...) vai montar uma associação do *Ho Chi Minh*. **Mas que vai beneficiar todas as áreas. (...) A gente vai ter mais área pra fazer nossa discussão (...), e também que vai tar passando nas áreas mostrando os produtos. (...) E aprendendo com o que eles faz também.** Com certeza nas outras áreas tem necessidade de horta, de outras [coisas]...

Maria do Carmo, 31/07/2006

Havia uma falta de experiências que pudessem servir como referência para as ações do MST no campo da saúde (SETOR ESTADUAL DE SAÚDE, 2007). Além disso, sempre houve uma crítica dos/as assentados/as sobre a falta de uma metodologia para o desenvolvimento do Setor de Saúde.

É, porque **eu sempre falei que faltava método**, às vezes, pro Setor de Saúde.

Ronaldo, 12/06/2006

A falta de formação dos militantes da saúde deixa o setor inerte, impedindo sua contribuição efetiva nos assentamentos e acampamentos (SETOR ESTADUAL DE SAÚDE, 2007).

Para contribuir com essas questões, inspirando-se na presente pesquisa-ação, foi elaborado um projeto de Atenção à Saúde do Campo, que trabalhará com Educação Popular. Esse projeto foi construído pela pesquisadora junto com Bianca Rückert (farmacêutica, trabalha na Secretaria Estadual do MST), Bernardo Vaz (enfermeiro, compõe as coordenações estadual e nacional do Setor de Saúde do MST) e o professor do Departamento de Farmácia Social da Faculdade de Farmácia da UFMG Dr. Gil Sevalho. Outros membros do MST irão contribuir, como Ana (Setor de Cultura da Brigada Iara Lavelberg), Amarildo (Setor de Educação da Brigada Iara Lavelberg), Wânia e Marili (ambas compõe as coordenações estadual e nacional do Setor de Saúde). A proposta foi submetida a um edital do Fundo Nacional de Saúde.

Ao invés de centralizar o trabalho em uma única área, esse projeto será desenvolvido em 8 áreas de assentamentos e acampamentos no meio rural mineiro, abrangendo outros temas relevantes na área da saúde além dos fitoterápicos. Serão trabalhados 3 pilares: a formação de educadores/as populares em saúde, a participação de trabalhadores/as rurais nas políticas públicas de saúde e o resgate e a socialização do conhecimento popular em saúde.

Esse projeto será desenvolvido nas regiões Vale do Rio Doce e Metropolitana de Belo Horizonte. Cerca de 422 famílias serão beneficiadas, à medida que participem diretamente das atividades de formação ou indiretamente dos seus frutos. As populações próximas às áreas beneficiadas pelo projeto serão também atingidas pela melhoria da atenção à saúde nos serviços locais. O objetivo dessa proposta é contribuir para o cuidado à saúde, através da formação de coletivos de saúde locais (fortalecimento da organicidade) e do fortalecimento de experiências que proporcionem a conquista popular da saúde, visando o desenvolvimento das áreas de reforma agrária.

Serão utilizados vários recursos metodológicos, como o diagnóstico participativo e oficinas de formação.

## 5.6 Entrada da pesquisadora para a Brigada Iara Lavelberg

Uai, boba. (...) Todo mundo já te conhece, todo mundo... Cê num vai dar problema pra ninguém. (...) **Cê já é daqui de nós mesmo.**

Maria de Lourdes, 26/10/2006

No dia 4 de abril de 2007 a pesquisadora foi convidada para integrar o Setor de Saúde da Brigada Iara Lavelberg, que organiza a regional Milton Freitas, englobando 172 famílias acampadas e 104 famílias assentadas na região Metropolitana de Belo Horizonte. Essa tarefa implica em responsabilidade política com a construção da saúde nas áreas onde vivem essas famílias. Compôr a Brigada dá legitimidade para a pesquisadora intervir e contribuir nos assentamentos e acampamentos, evitando problemas como aqueles enfrentados durante a realização da presente pesquisa-ação.

O convite para integrar a Brigada demonstra o bom relacionamento e a valorização da atual pesquisa por membros do MST.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

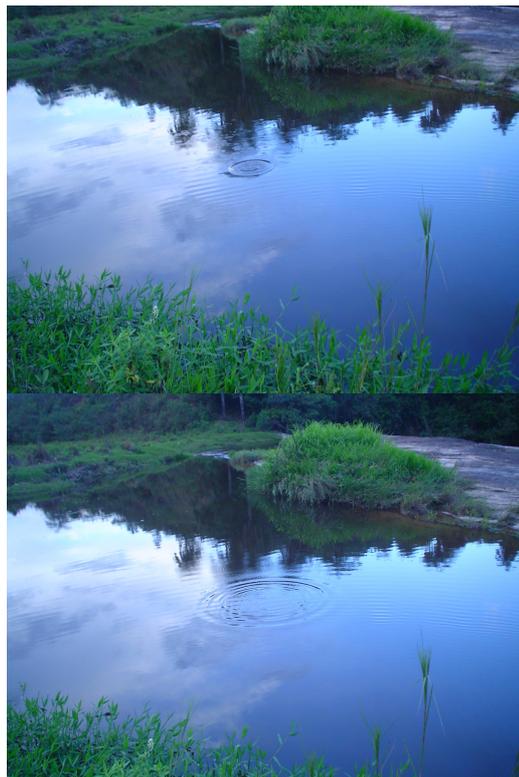
*O homem, como o pintainho, tem que quebrar a casca se se quer evadir da sua prisão original. Tem que quebrar o meio para tornar a evolução irreversível, tem que fazer a revolução social e só sobre as ruínas da sociedade de classes poderá elaborar uma economia de gestão e justifica-la, construindo uma nova moral, que guiará as relações que os homens sujeitos às tarefas coletivas são obrigados a manter entre si.*

Maurice Joyeux (1975)

Nas palavras de Haguette (2003), é difícil e problemática a avaliação da “validade” da pesquisa-ação, uma vez que seus efeitos só aparecem no tempo. Essa pesquisa gerou processos não apenas no assentamento *Ho Chi Minh*, mas em outras áreas de acampamento e assentamento do MST, e mesmo fora do Movimento, por exemplo, no SITRAEMG. Começar uma pesquisa-ação é como jogar uma pedra no Rio Preto, o rio que passa no *Ho Chi Minh*. É possível dizer onde a pedra entrou na água, mas determinar até que oceano suas ondulações chegam é impossível. Serão registradas nessas considerações finais algumas reflexões desencadeadas por essa pesquisa.

As plantas medicinais, assim como as fontes alternativas de energia, ou o pomar artesanal, são técnicas bem mais antigas que a fábrica. Que elas possam renascer hoje sob o nome de tecnologia popular ou alternativa é apenas indício de que há a necessidade de operar uma mudança no sistema social atual. Murray Bookchin (s/d) acreditava que essas técnicas alternativas nos dão hoje, justamente, o contexto possível, e talvez histórico, para uma tal mudança social. Elas permitem que a autogestão seja efetivamente uma realidade viva e concreta, que traz do passado os aspectos mais positivos.

A partir dessa pesquisa, fica fácil perceber a importância do resgate dos saberes populares em saúde, como, por exemplo, o conhecimento sobre as



Rio Preto

plantas medicinais, para a melhoria do nível de saúde do povo brasileiro. A valorização desse recurso pelos/as jovens impede que o conhecimento tradicional continue se perdendo, pois assim eles/as aprenderão com aqueles/as que conhecem esse valioso recurso, principalmente as pessoas mais antigas. A valorização do conhecimento dos/as idosos/as leva também à sua valorização social, desencadeando uma necessária mudança cultural. Segundo Bosi (1994), atualmente a noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes do que do conflito de gerações, uma vez que a sociedade industrial arranca o sentimento de continuidade do trabalho.

É interessante refletir sobre o conceito de saúde, pois ele norteia a prática dos cuidadores e dos cuidados. Na visão onde a saúde é o “completo bem-estar físico, psicossocial e espiritual”, saúde passa a ser um utópico horizonte, algo a nunca ser atingido. Mesmo após belos debates sobre esse conceito com os membros do MST Paulo Ueti, Bianca Rückert e Bernardo Vaz, não conseguimos chegar a um consenso. O aprofundamento nesse ponto gera em mim cada vez mais dúvidas sobre o conceito que seria mais adequado, e continuo nessa busca após a conclusão da presente Dissertação. No meu conceito pessoal de saúde, ainda em formulação – provavelmente mais poético do que científico – incluirá a idéia de que a saúde é um fenômeno muito próximo àquele da felicidade.

Sublinho a necessidade dos Movimentos Sociais aprofundarem-se no resgate do conhecimento popular em saúde. O MST tem feito grande esforço nesse sentido, porém o trabalho referente à saúde no Movimento é secundário quando comparado àquele dedicado à produção. Isso é compreensível, visto que a prioridade da família é ter condições financeiras para a sobrevivência – alimentação, moradia e vestuário. No entanto, trabalhadores/as saudáveis produzem e lutam mais, e não se deve perder de vista a dialogicidade entre os aspectos da vida. A compartimentação construída inicialmente pela organicidade do Movimento tem sido lentamente quebrada, e já há membros do Setor de Produção, Cooperação e Meio Ambiente refletindo sobre saúde e membros do Setor de Saúde refletindo sobre produção.

No Movimento há técnicos (graduados) atuantes na área da produção. Se analogamente houvesse técnicos na área da saúde, poder-se-ia catalisar

esse tipo de discussão com mais facilidade. Diversos estudantes se aproximam do MST a fim de contribuir com esse, em especial aqueles que passam pelos Estágios de Vivência em Áreas de Reforma Agrária. Uma sugestão para o MST é a criação de estágio ou internato não-remunerado (com duração mínima de três meses) para estudantes graduandos ou graduados da área da saúde (e – por que não – de outras áreas igualmente). Durante o estágio, o Movimento dividiria entre as famílias das áreas responsabilidades referentes ao abrigo e à alimentação dos estudantes. A ampliação da relação entre os Movimentos Sociais como o MST e as Universidades promove um crescimento mútuo. Favorece sobremaneira a formação humana dos estudantes universitários (tornando-os profissionais sensíveis à realidade brasileira ou até mesmo comprometidos com o povo) ao mesmo tempo em que favorece a formação técnico-científica dos/as militantes dos Movimentos Sociais. O diálogo faz-se necessário.

Como sonhava Abraham Guillén: “quem sabe um dia as diferenças entre trabalho manual e intelectual poderão ser eliminadas, combinando o trabalho e o estudo, levando a escola até a fábrica ou até a cooperativa agroindustrial? A igualdade da condição intelectual garantiria que a ciência e a técnica fossem desenvolvidas democrática e amplamente, livres de tecnocracias, burguesias e burocracias dirigentes”. Orlando Fals Borda (1988) igualmente sonhava, com novos laboratórios, populares, dispersos pelas cidades e no campo, em fábricas e fazendas, estimulados por seus próprios problemas, com a finalidade de formar técnicos de nível intermediário que fossem orgânicos com as classes trabalhadoras e suas organizações. O Coletivo TERRAS tem buscado meios para facilitar, animar e cultivar esse tipo de sonho. Cultivamos com carinho o diálogo entre o saber formal e o saber popular. Experiências como essas devem ser valorizadas e multiplicadas.

Apesar da origem urbana da comunidade e da influência dos meios de comunicação de massa que orientam a preferência por medicamentos industrializados (mesmo quando esses são feitos de plantas), os/as agentes do assentamento *Ho Chi Minh* preferem resgatar o uso autônomo das plantas medicinais. Reflexões sócio-políticas sobre esse recurso permearam toda essa pesquisa. É muito importante criar-se estratégias para uma atenção à saúde de

caráter “desmedicalizante” e/ou minimizador da medicalização, como aquela dessa pesquisa, inclusive nos próprios serviços da rede básica de saúde. Sobre esse aspecto, Tesser (2006) faz boas sugestões. Uma delas é a eleição do tema da medicalização como objeto de atenção no dia-a-dia, oferecendo possibilidades de movimento em direção à solidariedade e ao auto-serviço, resgatando a autonomia das pessoas.

O poder do saber deve sair do monopólio acadêmico. O saber tradicional pode se transformar em saber orgânico, respeitando a temporalidade dos oprimidos, ao ritmo de sua consciência possível e das condições objetivas de transformação (HAGUETTE, 2003). Um trabalho sobre plantas medicinais executado na área sem a participação de agentes endógenos dificilmente poderia contribuir para a melhoria da situação de saúde e organização das pessoas do assentamento, tendo sido a pesquisa-ação realmente o melhor meio de responder à demanda dessa pesquisa. Não há como uma comunidade apropriar-se de um conhecimento se este não emergir de suas bases. Mesmo que o pesquisador queira fazer uma ciência voltada para as necessidades populares, para o uso das classes oprimidas, destinadas aos problemas evidentes de uma comunidade, ele esbarrará em resistências pessoais e do próprio grupo para realização de suas metas. Mesmo que o grupo entenda as vantagens trazidas pelo projeto, pode não se sentir suficientemente motivado pra lutar por ele (MACIEL, 1999).

Uma difusão em grande escala sobre a ciência crítica far-se-ia útil às atuais instituições, informando os/as pesquisadores/as e os/as aspirantes a pesquisadores/as de que a ciência que praticam traz embutida em si uma ideologia. Há necessidade de se abrir mão da ingenuidade e perceber que a ciência não tem apenas o papel de descrever, mas também o de transformar realidades.

Como disse Wânia, do Setor de Saúde Estadual do MST no I Encontro Terra Livre: “Contribuir para a formação do pessoal é um importante meio para permitir o desenvolvimento do Movimento. Ele não é assim tão bonito quanto parece. Há muita contradição e dificuldade no percurso. É necessário povo organizado para luta de massa. Povo desorganizado é fraco”. Ronaldo, do *Ho Chi Minh*, também falou, sobre essa questão: “Não é fácil trabalhar o ser

humano. (...) Às vezes a gente trabalha seis meses, um ano, ou a vida toda. Porque já tá aglutinado de ser individualista, egoísta, e é difícil mesmo trabalhar a pessoa de uma hora pra outra. E a culpa é dela? Não é. (...) É de quem modelou ela. O sistema capitalista”. Luciano, também do Setor de Saúde Estadual do Movimento, disse que “quem entra no Movimento, espera ser mandado, e não se implica nos processos”. Ampliar e aprofundar a reflexão do povo nas áreas permite que este tenha um perfil diferente, mais consciente, seguro e ativo. Esse é um grande desafio do MST.

E quanto a mim? Após concluir essa pesquisa, estou mais fortalecida e segura como agente de transformação do mundo, pronta para dar os próximos passos.

Carlos Castañeda, antropólogo, passou diversos anos de sua vida aprendendo os conhecimentos do índio Dom Juan, de Sonora, México. Esse índio falou com Castaneda que não importava tanto aonde se chega ao percorrer determinado caminho. O que importava realmente era escolher um caminho com coração, pois assim a caminhada sempre valeria à pena (CASTAÑEDA, 2006). Essa pesquisa foi mais um pequeno passo dentre tantos que são necessários à libertação de todos/as, na direção de uma sociedade mais justa, participativa e igualitária. Caminhemos um pouco mais a cada dia!



Marcha do V Congresso Nacional do MST, Brasília – DF

Já dá pra dar mais um passo... Tem que ir caminhando. (...) Vamos caminhar juntos. Mesmo que a gente caminhe devagar. (...) Como diz o [Toninho], é melhor dar um passo junto do que dar dez sozinho. Então tem que ter paciência.

Ana, 29/05/2006

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**I ENCONTRO TERRA LIVRE:** Saúde como Prática de Liberdade – Relatoria. Minas Gerais, 2005.

**IV CBA** – Congresso Brasileiro de Agroecologia: Construindo Horizontes Sustentáveis. CD contendo os Anais do evento. Horizonte, 2006.

AESCA – Associação Estadual de Cooperativas Agrícolas. **Lista das áreas do MST-MG para banco de dados**, 2007. 10p.

ALBERT, M. **Buscando a autogestão** in ALBERT, M.; CHOMSKY, N.; ORTELLADO, P.; BOOKCHIN, M.; GUILLÉN, A. Autogestão hoje: teorias e práticas contemporâneas. Coletivo Faísca Publicações Libertárias, s/d. 81p.

ALBUQUERQUE, F.J.B.; COELHO, J.A.P.M.; VASCONCELOS, T.C. As políticas públicas e os projetos de assentamento. **Estudos de Psicologia**. v.9 n.1 p. 81-88, 2004.

ALMANAQUE BRASIL SOCIOAMBIENTAL, São Paulo: Takano Editora Gráfica, 2005. 479p.

ALTIERI, M. **Agroecologia:** a dinâmica produtiva da agricultura sustentável, 2ed. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2000. 110p.

ALTIERI, M. **Agroecologia:** as bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro: FASE, 1989. 235p.

ARTE EM MOVIMENTO. **CD do Movimento Sem Terra**. 2002.

BAKUNIN, M.A. **Textos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 1999. 196p.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições, 1985. 280p.

BARROS, J.A.C. **Propaganda de medicamentos: atentado à saúde?** São Paulo: Hucitec: SOBRAVIME, 1995. 222p.

BLAIKIE, P.; BROWN, K.; STOCKING, M.; TANG, L.; DIXON, P.; SILITOE, P. Knowledge in action: local knowledge as a development resource and barriers to its incorporation in natural resource research and development. **Agricultural Systems**. v.55, n.2, p.217-237, 1997.

BOOKCHIN, M. **Autogestão e tecnologias alternativas** in ALBERT, M.; CHOMSKY, N.; ORTELLADO, P.; BOOKCHIN, M.; GUILLÉN, A. **Autogestão hoje: teorias e práticas contemporâneas**. Coletivo Faísca Publicações Libertárias, s/d. 81p.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**, 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BRANDÃO, C.R. **Pesquisar-participar** in BRANDÃO, C.R. (org.) Pesquisa participante, 7<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988. 211p.

BRASIL. Decreto número 5.813, de 22 de junho de 2006. Aprova a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e dá outras providências. Disponível em <<http://www.fiocruz.br/far/media/Decreto%205813.pdf>>. Acesso em maio de 2007.

CAMERON, J.; GIBSON, K. Participatory action research in a poststructuralist vein. **Geoforum**. v.36, p.315-331, 2005.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente**. São Paulo: Cultrix, 1989. 445p.

CARNEIRO, F.F. **A saúde no campo: das políticas oficiais à experiência do MST e de famílias “bóias-frias” em Unaí, Minas Gerais**, 2005. Tese apresentada à Escola de Veterinária da UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 143p.

**CARTA DE TRANSDISCIPLINARIDADE**. Adotada no 1<sup>o</sup> Congresso Mundial da Transdisciplinaridade. Portugal, 1994. 2p.

CASTANEDA, C. **A Erva do Diabo**, 31<sup>a</sup> ed. Editora Nova Era, 2006. 319p.

COLETIVO NACIONAL DE SAÚDE do MST. **Caderno de Saúde n.1: Lutar por saúde é lutar pela vida**, 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Gráfica e Editora Peres, 2000a. 16p.

COLETIVO NACIONAL DE SAÚDE do MST. **Caderno de Saúde n.4**: Cultivo de Plantas Medicinais. São Paulo: s/ed, 2000b. 47p.

COLETIVO NACIONAL DE SAÚDE do MST. **Relatos das Experiências em Saúde – MST**. Brasil: Maxprint Editora e Gráfica LTDA, 2005. 43p.

COMPARATO, B.K. A ação política do MST. **São Paulo em perspectiva**. v.15, n.4, p.105-18, 2001.

COMSTOCK, D.E. **A method for critical research** in BREDO, E.; FEINBERG (Eds) Knowledge and values in social and educational research. Philadelphia: Temple University Press, 1982. p.370-390.

COSTA, T.; STOTZ, E.N.; GRZYNSZPAN, D.; SOUZA, M.C.B. Naturalização e medicalização do corpo feminino: o controle social por meio da reprodução. **Interface: Comunicação, Saúde e Educação**. v.10, n.20, p.363-80, 2006.

DARCY DE OLIVEIRA, R.; DARCY DE OLIVEIRA, M. **Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la** in BRANDÃO, C.R. Pesquisa participante, 7<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988. 211p.

DEAN, W. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DEMO, P. **Pesquisa participante**: saber pensar e intervir juntos. Brasília: Liber Livro Editora, 2004. 140p.

DEMPSEY, P.A.; DEMPSEY, A.D. **Qualitative research methods** in Using nursing research: process, critical evaluation, and utilization, 5<sup>th</sup> ed. USA: Lippincott Williams & Wilkins, 2000. 261-274p.

DESMARAI, A.A. Keeping people on the land. **LEISA Magazine**. v.23, n.1, 2007.

DI STASI, L.C., HIRUMA, C.A., GUIMARÃES, E.M., SANTOS, G.M. Medicinal Plants popularly used in Brazilian Amazon. **Fitoterapia**. v.65, n.6, 1994.

DI STASI, L. C., HIRUMA, C.A., GUIMARÃES, E.M., SANTOS, G.M. Medicinal plants popularly used in the Brazilian tropical Atlantic forest. **Fitoterapia**. v.73, n.1, p.69-91, 2002.

DIAS, R.B. “Eu? Eu estou aí, compondo o mundo”.Uma experiência de controle de endemia, pesquisa e participação popular vivida em Cansanção, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**. v.14, s.2, p.149-157, 1998.

EIV – III Estágio Interdisciplinar de Vivência em Áreas de Reforma Agrária de Minas Gerais. Palestra **Estrutura e Organicidade do MST**. Minas Gerais, 2005.

ELISABETSKY, E.; SHANLEY, P. Ethnopharmacology in the brazilian Amazon. **Pharmacology and Therapeutics**. v.64, p.201-14, 1994.

EVANGELISTA, D.W.; ABREU, M.B.; SANAVRIA, A. A agroecologia na promoção da saúde, estudo de caso do assentamento Ilha Grande. **CD dos Anais do IV Congresso Brasileiro de Agroecologia**, 2006. 5p.

FALS BORDA, O. **Aspectos Teóricos da Pesquisa Participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular** in BRANDÃO, C.R. Pesquisa participante, 7<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988. 211p.

FERNANDES, B.M. **A Formação do MST no Brasil**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000. 319p.

FRANCO, M.A.S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e pesquisa**. v.31, n.3, p.483-502, 2005.

FREIRE, P. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação – Introdução ao Pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979. 102p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Brasil: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1997. 165 p.

GARCIA, A. A sociologia rural no Brasil: entre escravos do passado e parceiros do futuro. **Sociologias**. ano 5, n.10, p.154-89, 2003.

GASKELL, G. **Entrevistas individuais e grupais** in BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Eds) Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p.64-89.

GRZYBOWSKI, L.M.C (org.) **A horta intensiva familiar**. Rio de Janeiro, s/d. 52p.

GUILLÉN, A. **Socialismo libertário**. in ALBERT, M.; CHOMSKY, N.; ORTELLADO, P.; BOOKCHIN, M.; GUILLÉN, A. Autogestão hoje: teorias e práticas contemporâneas. Coletivo Faísca Publicações Libertárias, s/d. 81p.

HAAK, H. Padrões de consumo de medicamentos em dois povoados da Bahia (Brasil). **Revista de Saúde Pública**. v.23, n.2, p.143-51, 1989.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**, 9ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. 224p.

HARE, P. **Handbook of Small Group Research**. New York: The Free Press, 1962. 512p.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Cidades@**: Dados sobre o município de Nova União. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Consulta em junho de 2007.

ILLICH, I. **A expropriação da saúde**: Nêmesis da medicina, 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975. 196p.

JOYEUX, M. **Autogestão, gestão operária, gestão directa**. A Batalha, 1975. 48p.

KITCHIN, R. Using participatory action research approaches in geographical studies of disability: some reflections. **Disability Studies Quarterly**. v.21, n.4, p.61-99, 2001.

LACEY, A.; LUFF, D. **Trent Focus for Research and Development in Primary Health Care**: Qualitative Data Analysis. Trent Focus, 2001. 35p.

LEWIN, K. **Problemas de dinâmica de grupo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1948. 242p.

LINHARES, M.Y.; SILVA, F.C.T. **Terra prometida**: Uma história da questão agrária no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1999. 211p.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas Medicinais do Brasil: nativas e exóticas**. São Paulo: Instituto Plantarum, 2002. 512p.

MACIEL, M.I.E. **A metodologia da pesquisa-ação sob o prisma das contribuições de Habermas** – Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Departamento de Psicologia da UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 172p.

MAHADY, G.B. Global harmonization of herbal health claims. **Journal of Nutrition**. v.31, n.3s., p.1120S-3S, 2001.

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento / Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. **Plantas Medicinais: orientações gerais para o cultivo - I**. Brasília, 2006. 47p.

MELLO, M. **Pesquisa participante e educação popular**: da intenção ao gesto. Porto Alegre: Isis Editora. s/d. 107p.

MENDES, G.B.B. Uso racional de medicamentos. **Medical Master: Anais de Atualização Médica**. v.2, tomo III, 1995.

MINAYO, M.C.S. **Saúde e doença como expressão cultural**. In: FILHO, A.A.; MOREIRA, C.G.B. (Organizadores). Saúde, trabalho e formação profissional. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1997. 136p.

MINICUCCI, A. **Dinâmica de Grupo**: Teorias e Sistemas. São Paulo: Atlas, 1982. 300p.

MOLES, A. **As ciências do impreciso**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. 371p.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a. 344p.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005b. 120p.

MORISSAWA, M. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001. 256p.

MORSE, J.M.; FIELD, P.A. **Qualitative research methods for health professionals**, 2a ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1995. 272p.

NOGUEIRA, R.P. A segunda crítica social da Saúde de Ivan Illich. **Interface: comunicação, saúde e educação**. v.7, n.12, p.185-90, 2003.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **International Conference of Drug Regulatory authorities**. Disponível em <[www.who.int](http://www.who.int)>. Acesso em outubro de 2004.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE – OPAS. **Declaração de Alma-Ata**. Disponível em <[www.opas.org.br/coletiva/uploadArq/Alma-Ata.pdf](http://www.opas.org.br/coletiva/uploadArq/Alma-Ata.pdf)>. Acesso em setembro de 2005.

PACÍFICO, D.; TEIXEIRA, I. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável. **CD dos Anais do IV Congresso Brasileiro de Agroecologia**, 2006. 4p.

PAIXÃO, H.H. Saúde e doença: um estudo de representação social. **Arquivos do Centro de Estudos do Curso de Odontologia**. v.23, n.1-2, p.9-17, 1986.

PEREIRA, J.M.M. A disputa político-ideológica entre a reforma agrária redistributiva e o modelo de reforma agrária de mercado do banco mundial (1994-2005). **Sociedade e estado**. Brasília, v. 20, n.3, p.611-646, 2005.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O Processo Grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 239p. **confirmar ano com Carmem**.

RDH – **Relatório de Desenvolvimento Humano**, 2006. Disponível em <<http://www.pnud.org.br/rdh>>. Consulta em junho de 2007.

RECLUS, E. **A evolução, a revolução e o ideal anarquista**. São Paulo: Imaginário, 2002. 136p.

REDE de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas. **Composto Orgânico**. 2ª ed. Série Tecnologias Alternativas, n.2. 1991. 18p.

RODRIGUES, J.T. A medicação como única resposta: uma miragem do contemporâneo. **Psicologia em estudo**. v.8, n.1, p.13-22, 2003.

ROPER, J.M.; SHAPIRA, J. **Ethnography in nursing research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2000, 160p.

SALES, I.C.; FERRO, J.A.S.; CARVALHO, M.N.C. Metodologia de aprendizagem da participação e de organização de pequenos produtores. **Cadernos CEDES**. v.12, p.32-44, 1984.

SANTOS, H.; IGLÉSIAS, P.; FERNÁNDEZ-LLIMÓS, F.; FAUS, M.J.; RODRIGUES, L.M. Consenso de granada sobre problemas relacionados com medicamentos, **Acta médica portuguesa**. v.17, p. 59-66, 2004.

SETOR DE FORMAÇÃO do MST. **O funcionamento das brigadas do MST**. São Paulo, 2005. 62p.

SETOR ESTADUAL DE SAÚDE do MST – MG. **Síntese: Planejamento 2007 do Setor Saúde**. Governador Valadares, 2007. 9p.

SETOR NACIONAL DE SAÚDE do MST. **Cartilha de Saúde n.5: Construindo o Conceito de Saúde do MST**. Brasil: s/ ed, 2000. 55p.

SILVA, F.N.M **Horta caseira: saúde e lazer em casa**. Volta Redonda: Prefeitura Municipal de Volta Redonda, 1989. 21p.

SILVA, L.F.; SOUSA, F.; OLIVEIRA, L.; MAGANO, O. A comunidade cigana e o etnocentrismo da instituição médica de saúde comunitária. **Actas do IV Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. 2000.

SMITH, J.K. Quantitative versus qualitative research: an attempt to clarify the issue. **Educational Research**. v.12, n.3, p.6-13, 1983.

SOF (Ed.) **Agricultura na sociedade de Mercado: as mulheres dizem não à tirania do livre comércio**. São Paulo, 2006, 48p.

SPCMA – Setor de Produção, Cooperação e Meio Ambiente do MST. **Balço político da cooperação no MST**: Caminhos percorridos e seus limites. 2006a. 8p.

SPCMA – Setor de Produção, Cooperação e Meio Ambiente do MST. **Os assentamentos no centro de nossas ações**. 2006c. 11p.

SPCMA – Setor de Produção, Cooperação e Meio Ambiente do MST. **Um novo impulso para a organização dos assentamentos e da cooperação**. 2006b. 8p.

SPCMA – Setor de Produção, Cooperação e Meio Ambiente do MST. **Sistematização de experiências agroecológicas do MST**, v.1. São Paulo: CONCRAB/CCA-SP, 2007. 75p.

STEDILE, J.P. **Latifúndio**: o Pecado Agrário Brasileiro, 2ª ed. São Paulo: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2003. 72p.

STEDILE, J.P. **Questão agrária no Brasil**, 8ª ed. São Paulo: Atual, 1997. 71p.

TESSER, C.D. Medicalização social (II): limites biomédicos e propostas para a clínica na atenção básica. **Interface: comunicação, saúde e educação**. v.10, n.20, p.347-62, 2006.

THIOLLENT, M. J.-M. Aspectos qualitativos da metodologia de pesquisa com objetivos de descrição, avaliação e reconstrução. **Cadernos de Pesquisa**. v.49, p.45-50, 1984.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 12ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003. 108p.

THOREAU, H.D. **Walden**, ou, A vida nos bosques. Tradução de Astrid Cabral. São Paulo: Global, 1984. 331p.

TURATO, E.R. **Tratado de metodologia clínico-qualitativo**. Petrópolis: Vozes, 2003. 686p.

UDE, W. **Redes Sociais**: Possibilidade metodológica para uma prática inclusiva *in* CARVALHO, C.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M.; UDE, W. Políticas Públicas, 1ª reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

VAZ, N. **Autopoiese: A criação do que vive: as idéias de Maturana e Varela sobre sistemas vivos** in GARCIA, C.; SILVA, E.M.P.; VAZ, N. (org.) Um novo paradigma em ciências humanas, física e biologia. Belo Horizonte: Editora UFMG/PROED, 1987. 103p.

WAGNER, H. Multitarget therapy – The future of treatment for more than just functional dyspepsia. **Phytomedicine**. v.13, s.1, p.122-29, 2006.

WERNER,D; BOWER, B. **Aprendendo e ensinando a cuidar da saúde**: manual de métodos, ferramentas e idéias para um trabalho comunitário. São Paulo: Paulus, 1984. 473p.

## ANEXO 1

### Relatorias do Dia de Saúde no *Ho Chi Minh*

#### Relatoria da brigada Manuelzão

Aonde vemos saúde?

No clima, que é bom para as crianças viverem. Na água, na natureza, no ar puro, no rio sem poluição. A alimentação que a gente mesmo pode plantar tem muita saúde. Buscar a alimentação na horta é muita saúde. O peixe que pescamos no rio. Elementos que acabam com qualquer depressão ou problema emocional.

No acampamento vivemos o presente. Ficamos longe da violência. A confiança que temos uns aos outros no acampamento. Poder sair e deixar a barraca aberta.

Apesar de sofrida, viver no meio dessa gente é só tranquilidade. Antes de entrar para o movimento tínhamos vários problemas emocionais que hoje não temos mais. Os próprios problemas de saúde, como pressão alta, não atingem mais tanto a gente quando estamos aqui. Hoje não preocupamos tanto em tomar remédio, enquanto na cidade, a comida, o remédio faz mal. O ambiente do acampamento evita a medicalização.

Aonde não vemos saúde?

Nos carrapatos, insetos, cobra, barbeiro, quando não sabemos como tratar uma picada, um machucado, não sabemos o que fazer de imediato.

No lixo, quando não tratado, se não houver um controle. Nos animais que vem com o lixo.

No esforço físico exagerado que fazemos.

Na ação do homem que desmata a floresta, seca o rio, polui a terra, promovendo a doença.

O que tem a ver saúde com meio ambiente?

Água contaminada, água parada, lixo acumulado geram doenças. Devemos preservar as nascentes, os animais, as árvores, os rios, pois sem uma ambiente saudável não temos saúde.

O que tem a ver saúde com reforma agrária?

Com a reforma agrária, produzimos alimentos saudáveis, puros, temos trabalho, e com ele, temos saúde.

Se saúde é tudo que pontuamos acima, como fazer reforma agrária sem saúde?

A reforma agrária não é só terra, lutamos para que nossos netos vivam bem, com dignidade.

Ter saúde é poder estar no MST se organizando.

#### Relatoria da brigada Che Guevara

O que se vê sobre saúde na área das barracas do assentamento? Percorremos a área. Foram feitos comentários sobre o ar do local, e todos demonstraram alívio de não estar mais convivendo com a poluição da cidade. Disseram que inclusive crianças que tinham problemas respiratórios tinham parado de apresentar sintomas após a mudança.

A ocupação organizada do espaço traz saúde. A beleza por si só não traz saúde. O que é feito para os ricos pode ter saúde também, como morar num barraco de lona, o que não impede de termos saúde.

Foram tecidos comentários sobre o meio ambiente e o lençol freático.

Foram discutidas também saúde mental, espiritual e social (convívio entre as famílias, pensar no coletivo). A importância de se pensar novos valores para as relações humanas para se ter saúde.

Saber/conhecer também é ter saúde.

Na cidade, no mundo capitalista a gente tem que comprar saúde, na forma de consultas e remédios. Aqui, com a organização do movimento, a gente é construtor da própria saúde.

Foi ressaltada a importância de manter as barracas limpas e organizadas, e também higiene pessoal. Alimentação foi discutida, sendo trazidas à tona pela observação do galinheiro, que "dá carne e ovos". A horta também foi discutida, tanto para alimentação quanto para o plantio de ervas medicinais.

Foram igualmente discutidas: organização do espaço, tipo de moradia, prevenção de doenças, dose de medicamentos, violência urbana, vícios, fossa, herbicidas, transgênicos, relação entre marido e esposa, estética do ambiente, compra de saúde, apropriação de sua própria saúde, importância do trabalho, posto de saúde, vacinação infantil, programa de saúde da família, conselho de saúde e importância da conscientização e do saber.

## Relatoria da brigada Chico Mendes

A relação da terra e do meio ambiente com a saúde foi bastante discutida nessa brigada. A ausência de química nos alimentos e a água pura trazem saúde. O ambiente harmonioso como aspecto importante para a recuperação de problemas de saúde. O meio ambiente deve ser preservado para manter o bem estar. Também contribuem para o bem estar: higiene, viver feliz, ter cabeça boa e relação harmoniosa entre todos. A importância do movimento para superar os vícios como droga, por exemplo. Saúde associada à paz, ao bom relacionamento entre as pessoas.

Importante preservar o rio para conquistar saúde.

Foi discutida a relação do trabalho com a saúde. Trabalhar com harmonia e alegria traz conquistas. O trabalho alienante não permite que se crie vínculos de amizade entre os trabalhadores. Também não gera o auto-cuidado com a saúde. O sentido do trabalho é muito importante para a saúde que queremos.

A qualidade das sementes e o bom manuseio da terra garantem alimento de qualidade e possibilitam que se tenha um solo saudável e a água limpa.

Ter anseio para garantir a limpeza do ambiente, a qualidade de vida e a saúde.

Importância de uma horta de plantas medicinais para permitir a utilização de remédios naturais por parte dos camponeses.

## ANEXO 2

### Trechos do texto “Sem Saúde não há Reforma Agrária”, de Ademar Bogo.

Que relação tem a saúde com a Reforma Agrária? A resposta para esta pergunta é muito simples: com um povo doente e enfraquecido jamais chegaremos à verdadeira Reforma Agrária. De nada valeria lutarmos tanto e chegarmos a um dia à vitória de vermos a terra livre mas nosso povo escravo das doenças, vícios, venenos, agrotóxicos e outras deformações que diminuem a dignidade do ser humano.

A primeira grande tarefa de nossa área de saúde é desenvolver em nossos camponeses a sabedoria sobre a vida humana como valor fundamental. Conhecer primeiro o corpo humano desde a sua fecundação, gestação e evolução física, psicológica e ocupacional. Assim saberemos como tratar uma mãe que está gerando uma nova pessoa, quais os cuidados que devemos ter com os dois. Como funciona o corpo humano e os cuidados que devemos ter com ele. Como funciona a mente humana e como usar a força física nas diferentes fases da vida no trabalho para produzir a própria existência.

Ao conhecermos isto, facilmente entenderemos que a vida humana não se sustenta simplesmente por "enfiarmos" alimentos pela boca, mas precisa também de cuidados, proteção, carinho, alegria, beleza, poesia e prazer. Muitas vezes sabemos mais como funciona o motor do trator do assentamento e somos radicais no cumprimento dos prazos de revisão e não sabemos como funciona a sexualidade do homem e da mulher. Qualidade de vida não é apenas comer, dormir, trabalhar e ter saúde, isto porque o corpo humano não se compõe apenas de três partes, como nos ensinam: cabeça, tronco e membros. Temos coração, sentimentos, paixões, esperanças e sonhos. É esta sabedoria que devemos assimilar para prevenir e curar doenças. Há um provérbio sertanejo que diz: "quem canta seus males espanta". Significa que a tristeza, a raiva, a rudeza trazem doenças.

Quando uma terra está cansada de produzir alimentos a classe dominante ensina que devemos jogar adubos químicos. Quando as plantas adoecem nos ensinam a jogar venenos. Quando é tempo de plantar nos ensinam a comprar sementes selecionadas e transformadas. Assim, o ser humano, em nome da produção, transforma paisagens, envenena e seca as águas dos rios, elimina espécies de plantas, insetos e animais silvestres. Desta forma o ser humano irá eliminando aos poucos a sua própria espécie. Aprendemos errado que "o ser humano é o senhor da natureza" e por isso deixamos de ouvir, pois o "senhor" não ouve, determina. Como não aprendemos a ouvir os gemidos da terra e da natureza, esquecemos de perguntar e a destruímos, destruindo lentamente a possibilidade das futuras gerações humanas satisfazerem suas necessidades. Não há como garantir melhor qualidade de vida humana se não desenvolvermos formas de melhorar a qualidade de vida da terra e da natureza. Para isto, a primeira atitude que devemos ter é parar para ouvir, sempre que vamos tocar na terra e na natureza, para saber o que ela tem a nos dizer.

Não estamos à procura, nesta caminhada, de apenas forjar a libertação da terra, mas também da construção de novos seres humanos, e isto é impossível sem o valor da solidariedade. A solidariedade precisa renascer dentro de uma nova consciência humana, pois ela não deve significar "colaboração", mas partilha principalmente das soluções dos problemas que visam a conquista da dignidade humana. Sendo assim, nas áreas de Reforma Agrária deve renascer a solidariedade com conteúdo próprio e se estender como o perfume das rosas sobre todas as comunidades próximas, onde as pessoas são vítimas de todas as formas de exploração e dominação ideológica. Viver, portanto, se torna um dever social, onde uma vida deve estar a serviço da outra vida, para que as duas caminhem em busca da perfeição. A solidariedade renasce sempre que descobrimos ou realizarmos algum invento e o colocarmos à disposição dos demais seres humanos, e não simplesmente buscar espaço no mercado para vendê-lo. Os pobres inventam a luta para viver melhor e ela sempre será a principal ferramenta para conquistar direitos e defender a vida.

A luta pela Reforma Agrária é também a luta para ter saúde e melhor qualidade de vida dentro de nossas comunidades. A de produzir não é maior que a de preservar, proteger, amar e se alegrar. A Reforma Agrária é uma luta de todos porque suas razões estão na conquista da dignidade e na construção da felicidade para toda a coletividade.

## ANEXO 3

### Roteiro de entrevista

**UFMG**  
FACULDADE DE FARMÁCIA  
DEPARTAMENTO DE FARMÁCIA SOCIAL

Entrevista número \_\_\_\_\_

Data:

Nome:	
Data de nascimento:	Local de nascimento:

- 1) Você viveu a maior parte da sua vida, até agora, no campo ou na cidade? Como foi viver \_\_\_\_\_ (no campo/na cidade)?
- 2) Mas você se considera uma pessoa “da cidade” ou “do campo” (urbana ou rural)? Isso é uma coisa boa ou ruim?
- 3) Quando você entrou pro MST?
- 4) Sobre sua saúde e a de sua família, você vê diferenças comparando antes e depois de entrar pro MST? Como você descreveria para alguém que não conhece o movimento?
- 5) Como é a situação de saúde das pessoas do assentamento? (Me conte mais sobre isso.)
- 6) Você usa (ou já usou) plantas medicinais?
  - a. Que tipo de remédio você sabe preparar com as plantas (chás, xaropes...)?
  - b. Com quem você aprendeu sobre as plantas medicinais?
  - c. Você tem alguma história interessante para contar sobre o uso de plantas medicinais?
- 7) Na sua opinião, qual é a importância de se recuperar a prática de usar os remédios de plantas?
- 8) Para você, qual é o significado de poder e saber usar as plantas medicinais?
- 9) O que você está achando da minha presença e do meu trabalho aqui no assentamento?
- 10) Por que será que as pessoas daqui não se envolveram mais no trabalho com as plantas?
- 11) Você tem mais alguma coisa para me dizer?
- 12) Você quer me perguntar alguma coisa?

## ANEXO 4

### Autorização do MST



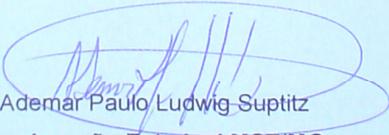
**MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA**  
Rua São Paulo, 818 - 12º Andar - Sala 1201, Centro  
Cep. 30.170-131 - Belo Horizonte  
PABX: (31) 3222 - 3879 Correios Eletrônicos: [mstmg@mst.org.br](mailto:mstmg@mst.org.br)

---

### AUTORIZAÇÃO

Eu, Ademar Paulo Ludwig Suptitz, Coordenador Estadual do MST- MG, portador da Identidade N° 9065538861, SSP-RS, concedo a permissão necessária à estudante do Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, nível mestrado, Ana Cimberlis Alkmin a desenvolver o trabalho **“Utilização de Plantas Medicinais em Assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra: Pesquisa-Ação”** no pré-assentamento *Ho Chi Minh*, no município de Nova União.

Belo Horizonte, 15 de fevereiro de 2006



Ademar Paulo Ludwig Suptitz  
**Coordenação Estadual MST/MG**

**MST rumo ao 5º Congresso Nacional!**

## ANEXO 5

### Programação de eventos

#### Programação do Seminário de Plantas Medicinais

- 1) Apresentação do evento e do planejamento para o dia.
- 2) Apresentação dos presentes através da técnica: “Se eu fosse uma planta, qual seria e por quê?”.
- 3) A pesquisadora fez uma fala sobre o tema “plantas medicinais”, constando de elementos históricos e políticos (patentes, biopirataria, biodiversidade brasileira, quadro nacional e internacional, complementariedade entre saberes populares e científicos, grandes indústrias farmacêuticas, dentre outros).
- 4) Foram propostas duas perguntas para os/as assentados/as, e estes(as) se dividiram em dois grupos para que cada grupo debatesse uma delas. As perguntas eram: ‘Quais são os aspectos políticos do uso de plantas medicinais no MST?’ e ‘Quais são as vantagens e desvantagens de se usar os ‘remédios do mato’ e os ‘remédios da farmácia?’.
- 5) Debate com todos/as.
- 6) Lanche.
- 7) Explicação sobre o problema de selecionar os/as participantes da oficina de plantas medicinais. Explicar a importância de haver na oficina pessoas interessadas no assunto e dispostas a se envolver no trabalho, que possam *a priori* participar dos encontros nos fins de semana. Foi acordado que se fossem poucos/as voluntários/as (até 15), todos/as participariam. Se fossem mais, seria feita votação.
- 8) Conversa sobre possíveis locais para fazer a horta. Ao fim do Seminário, os/as participantes decidiram alongar essa atividade para a manhã dia seguinte.
- 9) Alguns/mas assentados/as e alguns membros do TERRAS fizeram a avaliação do Seminário.

#### Programação da Assembléia do Lixo: Ecologia e Saúde

- 1) Mística feita pelos/as assentados/as.
- 2) Debate: O que é o Lixo para você?
- 3) Fala feita pela pesquisadora e pelos outros membros do Coletivo TERRAS: Definição do Dicionário Aurélio para Lixo (o que se varre da casa, da rua e se joga fora; entulho; coisa imprestável); dados e números sobre a quantidade de lixo que as pessoas produzem diariamente; adubo composto orgânico; importância do reaproveitamento do lixo; problema do uso de adubos químicos; interseção entre os temas lixo, ecologia e saúde; possibilidades de envolvimento dos diversos setores do assentamento.
- 4) Propostas e encaminhamentos.

#### Módulos da Oficina de Preparo de Fitoterápicos: conteúdo resumido

- 1º módulo – Introdução teórica (coleta, secagem, armazenagem e extração dos princípios ativos das plantas). Prática: Chá infuso e chá decocto.
- 2º módulo – Prática: Tintura, gotas e pomada 1.
- 3º módulo – Prática: Pomada 2, óleo medicinal, sabonete.
- 4º módulo – Prática: Xarope.

*A existência, a práxis e o projeto do pesquisador partem da história, passam pela história e voltam à história em seu vasto movimento de totalização dialética.*

Renné Barbier (1985)

Será que eu quero atingir rigor? Ou será que isso esvazia a ciência crítica que eu proponho? *Envolvimento* me parece uma opção mais rica e problematizadora do que investir meu tempo com *transferabilidade*. Talvez seja preferível que minha pesquisa vire um livro de ficção, muito mais inspirador e apetitoso do que um frio trabalho científico.

Caderno de Campo, 12/09/2006

Então é isso, né, a nossa história de vida é (...) mais ou menos por aí, né? Dá pra escrever um livro e ainda sobrar. (...) Colocando as palavra no lugar certo, dá, né, Ana?

Maria de Lourdes, 26/10/2006